

CARLA REJANE DE PAULA BARROS CAETANO

**A INTERAÇÃO A PARTIR DE ENTREVISTAS EM LIBRAS:
UM OLHAR ETNOMETODOLÓGICO NA CONVERSA INSTITUCIONAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

C128i
2018

Caetano, Carla Rejane de Paula Barros, 1980-

A interação a partir de entrevistas em Libras : um olhar etnometodológico na conversa institucional / Carla Rejane de Paula Barros Caetano. – Viçosa, MG, 2018.

ix, 95 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Ana Luisa Borba Gediel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 88-95.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Interação social.
3. Ideologia. 4. Linguística aplicada. 5. Linguagem e línguas.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

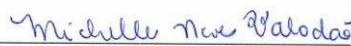
CDD 22. ed. 419

CARLA REJANE DE PAULA BARROS CAETANO

**A INTERAÇÃO A PARTIR DE ENTREVISTAS EM LIBRAS:
UM OLHAR ETNOMETODOLÓGICO NA CONVERSA INSTITUCIONAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 27 de março de 2018.


Michelle Nave Valadão


Wânia Terezinha Ladeira


Ana Luisa Borba Gediel
(Orientadora)

Dedico a *Vitória Hadassa*, presente de Deus que me foi concedido para amar e cuidar, e a *Lindomar*, meu companheiro de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a DEUS, criador de todas as coisas, que me concedeu a vida e tem me guiado a cada passo, sustentando-me nos momentos difíceis e me honrado com bênçãos imerecidas;

Agradeço aos meus pais, *João Carlos e Maria Aparecida*, pelo incentivo e apoio em todas as etapas de minha vida;

Agradeço a minha grande família e também minha sogra, por me apoiarem nessa jornada;

Agradeço aos colegas de turma pelos momentos de crescimento compartilhado;

Agradeço a *Márcia Fernandes* (ouvinte), *Wilson Fernando* e *Charley Soares* (surdos) com os quais muito aprendi sobre a Libras e sobre a cultura surda;

Agradeço a Universidade Federal de Viçosa, instituição que meu avô *Custódio de Barros* colaborou nos primeiros alicerces, onde meu pai prestou serviço conduzindo alunos e professores aos seus campos de pesquisa e onde tive o privilégio de me graduar em Pedagogia e realizar o curso de Pós-Graduação;

Agradeço aos meus colegas intérpretes de Libras pela compreensão e apoio;

Agradeço aos colegas do Departamento de Letras pelo apoio, incentivo e compreensão, e aos professores do programa de Pós-Graduação pelas reflexões promovidas no PPG-Letras;

Agradeço a professora *Michelle Nave Valadão* pela contribuição dada a este estudo no seminário de qualificação;

Agradeço às professoras *Ana Luisa B. Gediél*, minha orientadora, e *Wânia Terezinha Ladeira* pelas discussões que possibilitaram o desenvolvimento deste estudo;

Agradeço aos colegas do IFES – Campus Itapina pela solidariedade e apoio.

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS | vi |
| LISTA DE FIGURAS | vii |
| RESUMO | viii |
| ABSTRACT | ix |
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS..... | 6 |
| 1.1 Libras e as políticas linguísticas na educação de surdos..... | 6 |
| 1.1.1 Libras e seu reconhecimento linguístico | 10 |
| 1.2 A Antropologia Linguística: uma aproximação entre a língua, a cultura e a sociedade | 12 |
| 1.2.1 As Ideologias Linguísticas enquanto discussão presente na AL..... | 15 |
| 1.2.2 Ideologias Linguísticas: uma presença na língua e na interação..... | 16 |
| 1.3 A ACE enquanto campo teórico-metodológico: de onde veio e seus principais pressupostos e compromissos | 20 |
| 1.3.1 A língua de sinais como possibilidade de estudos embasados nos preceitos da ACE..... | 23 |
| 1.3.2 A conversa cotidiana e a conversa institucional: universos de interação..... | 28 |
| 1.3.3 O fenômeno do Reparo enquanto recurso ao entendimento mútuo nas interações | 30 |
| 1.4 Sociolinguística no Brasil: o marco inicial | 34 |
| 1.4.1. Sociolinguística interacional: um novo olhar sobre a interação..... | 34 |
| CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 39 |
| 2.1 Descrição do <i>corpus</i> | 40 |
| 2.1.1 O programa de entrevistas..... | 41 |
| 2.1.2 O perfil dos convidados | 42 |
| 2.1.3 O <i>corpus</i> delimitado..... | 43 |
| 2.2 As questões éticas da pesquisa e o uso de imagens | 44 |
| 2.1. Mas, e quando a pesquisa <i>online</i> não se desenvolve a partir de redes sociais? | 46 |
| 2.3. A natureza da pesquisa e seu percurso de desenvolvimento..... | 47 |
| 2.4. O caminho teórico-metodológico trilhado no presente estudo | 47 |
| 2.4.1 A busca pelos pressupostos teóricos na fase da revisão bibliográfica | 49 |
| 2.4.2 A obtenção dos dados | 50 |

| | |
|---|----|
| 2.4.3. O desenvolvimento da transcrição | 51 |
| 2.4.4 Análise dos dados e discussões elencadas a partir de seus resultados | 54 |
| CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES | 55 |
| 3.1. Contextualizando a investigação | 55 |
| 3.2. Um panorama do bate papo com "Fabíola" e "Geraldo": Índícios ideológicos acerca da relação entre Línguas Orais, Línguas de Sinais, Libras e Línguas de Sinais Estrangeiras | 58 |
| 3.2.1. O bate-papo com "Fabíola" | 58 |
| 3.2.2 Conversando com o <i>chef</i> "Geraldo" | 64 |
| 3.3. A língua evidenciada nas entrevistas | 66 |
| CAPÍTULO 4 - UM OLHAR SOBRE OS DADOS PELA ÓTICA DA ANÁLISE DA CONVERSA ETNOMETODOLÓGICA: A OCORRÊNCIA DO REPARO | 71 |
| 4.1 Discussão dos aspectos emergidos na entrevista com "Fabíola" (Duração total: 21':47") | 73 |
| 4.1.1 Excerto 1 - Discussão dos aspectos emergidos | 74 |
| 4.1.2 Excerto 2 - Discussão dos aspectos emergidos | 76 |
| 4.2 Discussão dos aspectos emergidos na entrevista com "Geraldo" (Duração total 25':59") | 77 |
| 4.2.1 Excerto 3 - Discussão dos aspectos emergidos | 79 |
| 4.2.2 Excerto 4: discussão dos aspectos emergidos | 81 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 84 |
| REFERÊNCIAS | 88 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AC - Análise da Conversação
- ACE - Análise da Conversa Etnometodológica
- ACERP - Associação de Comunicação Educativa Roquete Pinto
- AdaSL - Língua de Sinais Adamorobe
- AL - Antropologia Linguística
- ANPOLL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
- ASL - American SignLanguage
- CM - Configuração de Mãos
- ELAN - EudicoLanguageAnnotator
- Feneis - Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
- INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos
- Libras - Língua Brasileira de Sinais
- LO - Língua Oral
- Los - Línguas Orais
- LP - Língua Portuguesa
- LRT - Lugar Relevante de Transição
- LS - Língua de Sinais
- LSEs - Língua de Sinais Estrangeiras
- LSs - Línguas de Sinais
- MNM – Marcação não-Manual
- NTD - National Theatre of the Deaf
- O - Orientação
- PA / L - Ponto de articulação / Locação
- ProLibras - Exame de proficiência em Libras
- SI - Sociolinguística Interacional
- SSJ - Sacks, Schegloff e Jefferson
- UCT - Unidade de Construção de Turno
- UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
- UFV - Universidade Federal de Viçosa

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Primeira parte do sinal da pesquisadora deste estudo - Letra “C”..... | 61 |
| Figura 2 - Segunda parte do sinal da pesquisadora deste estudo - Sinal de pessoa negra..... | 61 |

RESUMO

CAETANO, Carla Rejane de Paula Barros, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2018. **A interação a partir de entrevistas em Libras: um olhar etnometodológico na conversa institucional.** Orientadora: Ana Luisa Borba Gediél.

O presente estudo envolve duas temáticas discutidas no campo da Linguística Aplicada: o fenômeno do Reparo, a partir dos pressupostos dos estudos em Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G., 1974) e, ainda, traços de Ideologias Linguísticas (KROSKRITY, 2008). Tais pressupostos possibilitam analisar um programa televisivo de entrevista que envolve locutores e interlocutores surdos que se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais. Para que possamos compreender como agem os usuários de uma dada língua é preciso verificar as entrelinhas no decorrer das interações e nos atentarmos às ideologias que a envolvem. Isso nos leva a entender que as construções ideológicas são inerentes ao uso da língua em diversos espaços e situações expressas por grupos, averiguadas a partir dos discursos dos indivíduos. Também percebemos a recorrência do fenômeno do Reparo durante as interações, o qual sempre se manifesta com vistas a sanar os entraves que possam comprometer o entendimento durante a conversa, quer cotidiana, quer institucional. Em relação à descrição e análise dos dados, usufruímos das Ideologias Linguísticas para contextualizar o programa e os discursos nele desenvolvidos, referentes a Libras e a surdez. Percebemos que estas se manifestaram de modo a evidenciar a língua e a cultura surda, com vistas a levar o surdo a sonhar em superar os desafios utilizando-se de sua língua. No que tange ao Reparo, verificamos, por meio das transcrições das conversas estabelecidas nas entrevistas, os turnos constituídos por perguntas e respostas feitas por participantes surdos em Libras. Observamos a ocorrência do Reparo próxima à fonte de problema, ou seja, onde houve um obstáculo que não permitiu o entendimento por parte um dos participantes, gerando a interrupção do turno em andamento. Na maior parte de casos, o Reparo foi iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte de problema, sendo que o outro, em boa parte, era o apresentador, por este iniciar boa parte dos turnos ao fazer as perguntas. Também identificamos uma trajetória de Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro, o que é comum em salas de aulas. Assim, esperamos que este trabalho possa estimular novas pesquisas com foco na interação em Libras, com vistas à compreensão de como tem se dado o uso colaborativo de um meio legal de comunicação e expressão.

Palavras-chave: Libras, Interação, Ideologias Linguísticas, Reparo.

ABSTRACT

CAETANO, Carla Rejane de Paula Barros, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2018. **The interaction from interviews in Libras: an ethnomethodological look at the institutional conversation.** Advisor: Ana Luisa Borba Gediél.

The present study involves two themes discussed in the field of Applied Linguistics: the Repair Phenomenon, based on the assumptions of the studies in Analysis of the Ethnomethodological Conversation - ACE (SACKS, H., SCHEGLOFF, E., JEFFERSON, G, 1974) and also traces of linguistic ideologies (KROSKRITY, 2008). Such assumptions make it possible to analyze a television interview program that involves speakers and deaf interlocutors who communicate through the Brazilian Language of Signals - Pounds. In order for us to understand how the users of a given language act, it is necessary to check between the lines in the course of the interactions and to pay attention to the ideologies that involve it. This leads us to understand that ideological constructions are inherent to the use of language in diverse spaces and situations expressed by groups, ascertained from the discourses of individuals. We also noticed the recurrence of the Repair phenomenon during the interactions. This phenomenon always manifests itself in order to remedy the obstacles that may compromise the understanding during the conversation, whether daily or institutional. Regarding the description and analysis of the data, we use Linguistic Ideologies to contextualize the program and the discourses developed in it, concerning Libras and deafness. We noticed that these were manifested in order to highlight the language and deaf culture, in order to lead the deaf to dream of overcoming the challenges using their language. Regarding Repair, we verified, through the transcripts of the conversations established during the interviews, the turns consisting of questions and answers made by deaf participants, in Pounds. We observed the occurrence of Repair close to the problem source, that is, where, for some reason, there was an obstacle, at the moment of the communication made, that did not allow the understanding on the part of one of the participants, generating the interruption of the shift in progress. In most cases it was initiated by the other and carried out by the speaker of the problem source, where the other was in good part the presenter for this to start a good part of the turns when asking the questions. We have also identified a Repair trajectory initiated and carried out by the other, which is common in classrooms. Thus, we hope that the presentation may stimulate new research focused on the interaction in Libras, with a view to understanding how the collaborative use of a legal means of communication and expression.

Keywords: Pounds, Interaction, Language Ideologies, Repair.

INTRODUÇÃO

O meu envolvimento com a Língua Brasileira de Sinais - Libras¹, língua que compõe o foco de interesse do presente estudo, pode ser traçado a partir de 2003, ano que passei a frequentar um seguimento religioso que tinha surdos participantes nos cultos. Naquela época, eu ainda não fazia ideia de que aquele conjunto de gestos (como eu os via até então) se tratava, na verdade, de uma língua, inclusive já reconhecida no Brasil por meio da Lei nº 10.436, em 2002. Foi a partir de então que comecei a dar os primeiros passos em direção ao aprendizado da Libras, que, pouco a pouco, foram ganhando mais velocidade por meio de cursos variados no âmbito acadêmico, envolvendo a língua de sinais. Do contexto religioso, do qual não me distanciei, parti para o campo profissionalizante até me tornar intérprete na escola regular e, posteriormente, no nível superior.

A partir do momento em que comecei a atuar no ensino superior enquanto profissional intérprete de Libras/Português surgiu meu interesse em pesquisar a interação em Língua de Sinais. Em 2015, ano em que ingressei como aluna não-vinculada² na disciplina Interação em sala de aula, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Viçosa - UFV, esse desejo de estudar e analisar a interação sinalizada começou a se consolidar mediante as reflexões alavancadas durante as aulas. Na ocasião, participei de muitas discussões e leituras no contexto da Análise da Conversa Etnometodológica - ACE e da Sociolinguística Interacional - SI. Todas essas discussões me motivaram e apoiaram as reflexões para o desenvolvimento da pesquisa acerca de *Um olhar sobre a Interação em Língua Brasileira de Sinais – Libras à luz da Análise da Conversa Etnometodológica: a ocorrência do reparo na conversa sinalizada*³. Essa pesquisa, que foi desenvolvida anteriormente a este estudo, teve as contribuições das discussões advindas de uma disciplina

¹ Siglas com quatro letras ou mais devem ser escritas com todas as letras maiúsculas quando cada uma de suas letras ou parte delas é pronunciada separadamente, ou somente com a inicial maiúscula, quando formam uma palavra pronunciável. Ex.:

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Masp – Museu de Arte de São Paulo

Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

<<http://www.soportugues.com.br/secoes/abrev/abrev9.php>>. Acesso em: 05 out. 2017.

² Aluno não-vinculado é aquele que se matricula na disciplina sem, entretanto, estar oficialmente ligado ao programa por meio de aprovação em processo seletivo.

³ Congresso realizado no período de 31 de agosto a 02 de setembro de 2016, pelo Curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, em parceria com Abralín (Associação Brasileira de Linguística), em Maceió, cujo foco foram estudos linguísticos acerca da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

da pós-graduação voltada para a interação em sala de aula, sob a orientação da professora Wânia Ladeira e, posteriormente, apresentada no congresso Abralín: Libras em Cena (2016).

Motivada a continuar estes estudos, ingressei enquanto estudante regular do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV, prevalecendo em mim o interesse em pesquisar a interação em Libras. Desse modo, continuei os estudos da ACE, tendo por subsídio as contribuições da área da Sociolinguística Interacional - SI em conjunto com o campo da Antropologia Linguística - AL.

Nessa trajetória, cursei uma disciplina de tópicos especiais, cujo programa contemplava discussões acerca das práticas sociais e linguísticas envolvendo línguas de sinais. Tais discussões realizadas ao longo do processo de inserção nesse campo trouxeram um conjunto de questionamentos, os quais deram início ao desenvolvimento desta pesquisa, sendo eles: como se manifestam essas práticas em interações realizadas por meio de uma língua sinalizada? Como é possível identificar esses aspectos interacionais e como descrever o que acontece nos turnos de fala durante entrevistas? Será o fenômeno de Reparo, que ocorre nas interações em línguas orais com vistas a sanar dúvidas que possam prejudicar o entendimento, perceptível nessa modalidade de interação?

Partindo do pressuposto de que o interesse tanto da SI, quanto da AL, está para o estudo da língua e das diferentes formas como os sujeitos se relacionam com esta, conforme o contexto em que estão inseridos, é que se dá este estudo. Portanto, o objetivo geral da pesquisa foi apresentar as trajetórias de Reparo na interação institucional em Libras, a partir dos pressupostos dos estudos em Análise da Conversa Etnometodológica - ACE; e em apresentar os traços de Ideologias Linguísticas durante um programa televisivo de entrevista, que envolve locutores e interlocutores surdos, os quais se comunicam por meio da Libras. Para tanto, este estudo desenvolveu os seguintes objetivos específicos:

- Descrever a contextualização do espaço de interação em Língua de Sinais - LS, proposto no presente estudo, verificando os principais marcadores da LS;
- Identificar indícios de ideologias relacionadas a Libras e seu uso nos espaços sociais, nas interações entre interlocutores surdos em um programa de entrevista;
- Descrever e analisar nas tomadas de turno das entrevistas as trajetórias de Reparo conforme a ACE, tendo interlocutores surdos como participantes da ação social construída conjuntamente.

O *corpus* deste estudo é composto por duas entrevistas exibidas em um canal de TV brasileiro, em um programa de entrevistas, com entrevistador e entrevistados surdos e

sinalizantes. Foram eleitas e analisadas duas entrevistas desse programa, uma delas realizada com "Fabíola" (F), uma profissional surda da área de vídeo editoração; e, a outra, com "Geraldo" (G), um gastrônomo surdo reconhecido internacionalmente⁴. Tais entrevistas estão disponibilizadas no *site* da TV. No decorrer dos vídeos, observamos os elementos constitutivos da fala-em-interação conforme os estudos da ACE e analisamos o “jogo” interacional ali desenvolvido. Trata-se, portanto, de um olhar sobre a interação institucional que se alinha aos estudos em ACE desenvolvidos atualmente no Brasil.

São poucas as pesquisas relacionadas à análise da conversa nas línguas de sinais, mas, já podemos encontrar alguns trabalhos iniciados nesta linha, tais como Leite (2008); Ferreira (2008); Medeiros e Ferreira (2010). Considerando a relevância dos estudos mencionados, temos pistas das possibilidades advindas da interação sinalizada e, por conseguinte, nos interessa compreender se durante as interações institucionais, mediadas pela língua de sinais, posições ideológicas podem ser captadas e, da mesma forma, o fenômeno do Reparo, conforme nas interações em línguas orais.

Em relação às Ideologias Linguísticas, este trabalho está atrelado às noções discutidas por Kroskrity (2004, 2008) na linha da AL, que as entende como um conjunto de crenças e percepções dos grupos sociais por meio da linguagem. Neste contexto, os variados grupos sociais simbolizam uma ideia de linguagem e de discurso como algo construído conforme interesses sociais e culturais específicos, de tal modo que estas ideologias se tornam capazes de criar e também representar variadas identidades. Analisamos as Ideologias Linguísticas presentes em alguns dos discursos sinalizados durante as entrevistas, os quais foram observados por meio das sinalizações, dos olhares e das expressões em relação à própria língua, identidades e cultura. Tal discussão teórica nos apoiou a contextualizar a agentividade do sujeito nas interações sociais, a partir de uma perspectiva êmica.

Acerca do Reparo, este é definido a partir do surgimento de empasses ao longo da interação que podem estar ligados a problemas de escuta (ou percepção visual no caso de sujeitos surdos), produção ou entendimento. Os estudos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1977), por meio da observação detalhada de um certo volume interações, identificaram a ocorrência sistemática de mecanismos para resolução de problemas que comprometiam o entendimento entre os participantes.

⁴ Os nomes apresentados nesse trabalho são fictícios, tendo em vista resguardar a identificação das pessoas, por questões éticas da pesquisa.

Levando em conta os propósitos do trabalho, selecionamos algumas das interações ocorridas durante as entrevistas e identificamos a ocorrência do Reparo, presentes recorrentemente nas interações face a face, conforme os estudos da ACE. Assim, foram observadas e analisadas as interações entre interlocutores surdos, entrevistador e entrevistados(as), descrevendo as tomadas de turno e a ação social e institucional construída conjuntamente nessas interações. Com isso, foi possível compreendermos as razões de determinadas ações, seleções de termos, hesitações, estilos e gestos⁵ utilizados no contexto midiático a partir da análise das interações em Libras.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos, sendo que o primeiro apresenta a base teórica que sustenta o desenvolvimento do trabalho. A descrição teórica colaborou para contextualizar as interações que se desenvolvem nas entrevistas selecionadas e favoreceu o entendimento tanto do fenômeno do Reparo quanto das questões ligadas às Ideologias Linguísticas. A partir dos pioneiros nos estudos em ACE, que denominaram como “Organização do Reparo” os mecanismos utilizados pelos falantes para resolução dos problemas surgidos nas interações, seguimos a linha argumentativa. A ACE também foi contemplada dentro dos estudos em SI, ambos os campos de estudo compreendem a conversa como uma ação social co-construída e, portanto, apoiam e subsidiam a discussão e análise dos dados.

O segundo capítulo foi destinado aos procedimentos metodológicos, os quais são pensados a partir da ideia de que não há consenso ou ponto de partida na produção do conhecimento. Nessa mesma linha, consideramos que a análise dialética dos dados é possível pelo fato de que os resultados de uma pesquisa em Ciências Sociais são, na verdade, uma aproximação da realidade social, que não pode ser reduzida a dado algum de pesquisa (GOMES, 1994). Assim sendo, a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para ser mais bem compreendida. Por se tratar de uma pesquisa on-line, este capítulo também aponta essa modalidade como algo emergente na pesquisa qualitativa que tem tornado-se possibilidade metodológica na atualidade, como se observa em Mendes (2009).

O terceiro e o quarto capítulo apresentam os resultados e as discussões deste estudo, em conjunto com a análise dos dados, em que foram abordados alguns aspectos da interação social e do uso da língua tendo por base os estudos da AL e SI.

⁵ Estudos recentes em LSs, Wilcox (2004), McCleary e Viotti (2011) têm entendido os gestos como elementos de um único sistema cognitivo e, por isso, são parte do conjunto de recursos linguísticos que emergem na interação entre as pessoas e, ao mesmo tempo, são componentes das línguas, quer faladas, quer sinalizadas.

No terceiro capítulo, descrevemos a contextualização do local das entrevistas, dos participantes e as principais observações acerca das ideologias presentes durante as entrevistas, no que se refere à importância da Libras, levando em consideração o processo histórico do movimento surdo, sua cultura e da língua de sinais no Brasil.

Em relação ao quarto capítulo, trouxemos excertos que apontam nuances da interação sinalizada. Além disso, discutimos alguns excertos, agora especificamente sob a ótica da ACE. E, ainda nesse tópico, identificamos se tal fenômeno segue as mesmas trajetórias já identificadas nos estudos em línguas orais. A saber: Reparo iniciado e levado a cabo pelo falante da fonte do problema; Reparo iniciado pelo falante da fonte do problema e levado a cabo pelo outro; Reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte do problema; e reparo iniciado e levado a cabo pelo outro.

Fechando, por ora, este estudo, apresentamos as considerações finais acerca do que os dados revelaram por meio das reflexões a partir de alguns pontos ou teorias que estão vinculados aos pressupostos da AL, SI e ACE.

Importa mencionar que no Brasil ainda não temos pesquisas dedicadas especificamente a AC institucional, por meio de entrevistas sinalizadas entre surdos, e, por esse motivo, acreditamos ser pertinente um estudo que se proponha a averiguar se o fenômeno do Reparo é recorrente na conversa institucional sinalizada. Desse modo, o presente estudo vem contribuir para ampliar a compreensão do uso da língua de sinais utilizada e difundida no Brasil, além de chamar a atenção para as ideologias que envolvem esse uso e difusão da língua.

CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A partir do delineamento dos objetivos desse estudo, no presente capítulo nos ocuparemos de uma discussão acerca dos principais aportes teóricos sob os quais nos referenciamos. Inicialmente, destacamos a Libras e as políticas linguísticas na educação de surdos, dando atenção ao processo de reconhecimento linguístico dessa língua. Discutimos os estudos em Antropologia Linguística - AL, destacando as Ideologias Linguísticas enquanto discussão presente na AL. Abordamos, ainda, a Análise da Conversa Etnometodológica – ACE, destacamos a conversa cotidiana e a conversa institucional enquanto universos de interação. Na sequência, abordamos o Reparo enquanto fenômeno recorrente nas interações com o propósito de garantir o entendimento mútuo entre os participantes da interação. Para situarmos os objetivos deste estudo, trouxemos, ainda, um breve apontamento do marco inicial da Sociolinguística no Brasil, do qual partimos em direção aos estudos em Sociolinguística Interacional - SI, enquanto novo olhar sobre a interação. Fechando a discussão teórica inicial, relacionamos SI, ACE e os estudos da interação em Libras.

1.1 Libras e as políticas linguísticas na educação de surdos

No Brasil, o campo de estudos linguísticos acerca da Libras vem se desenvolvendo desde a década de 1990, por meio dos estudos focados na compreensão da gramática da língua de sinais usada pelos surdos brasileiros. Ferreira (1995 [2010]) endossa o caráter de naturalidade e complexidade da Libras, que surge para atender às demandas linguísticas de seus usuários por meio do canal “viso-espacial”. A autora afirma que estudos focados em uma língua de modalidade viso-espacial influenciam as teorias linguísticas até então desenvolvidas em diversos aspectos, dentre estes, a concepção da gramática da língua.

O marco inicial da Libras no Brasil⁶ se dá pela criação do antigo Instituto Imperial dos Surdos-mudos, atual Instituto Nacional de Educação de surdos – INES, no ano de 1857, na cidade do Rio de Janeiro (HONORA; FRIZANCO, 2008). Porém, mesmo sendo público-alvo do processo educativo ali desenvolvido, no início do século XX, os surdos ainda eram considerados incapazes de exercer os atos da vida civil, conforme constava no Código Civil

⁶ Não é do escopo deste trabalho discutir a história da língua de sinais, dos movimentos surdos e/ou políticas Linguísticas. O apanhado que realizamos destina-se apenas a contextualizar o desenvolvimento da Libras no Brasil e as políticas linguísticas para surdos a fim de que compreendamos a necessidade do programa investigado em fazer certas abordagens.

Brasileiro⁷ de 1916. Segundo o documento, os surdos, caso não pudessem exprimir suas vontades, eram considerados pessoas não habilitadas. Vale lembrar que a nível internacional, anteriormente a esta legislação brasileira, ocorreu em Milão, na Itália, um congresso que proibiu a língua de sinais na educação de surdos e determinou que estes fossem educados apenas pela filosofia oralista⁸.

Esta filosofia, que foi predominante na educação de surdos em vários países, dentre estes o Brasil, entre os anos 1880 e até meados dos anos 1970, priorizava a língua oral em detrimento da língua de sinais, e aqueles que não se adaptavam ao oralismo eram considerados retardados, não podendo ser aceitos na sociedade (HONORA; FRIZANCO, 2009). Sendo assim, percebemos uma política linguística desenvolvida a partir do topo e que provavelmente desconsiderava a capacidade dos surdos em expressar seus anseios e ideias por outro meio que não fosse a língua oral.

Há políticas linguísticas que se apresentam como decisões tomadas por autoridades e, em geral, sem consulta aos usuários da língua. O contrário disso ocorre quando os próprios usuários tomam decisões sobre sua língua, (KAPLAN; BALDAUF, 1997 *apud* CÁCERES, 2014). Todavia, nem sempre esta última opção é a que se consolida. É o que percebemos ao olhar a história da educação dos surdos que por muitos anos desenvolveu-se sob a filosofia oralista, com foco no aprendizado da língua oral, em detrimento do uso da língua de sinais, considerada língua natural para este grupo. No Brasil, o trabalho voltado para o público surdo que se inicia em meados século XIX, após um congresso internacional que mudou os rumos da educação de surdos, também sofre os impactos de uma política linguística que tem suas decisões tomadas de cima para baixo.

Cáceres (2014), ao discorrer sobre políticas linguísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico na qual pesquisa sobre a oferta de línguas estrangeiras, remetendo-se a Kaplan e Baldauf (1997), destaca em seu contexto de investigação a existência de políticas linguísticas *top down*. Estas são entendidas como decisões tomadas de modo autoritário e que, na maior parte das vezes, não partem de consultas aos usuários da língua. Ao contrário de tal conduta, as políticas *bottom up* seriam aquelas que envolvem os próprios usuários da língua na tomada de decisões sobre esta. Se trouxermos esse mesmo olhar para a proibição da língua de sinais no processo educacional de surdos em 1880, vemos

⁷ Lei nº 3.071 de 1º de janeiro de 1916 - Código Civil Brasileiro.

⁸ Oralismo é uma filosofia educacional que se baseia no ensino da língua oral, juntamente à sua leitura e escrita, em detrimento da língua de sinais. Para maiores informações dessa abordagem educacional, verificar Capovilla (2000), Honora e Frizanco (2009).

que houve um processo do tipo *top down*, no qual algum grupo dominante, a partir de seus interesses, ditou *de cima para baixo* uma política linguística para os surdos naquela época.

Por quase um século, os surdos estiveram privados de sua língua natural nos processos educativos. Assim,

Embora o congresso tenha filiado a oralidade a uma nova ordem do discurso, as línguas de sinais, silenciadas, puderam, por deslocamentos, ambiguidades, criar pequenas fissuras nesse bloco pretensamente homogêneo de sentidos (BAALBAKI; CALDAS, 2011).

A reflexão das autoras evidencia as narrativas cotidianas de muitos surdos quando afirmam que a língua de sinais não se perdeu neste período de proibição porque era utilizada, às escondidas, nos banheiros da escola e, ainda, em espaços de encontro fora da escola, constituindo estas pequenas fissuras que lhes permitiam expressar-se por meio de sua língua. Assim, a língua de sinais permaneceu desenvolvendo-se, extraoficialmente, até que na década de 1970, em virtude do advento da abordagem educacional da Comunicação Total, os sinais voltam a compor a educação de surdos.

A Comunicação Total desenvolveu-se como uma abordagem que, embora continuasse com o ensino da língua oral, preocupava-se com a comunicação como um todo⁹, valendo-se do uso de sinais, leitura orofacial, utilização de aparelhos de amplificação sonora, alfabeto digital, dentre outros. De acordo com Capovilla (2000), a partir da década de 60, as expectativas em relação ao oralismo começaram a ser revistas, visto que boa parcela dos surdos não se desenvolvia satisfatoriamente. Dados da época comprovam que, em termos de aprendizado da fala, da leitura e da escrita, os objetivos do oralismo não foram alcançados.

Neste contexto, Capovilla (2000) ressalta que a Comunicação Total busca abrir canais adicionais de comunicação. No entanto, os sinais só começam a ter *status* nesta nova perspectiva a partir dos estudos de Stokoe (1960) e de Klima e Bellugi (1979), dentre outros. Em meados dos anos 70, no Centro de Comunicação de Copenhague, foram alavancados diversos estudos para descobrir as razões para o insucesso da Comunicação Total. Constatou-se, a partir destes, que quando o surdo era submetido ao Bimodalismo, prática comum na filosofia em vigor na qual se falava e fazia sinais ao mesmo tempo, nem sempre lhe era proveitoso, visto que muitos sinais e pistas gramaticais importantes para compreensão eram omitidos (CAPOVILLA, 2000).

⁹ Ver mais em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/comunicacao-total-da-pessoa-surda/41187>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

A partir destas e de outras constatações e mediante a estudos que se debruçaram sobre a língua de sinais emerge uma nova proposta de educação para surdos nomeada de Bilinguismo. Essa proposta também surge partir da superação de vários mitos que corroboravam com a filosofia da Comunicação Total, que se utilizava dos sinais apenas como apoio ao ensino da língua oral (CAPOVILLA, 2000). Dentre esses mitos estão o de que por meio da língua de sinais o surdo não poderia expressar conceitos abstratos e ainda o mito de essa língua não passava de mímica e pantomimas (GESSER, 2009), dentre outros que davam a língua de sinais um *status* de inferioridade.

A partir de iniciativas implementadas na Suécia e Dinamarca, o Bilinguismo centrava-se na compreensão e sinalização fluente da língua de sinais por parte do surdo, bem como com o aprendizado da leitura e da escrita do idioma do país em que este vive. Por meio dessas iniciativas foram observados progressos significativos nas habilidades sociais e cognitivas de estudantes surdos. Esse método, atualmente, tem grande aceitação por parte da comunidade surda em diversos países e tem sido parte da pauta de reivindicações dos movimentos surdos.

No Brasil, como reflexo dos movimentos surdos de afirmação identitária e em prol de uma política linguística que os contemplassem, a Libras teve seu marco no ano de 2002, quando foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Conforme Nora (2017), o reconhecimento da Libras marca uma possível política linguística para os surdos sinalizantes. Tal empreitada vai ser reforçada pelo movimento dos surdos em prol da *Escola Bilíngue para Surdos*, que, além do caráter linguístico, tem também caráter pedagógico. Segundo a autora,

Considerada como a maior mobilização da história dos movimentos surdos, essa campanha foi fruto de discussões travadas por ocasião da CONAE (Conferência Nacional de Educação) de 2010, cuja temática, definida por uma Comissão Organizadora Nacional, debruçou-se sobre o Plano Nacional de Educação (PNE), focalizando suas diretrizes e estratégias de ação (NORA, 2017, p. 6).

Nota-se pelo exposto que a comunidade surda, apesar de já ter sua língua reconhecida, milita por um processo educativo que contemple as especificidades das crianças, jovens e adultos surdos e que tenha como língua de instrução a Libras, entendida como primeira língua, e o português escrito, como segunda língua.

Segundo Nora (2017), como fruto dos debates travados na Conferência Nacional de Educação – CONAE, em 2010, os representantes surdos propuseram que a educação dos surdos deveria ocorrer em escolas bilíngues, o que, na ocasião, foi rejeitado sob a alegação de que esse modelo reforçaria a segregação, o que se contrapunha à concepção da educação

inclusiva. Depois de tantos anos após a criação do INES, as trajetórias educacionais e a interpretação das políticas culminaram em uma proposta de fechamento da instituição.

No entanto, a partir de uma grande mobilização por parte da comunidade surda, por meio de campanhas como o "Setembro Azul"¹⁰, as mobilizações ganharam força por meio dos debates travados e também pelo espaço por meio das redes sociais. Desse modo, o texto apresentado pelos movimentos sociais dos surdos foi acatado na Lei nº 13.005/2014, que aprovou o PNE em vigência (NORA, 2017).

1.1.1 Libras e seu reconhecimento linguístico

A comunicação por sinais é utilizada por sujeitos surdos desde os tempos mais remotos, tendo surgido, naturalmente, a partir de suas necessidades de expressão e comunicação (GESSER, 2009). Todavia, o *status* linguístico somente lhes foi conferido a partir da década de 60, por meio dos estudos do linguista americano William Stokoe (1960), que mostrou que os sinais não eram apenas imagens, gestos ou mímicas. Em suas observações sobre Língua de Sinais Americana – ASL, o pesquisador identificou que as línguas de sinais eram estruturadas a partir de unidades mínimas que formavam unidades mais complexas, possuindo, então, níveis linguísticos, assim como as línguas orais.

Ferreira (1995[2010]) ainda ressalta que os estudos acerca da língua de sinais contribuem não apenas ao campo da linguística, mas para áreas como Sociologia, Antropologia, Neurologia, Psicologia, Epistemologia e Educação. Posteriormente, pesquisas realizadas por Quadros e Karnopp (2004) evidenciaram o caráter linguístico das línguas de sinais e apresentaram a Libras como uma língua natural, com as características requeridas para tanto. As autoras também apresentam a organização fonológica da Libras, sua morfologia e, ainda, a sintaxe espacial dessa língua. Nesse estudo, os aspectos abordados envolvem a interação mediada pelo uso da Libras, ou seja, interação sinalizada sob o olhar etnometodológico, sociolinguístico e antropológico da fala-em-interação.

Stokoe (1960) foi o primeiro a analisar os sinais e pesquisar sua composição, comprovando que cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes que os constituíam: configuração de mãos (CM), que diz respeito à forma que as mãos tomam na

¹⁰ Em razão de este mês ser mundialmente comemorativo, em função de várias datas marcantes da história de lutas e conquistas dos surdos em setembro, como, por exemplo, o congresso de Milão, também ocorrido mês de setembro, em 1880, que proibiu o uso de sinais na educação de surdos e implantou o oralismo puro (HONORA; FRIZANCO, 2009).

elaboração do sinal; o ponto de articulação (PA) ou locação (L), que remete ao lugar onde o sinal é realizado; e movimento (M), que pode estar ou não presente no sinal (QUADROS; KARNOPP, 2004). Posteriormente foram identificados outros dois componentes na elaboração do sinal: a orientação da palma da mão (O), que indica a direção da palma durante o sinal, e, ainda, algo que apontava que as mãos não eram o único veículo usado pelos surdos para produzir a informação linguística, pois estes utilizam recorrentemente expressões corporais e faciais, as chamadas marcações não-manuais (MNM), que, diferentemente das línguas orais, “são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua” (GESSER, 2009, p. 18).

Estudos como o de Ferreira (2010) também vieram somar ao *status* linguístico da Libras por meio da explanação acerca da morfologia e sintaxe dessa língua, além de apontar outros aspectos que a compõem. Pesquisas realizadas pelos linguistas já citados, dentre outros, contribuíram de forma positiva para o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão dos surdos brasileiros através da lei nº. 10.436, promulgada em 2002. Assim sendo, por meio dessa legislação que marca a história tanto da comunidade surda quanto do uso e difusão dessa língua em diversos espaços, a Libras

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Essa legislação reflete um anseio de longa data por parte da comunidade surda brasileira e evidencia a Libras como uma língua por meio da qual é possível expressar ideias, opiniões, oposições, dentre outros. Desse modo, estudos relacionados a diversos aspectos linguísticos dessa língua, como os interacionais, ganharam um *status* a mais e têm se desenvolvido em diversas instituições do país, como se observa em trabalhos desenvolvidos por Sousa e Quadros (2012), Valadão *et al.* (2016) e Souza e Gediel (2017).

As línguas de sinais (LSs) possuem, assim como as línguas orais-auditivas, variações em relação ao uso em diferentes regiões, em grupos socioculturais diversos, faixa etária e gênero. Não obstante, apesar de terem *status* linguístico há mais de meio século, é pertinente salientar que, nos dias de hoje, ainda pairam mitos equivocados a respeito dessas línguas visoespaciais.

No Brasil, esse *status* linguístico vem sendo constituído a partir de alguns autores, que são consideradas ícones no debate (FELIPE, 1988; FERREIRA BRITO, 1990; QUADROS; KARNOPP, 2004). No entanto, ao mesmo tempo em que os aspectos linguísticos são evidenciados na Libras, percebemos ainda que um conjunto de mitos permanecem no que se refere às pessoas surdas e à língua de sinais, como aponta e descreve Gesser (2009). A autora discute e rebate a crença de que as línguas de sinais são mímicas, não possuem gramática, que se trata de um código secreto compartilhado entre surdos, dentre outras crenças que rodeiam o universo da língua usada pelos surdos.

Conforme Quadros e Karnopp (2004), as concepções educacionais e as perspectivas como percebermos as pessoas surdas levam à construção de crenças que desvalorizam a língua. Uma crença muito comum é a de que as línguas de sinais (LS) seriam apenas linguagem, e não língua, o que, segundo as autores, não procede, pois a língua é parte da linguagem, mas diferencia-se por ser um produto social que surge e evolui da necessidade de comunicação de um grupo.

Outro mito discutido por Gesser (2009) diz respeito à crença de que a língua de sinais é uma língua universal. De acordo com a autora, essa crença está relacionada à ideia de que as línguas de sinais são apenas um código simplificado, aprendido e transmitido pelos surdos de modo geral. Isso não é verdade, uma vez que língua está ligada a questões culturais e, por isso, a língua de sinais de cada país tem suas características específicas.

Uma crença também destacada é a de que nessa língua não seria possível expressar conceitos abstratos. Isso é uma inverdade, uma vez que essa crença remete a uma visão simplista das línguas de sinais, como se estas fossem limitadas, não passando de mímica ou código primitivo (GESSER, 2009). Todavia, assim como os ouvintes, os surdos também podem participar de várias situações discursivas e mesmo sem produção vocal realizar a ação social por meio de sua língua materna, envolvendo-se em diversas situações de interação face a face.

1.2 A Antropologia Linguística: uma aproximação entre a língua, a cultura e a sociedade

A Antropologia Linguística - AL é uma área de estudos de caráter interdisciplinar e autônoma ao mesmo tempo. Aproxima-se da Sociolinguística no que diz respeito à preocupação com o estudo do tripé língua, cultura e sociedade. Segundo Duranti (1997), apesar de muitos sociolinguistas serem a favor de métodos quantitativos e, geralmente,

pesquisarem em centros urbanos, a maioria opta por métodos qualitativos e prefere ater-se a grupos mais reduzidos.

Sob o viés da AL, a língua é vista e analisada a partir do contexto de uso, ou seja, a língua em ação. Dentro dessa área de estudos há uma considerável preocupação com a performance relacionada ao uso da língua e também a indexicalidade¹¹ da fala, já que esta sempre se relaciona a um contexto ou a uma situação, como acentua Gal (2006). Esse campo atenta-se às práticas linguísticas enquanto ações culturalmente significativas que constituem vida social (DURANTI, 2001), sempre tomando por base o uso situado da linguagem, que traz em si posições políticas e identidades.

Boas, na década de 1940, publica estudos voltados para descrições linguísticas. Posteriormente, Hymes e Gumperz o fazem na década de 1960, baseando-se em Boas e Chomsky. Para Chomsky, que aborda a competência *versus* performance, competência linguística está desassociada de competência gramatical. Todavia, tais pesquisadores já se alternavam a uma possível AL, que, mais adiante, torna-se um campo de estudos voltado para descrição do contexto de interação, e não apenas a interação por si mesma (GEDIEL, 2010).

Na década de 1960 emergiu uma gama de estudos linguísticos interdisciplinares que percebiam a linguagem como uma forma de ação e estudavam a língua de forma situada, ou seja, no seu uso e interação dentro de um contexto social. Tal interesse de estudos foi representado inicialmente por alguns autores que são constituintes do campo da Antropologia Linguística e Filosofia da Linguagem nos Estados Unidos, como Gumperz (1960), Austin (1962), Hymes (1964).

Essa formação teórica e metodológica começou a ser estudada no Brasil em meados dos anos 80, vislumbrada como a perspectiva da Sociolinguística Interacional, que segue como argumentação teórica e metodológica autores das décadas de 1960 e 1970, envolvendo a discussão da (micro)sociologia interacional (GOFFMAN, 1974). Posteriormente, a continuidade das pesquisas de Gumperz e Hymes (1972 [1986]) promoveu a elaboração de um conjunto de conceitos considerados clássicos na AL e na SI, tais como etnografia da comunicação, competência linguística, análise interacional, entre outros, como se observa em Gal (2006). Por fim, houve a adição das contribuições dos autores que formaram a

¹¹ A ação social é indexical em razão de sempre depender do contexto no qual se desenvolve. Desse modo, a ação é, portanto, uma unidade analítica, e a sequencialidade, um constituinte central desta. Cf.: Loder e Jung (2008) e Pena (2016). Em língua de sinais, a indexicalidade pode ser percebida, por exemplo, através da função dêitica expressa pelos pronomes quando estes expressam um local espaço-temporal no contexto do enunciado situando no espaço a referência de coisas, pessoas ou animais. Cf.: Pizzio, Rezende e Quadros (2009) e Machado (2017).

denominada escola etnometodológica, representada por Garfinkel, Sacks e Schegloff (DURANTI, 2001).

Os estudos em Antropologia Linguística – AL voltam-se para o estudo do uso da língua mediada culturalmente a partir de um viés mais amplo, preocupando-se com a análise da conversa, no entanto, apresentando e analisando também o contexto em que os pares ou o grupo interage. Nota-se que a AL busca analisar o ambiente em que a conversa ocorre como meio de contextualização social, cultural e linguística (GAL, 2006). Inicialmente, as pesquisas envolvendo a AL concentraram-se nos estudos de línguas em extinção, como se verifica em Nonaka (2009) e Cooper (2015), autoras que teceram uma etnografia da comunicação envolvendo as línguas de sinais em diferentes situações de uso e em comunidades que estavam passíveis de extinção.

A AL é discutida por Gal (2006) como um campo que analisa as práticas linguísticas como ações culturalmente significantes, em que processos nos quais os contrastes e as diferenças são mediados através das práticas linguísticas. No entanto, estas não são analisadas apenas como instrumento da vida social, mas o seu uso em diferentes espaços demonstra que é possível identificar onde e como os conflitos culturais e sociais são travados. Conforme Gal (2006), a Antropologia Linguística (AL) é o estudo da língua dentro da cultura e da sociedade. Essa vertente preocupa-se em relacionar o léxico com as características culturais de uma dada sociedade. Alguns elementos importantes dessa área de pesquisa são a cultura e a tradição, os seja, os costumes, os valores e as crenças que permeiam a convivência de determinado grupo e a articulação com a sua língua. A AL atenta-se ao papel da interação social e dos processos semióticos nos quais se baseia e, ainda, aos aspectos do contexto dessas interações. Conforme Gal (2006), essa área de estudos examina o processo linguístico propriamente dito, como meio de sinalizar alinhamentos dos falantes e pressupostos culturais que estabelecem um “jogo” durante a interação social.

A AL vem ater-se ao local, às pessoas que compõem aquele espaço e aos acordos ali realizados. Parte-se então do contexto mais amplo para o específico, com vistas a entender o contexto de fala. Conforme Duranti (2001), os antropólogos linguísticos concebem o sujeito investigado como um ator social que faz parte de uma comunidade singular e complexa ao mesmo tempo. Tal ou tais comunidades estão, ainda, ligadas a um conjunto de instituições sociais, que, por sua vez, trazem consigo expectativas, crenças e valores inter-relacionados. À AL importa o uso da língua, e os dados empíricos de tal uso nunca representam algo neutro, mas, ao contrário, situado e carregado de sentidos, crenças e ideologias.

Embora não haja uma separação ou ruptura entre alguns dos conceitos abordados pela AL e a Sociolinguística Interacional, como a área é conhecida no Brasil, Gal (2006) apresenta as raízes da AL e seus principais conceitos, o que auxilia no entendimento das definições e sua aplicação conforme esse campo de estudos. Dentre os principais conceitos, as Ideologias Linguísticas compõem o escopo de interesse deste estudo, visto que se manifestam em diversas situações das conversas analisadas e têm sido foco de vários autores da AL que pesquisam pessoas surdas que usufruem da língua de sinais em suas interações como meio de comunicação (NONAKA, 2009; COOPER; NGUYÊN, 2015).

1.2.1 As Ideologias Linguísticas enquanto discussão presente na AL

A partir da compreensão de que a naturalização de muitas das fronteiras construídas por determinados grupos sociais foram possíveis, sobretudo, devido às ideologias linguísticas representativas e recorrentes nestes (AMARAL, 2016, p.10). Logo, podemos dizer que essas ideologias representam percepções da língua e do discurso em seu uso social e cultural. Gal (1992, p. 448) afirma que “Ideologias Linguísticas são importantes para a análise social porque elas não são apenas sobre língua, visto que se relacionam a fenômenos linguísticos e sociais. Esses fenômenos podem ser variados, contemplando, por exemplo, ações de afirmação de um determinado grupo minoritário, como a comunidade surda”¹². As Ideologias relacionadas ao surdo e à Libras vem se destacando nos cenários político, social e educacional com ideologias quando colocam em evidência a língua de sinais e, conseqüentemente, a cultura e o potencial surdo, e, nestes casos, diferem de contextos já citados no escopo deste texto, em que o surdo era tido como inapto social caso não dominasse a língua dos ouvintes, a saber, língua oral.

No que diz respeito às pesquisas sobre as línguas de sinais, tendo por subsídio os estudos dos campos Antropologia Linguística e Sociolinguística Interacional, podemos visualizar os estudos de Hoffmann-Diloway (2011), que discute sobre as ideologias que estão e que perpassam a escrita de uma língua sinalizada, visto que, muitas vezes, tais línguas são consideradas ágrafas. Nessa mesma perspectiva, temos Kusters (2014), que se propõe a investigar as ideologias que permeiam as línguas de sinais compartilhadas pela comunidade Adamorobe, no sul de Gana.

¹² De acordo com Perlin (2005), comunidade surda se refere a um espaço, físico ou não, onde se evidencia a cultura surda, a história do povo surdo, juntamente com sua língua e sua arte, entre outros aspectos fundamentais para este grupo.

Para que possamos compreender como agem os usuários de uma dada língua é necessário verificar as entrelinhas no decorrer das interações e nos atentarmos às ideologias que a envolvem. Rivas e Diez (2014) ressaltam que

Todo processo linguístico está associado a determinadas construções ideológicas que podem ser percebidas a partir das práticas políticas sobre o uso das línguas, sobre o papel ou sobre o status que as línguas têm na sociedade (RIVAS; DIEZ, 2014, p. 133).

Essa afirmação nos leva a entender que as construções ideológicas são inerentes ao uso da língua em diversos espaços e situações e que, muito provavelmente, em boa parte do tempo são expressas por grupos e até mesmo pelo indivíduo. Além disso, as construções ideológicas são também manifestas pelo *status* que uma ou outra língua ocupa em uma determinada sociedade.

Desse modo, torna-se viável percebermos que as construções ideológicas estão permeadas nas interações em diferentes contextos e formas de trocas linguísticas. Essas trocas permitem a observação das relações de poder, do estabelecimento de pressupostos que adentram outras esferas, como a de pertencimento social, cultural e político. Para tratar de Ideologias Linguísticas faz-se necessário, de antemão, compreender o que vem a ser ideologia. Concebendo a discussão a partir das ideologias como um instrumento também de afirmação que se manifesta através da agência social, e neste estudo, uma agência construída pelo uso/não uso da língua de sinais, a partir de Kroskirty (2004; 2008), temos o conceito de ideologia como algo que não ocupa um lugar privilegiado ou isento das perturbações da vida social. Este autor, ao tratar das Ideologias a partir de sua relação com a língua e com o discurso, aponta que Ideologias Linguísticas, interesse deste estudo, representam a percepção de linguagem e discurso que é desenvolvida e orquestrada no interesse de um grupo social ou cultural específico. Nessa linha de pensamento, podemos entender que, enquanto práxis social, a ideologia permeia as nossas posições e ações fabricando nosso imaginário acerca da realidade social e, portanto, nos levando a posicionamentos diferenciados conforme a perspectiva a partir da qual nos referenciamos.

1.2.2 Ideologias Linguísticas: uma presença na língua e na interação

Há alguns anos, ainda no século XX, Woolard e Schieffelin (1994), ao discorrerem sobre a temática das Ideologias Linguísticas, ressaltaram que os termos Ideologia e

Linguagem cada vez mais aparecem juntos, principalmente em estudos da Antropologia, da Sociolinguística e, ainda, nos Estudos Culturais. Esses autores, na ocasião, apontaram as Ideologias Linguísticas como um vínculo mediador entre as estruturas sociais e as formas de práticas linguísticas. Para além do estudo mencionado e de outros que o sucederam, as discussões acerca de Ideologias Linguísticas também estão sendo objeto de investigação.

Ideologia Linguística é um conceito advindo do campo da Antropologia Linguística que remete às crenças ou percepções sobre as línguas usadas no universo social. Desse modo, essas ideologias evidenciam a relação entre as crenças que os falantes têm sobre a língua e os sistemas sociais e culturais mais amplos dos quais fazem parte. Assim, interesses políticos e morais também constituem o escopo das Ideologias Linguísticas, visto que estas expressam a percepção de língua que é construída no interesse de um grupo sociocultural específico, (KROSKRITY, 2004; 2008).

Partindo da necessidade de compreensão de como língua e discurso se articulam aos diversos fenômenos sociais, estudiosos têm discorrido sobre variados fenômenos sociais a partir das contribuições do campo de estudos das Ideologias Linguísticas. É o que encontramos em Kusters (2014), que analisa as Ideologias Linguísticas em relação à língua de sinais em Adamorobe, uma comunidade Ganesa onde a Adamorobe Sign Language (AdaSL) é uma Língua compartilhada, usada por todos os surdos e um grande número de pessoas ouvintes. No Brasil, podemos encontrar essa discussão em Amaral (2016), que discorre sobre Ideologias Linguísticas a partir de um contexto de migração qualificada neste país, que se dá pelo programa “Mais médicos”.

Carmo (2015), a partir do mapeamento de duas bases de dados - o portal de periódicos da Capes e o Scielo, realizou uma busca de artigos relacionados aos termos Ideologia Linguística e/ou Ideologia da Linguagem no título, no resumo ou nas palavras-chave. Além disso, os achados teriam de pertencer a autores brasileiros, ser escritos em língua portuguesa e ainda terem sido divulgados em periódicos brasileiros. Através dessa busca, o autor encontrou, conforme os critérios, 68 artigos na página da Capes e 4 na página da Scielo, totalizando 72 artigos acerca da temática em questão. Conforme o autor, é possível que outros trabalhos discorram acerca do conceito de Ideologias Linguísticas, todavia, não se adequaram aos critérios pré-estabelecidos para busca. De todo esse apanhado, apenas dois artigos discutem a temática analisada de forma mais específica; os demais relacionam ideologia e linguagem sob a ótica dos estudos sobre discurso, nos quais a linguagem é vista como veículo para as ideologias ou ainda como seu lócus de realização. Segundo Carmo,

Os dois artigos que apresentam e discutem ideologia lingüística são: Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: Ideologia lingüística para tempos híbridos (MOITA LOPES, 2008) e Políticas lingüísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico: a oferta de línguas estrangeiras (CÁCERES, 2014). Ambos são bem recentes, 2008 e 2014, e apresentam um tópico exclusivo sobre ideologia lingüística, sendo que o tópico de Cáceres (2014) apresenta uma discussão muito mais detalhada (CARMO, 2015, p. 836-837).

Em adição aos achados do autor supracitado, em 2016, encontramos a recente pesquisa de Amaral (2016), que investiga Ideologias Linguísticas a partir do contexto de migração qualificada no Brasil por meio do programa “Mais Médicos”.

Em relação aos estudos envolvendo Ideologias linguísticas e línguas de sinais, Kusters (2014), em *“Language ideologies in the shared signing community of Adamorobe”*, analisa as Ideologias Linguísticas em relação à língua de sinais em Adamorobe, uma comunidade no sul do Gana. Os surdos de Adamorobe frequentam uma escola onde a Língua de Sinais Ganesa - GSL é ensinada e veem tanto essa língua, quanto a Língua de Sinais Adamorobe - AdaSL como naturais. A AdaSL é vista como uma língua "difícil", porém, agradável de usar e mais expressiva que a GSL. Essas observações, em um primeiro momento, podem sugerir a ideologia de que não há motivos para disputa e de que é possível se comunicar com uma ou com outra Língua de Sinais naquele contexto. Todavia, é sabido que as relações sociais estão sempre envoltas por disputas e relações de poder, o que se evidencia quando os adamorobes enfatizam que se a intenção for ser mais expressivo, o indicado seria o uso da AdaSL.

Nesse contexto, as descobertas da pesquisadora acerca das línguas usadas pelos surdos de Adamorobe são comparadas e contrastadas com registros relacionados a Ideologias Linguísticas em relação a outras línguas de sinais dos centros urbanos, visto que no estudo de Kusters (2014) são descritas ideologias em relação às escolhas da língua de sinais que vai estar presente na escola; a diferenciação entre as línguas de sinais e as línguas orais a partir da perspectiva dos diferentes atores sociais.

Segundo Cooper (2015), no mundo todo, as Ideologias Linguísticas tendem a trazer as línguas de sinais para uma condição de inferior em relação às línguas orais e, ainda, muitas vezes, subordinam as línguas de sinais locais às línguas de sinais nacionais ou às estrangeiras. Todavia, conforme Hoffmann-Dilloway (2011), ao discutir sobre a escrita das Línguas de sinais, valendo-se, por exemplo, do Sutton SignWriting (SW), permitiria aos usuários das LSs orquestrarem e/ou contraporem-se a ideologias dominantes, muitas vezes, latentes sobre a natureza da linguagem e da escrita.

Seguindo o propósito de sua pesquisa em Adamorebe, Kusters (2014) elege a definição de Kroskrity (2004) acerca de Ideologias Linguísticas. Kroskrity (2004) descreve Ideologia Linguística como:

[...] um conjunto onipresente de Crenças diversas, por mais implícitas ou explícitas que sejam, usadas por falantes de todos tipos como modelos para a construção de avaliações linguísticas e envolvimento em atividades de comunicação. Elas são crenças sobre a superioridade/inferioridade de línguas (KROSKRITY, 2004, p. 497).

Desse modo, percebe-se que uma das crenças ou ideologias difundidas entre os usuários da AdaSL, em comparação com a GSL, é de que ainda que esta última seja mais fácil, a AdaSL é mais vivaz e aprazível. Todavia, não se pode afirmar ou garantir que a GSL não seja agradável, mas esta é a construção ideológica na qual se desenvolve tal avaliação linguística.

Conforme Kusters (2014), a razão pela qual surgem as línguas de sinais compartilhadas em comunidade menores difere dos grandes centros. As línguas de sinais - LS surgem entre os usuários nas comunidades e de acordo com as circunstâncias de desenvolvimento, que diferem de um local para outro. As LS urbanas e nacionais geralmente emergem em comunidades de usuários principalmente surdos, como em escolas para surdos ou por meio de redes urbanas. Situação que difere das comunidades menores, onde há apenas uma pequena minoria de usuários surdos (primeiro idioma) e uma grande maioria dos usuários ouvintes, que, quando se utilizam da LS, tomam-na como segundo língua. Todavia, cabe ressaltar que em boa parte do mundo as comunidades surdas, urbanas ou não, são, de fato, minorias em relação à comunidade ouvinte e em relação ao uso da LS.

Levando em conta a definição de Ideologias Linguísticas, conceito este que vem sendo utilizado no âmbito de línguas e grupos minoritários, que remete às possíveis percepções ideológicas encontradas nas entrelinhas das interações, durante a comunicação, este estudo comunga da definição eleita por Kroskrity (2004; 2008), que concebe ideologias linguísticas a partir da agentividade dos sujeitos e da conseqüente construção de identidades que emerge dessas ações no meio social.

Este estudo discute as Ideologias Linguísticas manifestadas pelos usuários da Libras no decorrer das entrevistas no programa “Café com Pimenta”. Essas ideologias “representam a percepção de linguagem e discurso que é construída no interesse de um grupo social ou cultural específico” (KROSKRITY, 2008, p. 8) e que se fazem presentes para valorização da língua de sinais e do povo surdo usuário da Libras.

1.3 A ACE enquanto campo teórico-metodológico: de onde veio e seus principais pressupostos e compromissos

A Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) é uma tradição de pesquisas que têm suas bases no campo da Sociologia e é voltada para o estudo da ação social humana, situada no espaço e decorrer do tempo real. Os trabalhos realizados em ACE foram vistos nomeadamente em meados de 1970, e os textos daquela época mais difundidos atualmente são de Sacks, Schegloff e Jefferson (2003[1974]), SSJ, com tradução brasileira em 2003¹³. Outro marco no campo da ACE é a coletânea organizada por Alkinson e Heritage (1984) com o título “*Structures of social action*”. Esses autores defendem que os propósitos da ACE estão vinculados à descrição e à explicação das competências utilizadas por quaisquer falantes ao participar de uma interação socialmente organizada. A Análise da Conversa Etnometodológica surgia em busca de uma descrição de fala em interação que propunha, contrariando o momento intelectual, que a conversa, o uso da linguagem e seu cenário mais corriqueiro e universal, não era algo caótico, mas organizado e passível de análise e descrição.

A ACE se expandiu por diversos ambientes acadêmicos e não se limitou apenas à conversa cotidiana, mas se estendeu à fala-em-interação em geral. No Brasil, destaca-se a Análise da conversa (AC), através estudos de Marcuschi (1986), em uma vertente da Linguística Textual, mas que apresenta diferenças teóricas e metodológicas em relação à ACE. A vertente brasileira da análise da conversação apresenta como finalidade a descrição linguística do texto falado, e não os métodos de ação social humana, não condizente com os pressupostos e compromissos da ACE destacados por Garcez (2008). Dentre os quais estão a observação dos dados de ocorrência natural de uso da linguagem, com a transcrição de dados empíricos de fala-em-interação e a valorização da perspectiva êmica, que privilegia o ponto de vista dos membros da comunidade estudada. Com ênfase em uma abordagem fortemente empírica, a ACE surgia chamando atenção para uma descrição detalhada de fala em interação, considerando que a conversa cotidiana não era algo caótico, como se acreditava até então, mas, ao contrário, um evento organizado e passível de análise e descrição. A ACE alcançou diversos ambientes acadêmicos, não se limitando apenas à conversa cotidiana, mas à fala-em-interação de modo geral, incluindo a conversa institucional, foco deste estudo, com suas peculiaridades.

¹³ Veredas - Rev. Ling. Juiz de Fora, v.7, n. 1 e n. 2, p. 9-73, jan./dez. 2003.

Para Garcez (2008), pressupostos e compromissos fundamentais da ACE são: observação dos dados de ocorrência natural de uso da linguagem, na qual se contempla a transcrição de dados empíricos da interação humana, situada no tempo e no espaço; a valorização da perspectiva êmica e os procedimentos de prova que envolvem o que os participantes demonstram uns aos outros no decorrer da interação; primordialidade da conversa cotidiana entre os sistemas de troca de falas e formas de uso da linguagem, nos quais outros sistemas tem caráter secundário; a necessidade de explicabilidade das ações dos participantes perante uns aos outros quando os participantes avaliam que podem pairar dúvidas sobre o que eles estão dizendo ou fazendo; ação como unidade analítica e sequencialidade como constituinte central da ação, que refere-se a ação como indicial, porque é sempre dependente do contexto imediato de produção e os participantes precisam sempre se valer do andamento sequencial da fala-em-interação para tomarem o turno da fala.

Enquanto campo de pesquisa voltado para investigação da ação social ou agentividade humana, a ACE tem suas bases no campo da Sociologia e tem contribuído para compreensão de como os participantes das mais diversas interações agem perante os outros. Partindo do pressuposto de que as ações humanas são co-construídas no decorrer da interação, os argumentos desenvolvidos na perspectiva da ACE são que na organização da fala-em-interação estão presentes os seguintes elementos constitutivos: a sequencialidade, em que partindo da ideia de que uma coisa leva à outra, a produção da elocução está relacionada à elocução que foi produzida anteriormente por outro interlocutor; a adjacência, na qual existem elocuções organizadas sequencialmente aos pares formando uma unidade, como, por exemplo, em situações de pergunta/resposta, convite/aceitação-rejeição, entre outros; e a preferência, que ocorre quando há mais de uma alternativa para a segunda parte do par adjacente.

Grande parte da análise da conversa concentrou-se em situações comuns, ou seja, em interações não necessariamente particulares, mas conversas rotineiras. Todavia, conforme Heritage e Clayman (2010 b), por volta de 1970, começam a surgir estudos de conversa institucional com foco em ambientes mais restritos, nos quais os objetivos dos participantes são mais limitados e configuram-se conforme a instituição na qual ocorre a interação. Nesses contextos, dentre estes o da entrevista televisiva, a conversa está submetida a restrições e enquadramentos institucionais. Tendo uma mudança significativa de perspectiva, porém com base nos estudos sobre a prática da conversa cotidiana, a Análise da Conversa Institucional propõe-se a estudar outros contextos sociais de conversação, tais como chamadas de

emergência, concentrando-se em questões recorrentes da interação, como a forma com que os participantes revezam os turnos ou como uma ação “chama” o outro a tomar o turno da conversa.

A conversa é uma atividade básica para o estabelecimento das relações sociais e é por meio dela que realizamos desde as tarefas mais simples até as mais complexas. Todavia, é comum a crença de que a conversação seja uma atividade nula, algo que se faz quando não há nada mais a fazer. Entretanto, mesmo sem “fazer nada”, só conversando, estamos engajados em uma complexa atividade colaborativa que se efetua de modo sequencial, conforme apontam Loder *et al.* (2008) a partir dos estudos realizados por Sacks, Schegloff e Jefferson em 1974. A Análise da Conversa Etnometodológica – ACE é uma área de pesquisa que entende a interação como toda a ação co-construída entre os interlocutores no decorrer dos turnos da conversa.

Na interação durante uma conversa, os interlocutores – para categorizar eventos, inferir intenções e apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer em seguida – se baseiam em conhecimentos e estereótipos ou ideologias relativos a diferentes maneiras de falar. Segundo Goffman (1974), as pessoas definem a interação em termos de um enquadre ou esquema identificável e familiar, e isso remete a algumas pistas de contextualização da interação em andamento. Essas pistas são traços presentes na estrutura de superfície das mensagens, que revelam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona ao que a precede ou segue. Todavia, essas pistas só têm seu significado no processo interativo em questão. Desse modo, são implícitos e, geralmente, não nos referimos a eles fora do contexto.

Gumperz (1998) denomina pistas de contextualização indícios sociolinguísticos que os participantes usam para registrar suas intenções comunicativas ou mesmo para inferir as intenções do seu interlocutor. Essas pistas também geram expectativas sobre o que poderá acontecer na sequência da interação. Segundo o autor, é importante compreender que as pistas de contextualização são internalizadas pelos falantes e são ativadas durante a interação social, criando inferências e levando ao entendimento do que é relevante em um determinado contexto e em um específico momento.

Pensando em uma comunicação para além dos códigos da língua em si, vemos que há diversos aspectos comunicacionais não-verbais. Muitos mal entendidos podem ser relacionados a variações na percepção e interpretação de movimentos faciais e gestuais aparentemente sem importância. Esses aspectos não-verbais são semelhantes a uma

linguagem por serem adquiridos através da interação, por serem específicos à cultura e analisáveis em termos de processos subjacentes. As constatações observadas sobre os sinais não-verbais sugerem que a “sincronia” conversacional exige certo grau de previsibilidade e rotina, o que os falantes normalmente adquirem através da cultura e das experiências interativas. Em contrapartida, quanto maior a “assincronia”, menor o número de informações compartilhadas, menor o entendimento compartilhado e co-construída ação na interação.

As possibilidades criadas para o estudo da Língua Brasileira de Sinais – Libras podem contribuir para com o entendimento de seu uso em diversas situações de interação face a face no cotidiano e/ou no âmbito institucional. A partir de tal embasamento e contando com as contribuições advindas da Antropologia Linguística, apoiada em pesquisas que se desdobram sobre as Ideologias Linguísticas, e a discussão advinda da Sociolinguística Interacional, este estudo identifica a ocorrência dos preceitos da ACE nas interações entre interlocutores surdos em um programa de entrevista, descrevendo a ação social construída conjuntamente e analisando as tomadas de turno das entrevistas para compreender as razões para determinadas ações, seleções de termos, hesitações, estilos e gestos no contexto midiático.

Assim, a partir das contribuições da ACE que investiga a conversa de forma situada, podemos compreender indícios de posições ideológicas em relação ao uso da língua e ao mesmo tempo identificar ocorrências de reparos captados na interação a partir de entrevistas em Libras. Um estudo de interações mediadas pela língua de sinais embasado nos preceitos da ACE pode auxiliar na compreensão de como usuários da Libras agem conjuntamente, mediante o uso da linguagem.

1.3.1 A língua de sinais como possibilidade de estudos embasados nos preceitos da ACE

A Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) parte do pressuposto de que no contexto de uso de uma língua natural os falantes realizam uma ação humana co-construída e intersubjetiva, revelando seu entendimento daquilo que foi dito e feito anteriormente para assim realizar sua elocução (LODER; JUNG, 2008). A Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) destaca-se como uma tradição de pesquisas que surge a partir do campo da Sociologia, porém voltada para o estudo da ação social humana situada no espaço e decorrer do tempo real. Garcez (2008, *apud* LODER; JUNG, 2008) afirma que os trabalhos dessa vertente foram vistos nomeadamente em meados de 1970 e os textos daquela época mais difundidos atualmente são os de Sacks, Schegloff e Jefferson (2003[1974]), SSJ,

traduzidos há pouco mais 10 anos no Brasil. A ACE surgia, na década de 70, chamando atenção para uma descrição de fala em interação que propunha que a conversa, o uso da linguagem e seu cenário mais corriqueiro e universal não era algo caótico, ao contrário, havia uma sistematização passível de análise e descrição.

Conforme Garcez (2008, *apud* LODER; JUNG, 2008), os principais pressupostos e compromissos da ACE são:

- Observação dos dados de ocorrência natural de uso da linguagem, onde há um empreendimento focado eminentemente na observação, no registro e a transcrição de dados empíricos de fala-em-interação situada no tempo e no espaço, e de decorrência natural;
- Valorização da perspectiva êmica e os procedimentos de prova, em que a perspectiva êmica remete à perspectiva dos participantes sobre as ações conforme eles a demonstram uns aos outros. Para tanto se estabelece um “procedimento de prova” para que se dê esta análise êmica justamente no funcionamento da tomada de turnos. Tal procedimento analítico advém da crença de que a ação humana é co-construída e intersubjetiva por natureza;
- Primordialidade da conversa cotidiana entre os sistemas de troca de falas e formas de uso da linguagem. Sendo as que outras formas de fala-em-interação, dentre estas a conversa institucional em entrevistas, como é o caso deste estudo, têm caráter secundário e, portanto, derivam da organização primordial que é a conversa;
- A necessidade de explicabilidade das ações dos participantes perante uns aos outros. Isso significa que ao perceberem que pode estar havendo dúvida quanto ao que estão dizendo/fazendo, os participantes, de fato, se “explicam” ou prestam conta de sua conduta por meio de justificativas, pedidos de desculpa, dentre outros;
- Indicialidade, remetendo-se a ação como unidade analítica e sequencialidade como constituinte central da ação. Ou seja, a ação é indicial porque é sempre dependente do contexto imediato de produção. Os participantes precisam sempre se valer do andamento sequencial da fala-em-interação para tomarem o turno da fala;
- Intersubjetividade como convergência entre realizadores de ações, visto que aquelas cotidianas se realizam colaborativamente e de forma sequencial. Logo,

à medida que os participantes da ação convergem para um entendimento comum quando a ação proposta é refletida e aceita ou reparada e logo aceita. Todavia, isso não significa dizer que haja alguma congruência entre crenças e conhecimentos, mas, na verdade, uma tessitura da vida social que cria recursos para o entendimento entre participantes de uma interação;

- Desvalorização da explicação psicológica e do recurso analítico à intenção e pertencimento a categorias sociais *a priori*. Isso significa que o interesse da ACE está em articular como resultam as ações individuais para todos os efeitos práticos, ou seja, como um participante, ao lidar com o outro, demonstradamente produz uma ação conjunta, para o bem e/ou para o mal, para ajudar e/ou atrapalhar, instruir e/ou enganar, confortar e/ou agredir.
- Desconfiança de relações biunívocas forma-função e descrédito da tecnologia metodológica atual para quantificação. Visto que, ainda que haja significativos constrangimentos sequenciais, preza-se observar a ação do participante a ponto de que seu entendimento refletido (genuíno ou fingido) terá consequências imprevisíveis a partir uma forma linguística anterior.

Conforme os pontos descritos acima, Garcez (*apud* LODER; JUNG, 2008) delinea as principais características da ACE. Contudo, para um melhor entendimento do uso da linguagem em interação social, é preciso engajamento com materiais concretos de fala-em-interação, registros e transcrições e seu exame atento e detalhado dos dados, de modo que se compreenda a ação que se desenvolve na interação em questão.

As pesquisas desenvolvidas com base nos preceitos da Análise da Conversa Etnometodológica - ACE por um bom tempo atentaram-se às interações em línguas orais. Todavia, entre os usuários de línguas de sinais também ocorrem diversas situações de interação passíveis de serem investigadas, tal como demonstram estudos desenvolvidos a partir do escopo desta vertente, como Leite (2008), que em um estudo descritivo da Língua Brasileira de Sinais aponta que ainda são poucos os trabalhos acerca dos fenômenos conversacionais clássicos das línguas orais, como Troca de Turnos e Reparo em relação às línguas de sinais - LSs. Esse autor propôs-se, em sua pesquisa, a uma análise inicial da troca de turnos na Libras, tendo por bases estudos já consolidados em línguas orais, como os de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) e Schegloff (2000). Temos ainda trabalhos como Medeiros e Ferreira (2010), que estudam o Reparo a partir de interações entre surdos aprendendo inglês; Caetano e Ladeira (2016), que lançam um olhar sobre a conversa

sinalizada a partir dos pressupostos da ACE; e, ainda, Souza (2017), que, sob a ótica da ACE, investiga a estrutura de participação na aula de química para surdos.

Os estudos, anteriormente citados, compreendem a conversação como uma interação primordial entre os seres humanos a qual ocorre para determinados objetivos e com função pragmática mais ou menos evidente. Para atingir a tais objetivos faz-se necessário “coordenar a atenção social sobre uma mesma ‘entidade’ física e\ou linguística a cada novo momento” (LEITE, 2008, p. 156). Retomando aos já citados autores clássicos que pesquisam a conversação em línguas orais - Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), Leite (2008) trata do princípio de “um-de-cada-vez”, que aparece como normatividade nas interações e que quando é rompido pode tornar-se problemático na interação. Todavia, tal problemática, segundo o autor, talvez não seja tão enfática na conversação entre surdos, visto que a fala simultânea, nesse caso, e conforme trabalhos acadêmicos e observações leigas, parece não gerar ruído visual.

Em Medeiros e Ferreira (2010) temos uma amostra de organização sequencial da fala-em-interação sinalizada por meio de um estudo acerca da organização do Reparo em uma sala de aula com surdos aprendendo inglês. Os turnos conversacionais e, dentro deles, a organização do Reparo, podem ser percebidos pelo quadro abaixo:

Quadro 1 - Interação envolvendo 3 pessoas em uma aula de inglês

| | | | |
|-----|--------------|--------|---|
| A01 | | Eliana | Planeta [Eliana aponta para “planet” presente no texto em inglês e, em seguida, faz o sinal de “planeta” em Libras] |
| A02 | FP | Alice | Planeta. Muito bem. |
| A03 | IR 1º PPA | Elias | Planeta? |
| A04 | 2º PPA | Alice | É |

Fonte: Medeiros e Ferreira (2010, p. 46).

É possível notar no Quadro 1 uma interação face a face envolvendo surdos a qual apresenta sequencialidade, adjacência (Linhas A03 e A04), bem como o Reparo, com vistas a garantir o entendimento dos participantes em relação à fonte de problema na linha A02. Medeiros e Ferreira (2010) concluem em seu estudo que a interação sinalizada contém componentes semelhantes aos da conversação entre indivíduos ouvintes, o que muda, no entanto, é modalidade da língua, visto que uma é “gestual-visual”, e a outra, “oral”. Segundo as mesmas, “o sistema de Reparo é necessário para sustentar a intersubjetividade de uma interação e garantir a mútua compreensão entre os participantes” (MEDEIROS; FERREIRA,

2010, p. 50). Logo, na situação investigada, foi um mecanismo que favoreceu a comunicação e a aprendizagem em sala de aula, visto que permitiu lidar com problemas de compreensão e solicitar repetições para favorecer o entendimento mútuo.

Tratando também dos estudos da conversação em línguas de sinais, Leite (2008) retoma os estudos, como os desenvolvidos por Backer (1977), que apresentam marcas formais de caráter regulatório que os falantes [sinalizantes] usam para realizar a troca de turnos. McIlvenny (1995) torna-se o pioneiro em estudar a conversação em LSs sob a ótica da Análise da Conversa e afirma que as sobreposições contínuas não são constantes como nas LOs, visto que a questão da restrição visual é inerente à conversa sinalizada.

Há ainda os estudos de Coates e Sutton-Spense (2001), que sugerem um modelo alternativo ao proposto pelos estudos clássicos da Análise da Conversa, a qual se baseia no princípio de um-de-cada-vez, de modo competitivo, e apresentam um novo modelo da conversação denominado “modelo colaborativo”.

Temos, ainda, o estudo desenvolvido por Souza (2017) acerca da estrutura de participação da fala-em-interação em uma sala de aula de química para surdos em que a autora apresenta Unidades de Construção de Turnos (UCT) na Libras na interação em sala de aula mostrando a ocorrência da sequencialidade, adjacência e preferência na fala-em-interação entre estudantes surdos, além de aspectos não-verbais, como piscadas de olhos, expressões faciais e corporais que compõem tanto interações em LOs quanto às interações em LSs. Todavia, em LSs, estas últimas são, muitas vezes, utilizadas para auto seleção para o turno seguinte ou, ainda, para conseguir o foco de atenção dos participantes.

Notamos que os estudos da interação em LSs, embora poucos, têm colaborado significativamente para o entendimento de como sujeitos sinalizantes interagem entre si e que a conversa sinalizada também se organiza por meio de turnos de fala, como apontam os estudos em línguas orais. No Brasil, após o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, ocorrido em 2002, pela Lei nº. 10.436, (BRASIL 2002), essa língua e seus usuários vêm conquistando cada vez mais espaço, quer no cenário cotidiano, quer nos ambientes institucionais acadêmico, televisivo, político, dentre outros. Logo, entre os usuários dessa língua visual-espacial é provável que também se manifestem os preceitos já identificados pela ACE nos estudos em línguas orais, além de ocorrerem também ameaças ao entendimento durante a conversação e que conseqüentemente darão início a uma situação de Reparo. Essa hipótese será discutida no Capítulo 4 deste estudo.

1.3.2 A conversa cotidiana e a conversa institucional: universos de interação

A ACE preocupa-se com a ação social humana situada no tempo e no espaço real. Desse modo, procura descrever os procedimentos usados pelos falantes para produzir o próprio comportamento e entender e lidar com o comportamento do outro (LODER *et al.*, 2008). A conversa cotidiana, embora pareça algo desorganizado, sob o olhar etnometodológico passa a ser vista como um evento organizado e, portanto, passível de ser analisada. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974/2003), a partir de pesquisa realizada em gravações em áudio de conversas de ocorrência natural, caracterizaram a sistemática da organização da conversa por meio da tomada de turnos. Logo, perceberam que ainda que os turnos variassem ou que os falantes se alternassem, ainda assim a conversa organizava-se de tal forma. Segundo esses pesquisadores,

A conversa pode acomodar uma vasta gama de situações, interações nas quais estão operando pessoas de variadas identidade (ou de variados grupos de identidade); ela pode ser sensível a várias combinações; e pode ser capaz de lidar com uma mudança de situação dentro de uma situação (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974/2003, p. 14)

Conforme exposto, a conversa é versátil e a depender do contexto e dos participantes pode desenvolver-se em várias combinações, inclusive mudando de situação dentro de uma mesma situação. A conversa comum ou cotidiana é uma atividade primordial entre os sistemas de trocas de fala, a qual sofre modificações que a formata como institucional nos mais variados espaços sociais, como, por exemplo, o espaço social televisivo de um programa de entrevistas, foco do presente estudo, no qual a interação acontece em um formato distinto à interação que se desenvolve, por exemplo, em uma sala de aula.

Del Corona (2009), no propósito de pôr em pauta a distinção da interação institucional em relação à conversa cotidiana, toma por base uma análise de sequências de interações durante uma audiência de instrução em um tribunal brasileiro da região sul do país. Conforme a autora,

A conversa cotidiana é o primeiro cenário em que se observa a alocação de turnos entre os participantes, a produção de segmentos de conversa em sequências coerentes de ação, a existência de meios ordenados para lidar com problemas de produção, escuta e compreensão de conversas, entre outros (DEL CORONA, 2009, p.14).

Nota-se, conforme o exposto pela autora, que a conversa cotidiana é a base da interação humana, sendo possível perceber a tomada de turnos, organizações de sequências lógicas e, ainda, formas de lidar com conflitos que ameacem o entendimento entre os

participantes. No entanto, outros sistemas de troca de fala, no âmbito institucional, por exemplo, apresentam algumas modificações importantes de serem identificadas e de saber como são co-construídas.

Del Corona (2009) discute primeiramente três características gerais da fala institucional e, posteriormente, apresenta alguns aspectos analíticos pelos quais se pode pesquisar tais características. Contudo, a autora enfatiza que “o que dá o caráter institucional à fala é a co-construção das identidades dos participantes como representante e cliente da instituição” (DEL CORONA, 2009, p.16). Essa autora também discute as três características da fala institucional identificadas nos estudos de Drew e Heritage (1992). Para eles, são características da fala institucional:

- Orientação para o cumprimento do mandato institucional, que, nesse caso, tem a ver com a tarefa pertinente à instituição em questão;
- Restrições às contribuições aceitas, ou seja, os participantes desenvolvem a interação conforme as restrições impostas pelo tipo de evento em andamento. Pode-se até haver uma negociação local daquilo que deve ou não ser falado, todavia, sem transgredir o caráter institucional daquela interação;
- Inferência a enquadres e procedimentos, nos quais a sequência de procedimentos tem relação com contextos específicos.

Dando continuidade, Del Corona (2009) apresenta os aspectos analíticos de conduta interacional relevantes para a pesquisa acerca da conversa institucional, que são:

- Escolha lexical, por meio da qual é possível observar o alinhamento dos participantes conforme o tipo de atividade que está sendo co-construída em uma interação;
- Construção dos turnos, na qual devem ser consideradas quais ações o turno desempenha e, ainda, os detalhes da construção verbal do turno;
- Organização de sequências, pois a interação institucional propicia o apontamento de características das ações sociais que normalmente são construídas naquele ambiente específico;
- Organização macroestrutural, na qual os participantes se orientam para uma ordem pré-estabelecida de atividades, onde realizam tarefas e cumprem o mandato institucional;
- Epistemologia social e relações sociais, que

Tratam-se de observações quanto às diferenças de acesso de profissionais e clientes a determinados recursos interacionais, que implicam a construção de determinadas relações entre eles durante o encontro institucional (DEL CORONA, 2009, p.37).

Logo, mediante os apontamentos de Del Corona (2009), vemos que a conversa institucional, embora também seja um momento de interação, traz em si uma conduta, um enquadre e procedimentos que lhe são peculiares. No presente estudo, por exemplo, trazemos um contexto institucional de entrevista televisiva no qual o entrevistador é surdo e as entrevistas são mediadas pela Língua Brasileira de Sinais.

A AC institucional foca ainda sobre questões relacionadas ao modo como as tarefas institucionais (mandato institucional) são geridas e as escolhas de ações que podem indexar certas posições, posturas e identidades que estão sendo promulgadas no contexto da conversa. Discutindo acerca da conversa em instituições sociais “*into being*”, Heritage e Clayman (2010) insistem que à medida que se dá andamento da análise de uma interação sob a ótica de entender como esta é metodologicamente produzida, despende-se tempo também sobre questões que emergem de uma provocativa inicial “*Why that now?*”, a saber, “por que isto agora?”. Questões buscam entender por que determinada ação acontece, por que tal termo é selecionado, por que há algumas hesitações, estilos, gestos etc.

Essas questões também compõem as interações enquanto os participantes da conversa constroem a ação social conjuntamente. Porém, os autores destacam que o questionamento inicial de “por que isto agora?” favorece não perceber a interação como algo apenas natural, mas, ao contrário, como fruto de uma sistemática metodicamente construída e compartilhada. Segundo Heritage e Clayman (2010a), no contexto da interação há uma compreensão das ações moldada e ajustada pela circunstância, “*This logicis shaped by work settings*”, ou seja, ao realizarmos a AC institucional devemos nos atentar para a relação existente entre a interação, de pessoas com identidade específicas, e o contexto onde esta se desenvolve.

De acordo com Heritage e Clayman (2010a), definir uma fronteira entre a conversa cotidiana e a conversa institucional pode não ser tão fácil, haja vista que em uma interação institucional é possível encontrarmos traços de conversa cotidiana, embora seja evidente a distinção acerca de como se dá a interação em contextos como consultórios, salas de aula, entrevistas, audiências de mediação, dentre outros, se os compararmos à conversa cotidiana.

1.3.3 O fenômeno do Reparo enquanto recurso ao entendimento mútuo nas interações

Os estudos em ACE tem o objetivo de compreender a ação social ocorrida, em tempo real, no intuito de descrever e explicar as competências que usam os falantes para participar da interação. Além disso, visam mostrar que durante a conversa podem ocorrer problemas que

venham a comprometer o entendimento de ambas as partes ali envolvidas (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974). Dentre as diferentes ações sociais passíveis de análise, a resolução de tais problemas é entendida a partir de algumas práticas utilizadas pelos participantes em interação face a face¹⁴, visando contornar os obstáculos presentes na fala e na compreensão. Essa ação denominou-se *Fenômeno do Reparo*, que acontece recorrentemente no âmbito dos turnos de fala para garantir o estabelecimento da compreensão mútua entre os participantes (LODER, 2008).

O Fenômeno do Reparo é muito recorrente nas interações, todavia, não se apresenta de uma única forma, embora, em quaisquer situações, sempre ocorra com vistas a sanar entraves que possam comprometer o entendimento durante a conversa, quer cotidiana, quer institucional.

Em 1974, os estudos pioneiros em ACE, de SSJ, apontaram que, em meio ao sistema de trocas de falas, o Reparo acontece recorrentemente. Todavia, Sacks, Schegloff e Jefferson apontam a necessidade da distinção terminológica entre Reparo e Correção. Esta está associada ao erro, enquanto aquele, a problemas de escuta, produção ou entendimento no decorrer da interação. Além do mais, o problema ou a fonte do problema assim o é para os próprios participantes da interação, mesmo que na visão do analista não o seja. Segundo Medeiros e Ferreira (2010), o Reparo não se limita a uma correção, haja vista que envolve tarefa de formulação e reformulação¹⁵. Segundo as autoras,

O reparo serve para realçar melhor o que já foi dito, reparar algo, solicitar explicação, solicitar uma repetição, buscar palavras (hesitação), ou seja, está ligada à necessidade de manutenção da intersubjetividade entre os participantes da interação para solucionar e garantir a mútua compreensão. O reparo interrompe o curso da fala sem que se abandone o tópico (MEDEIROS; FERREIRA, 2010, p. 40).

Pelo exposto, o Reparo tem uma significativa relação com a tarefa de reformular a fala com vistas a garantir e preservar o entendimento mútuo, sanando quaisquer problemas que o ameace. Dessa forma, o curso da fala é interrompido, todavia, sem abandonar o tópico em andamento, tanto que erros gramaticais ou de concordância, por exemplo, podem passar despercebidos ou não serem identificados como um problema na conversação, mesmo que aos

¹⁴ Entende-se por interação face a face aquela que se dá em co-presença, em que todos os envolvidos partilham um mesmo sistema referencial de espaço e tempo.

¹⁵ Segundo Penna (2016), os primeiros a conceituarem formulação foram Garfinkel e Sacks (1970). Para esses autores, o termo formulação tem a ver com o que os falantes estão fazendo na interação, ou seja, podem estar explicando algo, resumindo, comunicando etc. Já o conceito de Reformulação é trazido por Gago *et al.* (2012), que o entende como um redizer da fala, como sendo um reformular daquilo que já foi dito anteriormente.

olhos do analista fossem. Assim “... não é possível dizer *a priori* que tipo de elocução pode ou não se tornar uma fonte de problema, dando início a uma sequência de reparo” (LODER, 2008, p. 100). Além do mais, seguindo a mesma lógica da organização da conversa por turnos de fala, o Reparo não acontece de forma aleatória, mas se dará em um espaço sequencial de oportunidades e, geralmente, próximo à fonte do problema.

Conforme Loder (2008), existem diversas oportunidades para iniciação do Reparo, são elas: antes da Unidade de Construção do Turno – UCT, na qual se localiza a fonte do problema; Reparo iniciado no Lugar Relevante de Transição - LRT; iniciação no turno seguinte ao que contém a fonte de problema; início do Reparo no turno subsequente ao turno que segue a fonte de problema, ou seja, no terceiro turno em relação à fonte do problema. A semelhança entre o Reparo no terceiro turno e o Reparo no LRT é que ambos são levados a cabo pelo falante da fonte do problema. Todavia, a iniciação do Reparo acontece em uma ordem sequencial de oportunidades, já que o Reparo não ocorre aleatoriamente, mas conforme as oportunidades, já que não ocorre em todos os turnos.

Após o estudo seminal, desenvolvido em 1974, os pioneiros da ACE, Schegloff, Jefferson e Sacks, debruçaram-se sobre a organização do Reparo em 1977, descrevendo-a mais claramente. Segundo esses autores, o Reparo está mais para solução de problemas do que correção de erros. Para eles, o Reparo se organiza basicamente em duas partes: iniciação e resultado. Após a iniciação desse fenômeno, o resultado desse Reparo também acontece em um espaço sequencialmente restrito, ou seja, em torno da fonte de problema, podendo ser feito pelo próprio falante da fonte do problema ou pelo outro interlocutor.

Abreu (2003), ao discorrer sobre a organização do Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana e na sala de aula tradicional em português brasileiro, salienta que o Reparo é um artifício para garantir o estabelecimento da compreensão mútua entre os participantes da interação, o qual pode ser iniciado após qualquer turno. A autora ainda compara o Reparo com um par adjacente, que, uma vez iniciado, gera uma sequência que requer uma resposta para ser levado a cabo. Logo, conforme Abreu (2003), o Reparo pode ser iniciado pelo falante da fonte do problema, a autoiniciação, ou, ainda, ter início por outro participante engajado na conversa, o Reparo iniciado pelo outro.

Assim, o Reparo pode ocorrer por várias trajetórias, podendo ser iniciado e levado a cabo pelo falante da fonte do problema, iniciado pelo falante da fonte do problema e levado a cabo pelo outro, iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte do problema, iniciado e levado a cabo pelo outro ou ainda iniciado em terceira e quarta posição. Todavia,

essa última opção se daria apenas no caso de já terem passado a oportunidade das primeiras quatro trajetórias mencionadas. É importante lembrar que, quando se inicia um sequência de Reparo, a ação que vinha sendo feita fica em suspenso para que o problema seja resolvido.

Como o Reparo não acontece aleatoriamente e ocorre por diferentes trajetórias, vale ressaltar que nem sempre este se inicia em um mesmo molde, mas, ao contrário, apresenta técnicas variadas de iniciação, como endossam Medeiros e Ferreira (2010) ao apresentarem algumas técnicas usadas, por exemplo, no Reparo iniciado pelo outro, tais como:

1. solicitação de repetição por meio de iniciadores de reparo do tipo aberto, como por exemplo, hum?, ahn?, ei, micropausas;
2. perguntas mais específicas que direcionam e focalizam a fonte do problema, como quem?, como?, onde?, quando?; o que?;
3. repetição parcial ou total do turno anterior (FP) com entonação de pergunta;
4. repetição parcial do turno acrescido de um pronome interrogativo ou partícula de pergunta (o número de quem? Aconteceu quando? Falar com quem?);
5. possibilidade de compreensão do turno FP com uso da expressão “you mean X” (você quer dizer X), sendo X a tentativa de compreensão da fonte problema. (MEDEIROS; FERREIRA, 2010 p. 42).

Observando essas técnicas, facilmente nos vêm à memória as nossas próprias interações, que, de fato, são permeadas por tais técnicas. Muitas vezes nos pegamos repetindo parte do turno anterior para reconstruir ou re-elaborar algum seguimento de fala e promover a compreensão mútua. Outras vezes também usamos iniciadores do tipo “ahn?” “oi?” “hem?” ou questionamentos como “onde?” “o quê?”. Por isso, o Reparo é tão importante na conversa, visto que estabelece e negocia o entendimento ao longo da interação entre os envolvidos. Os sujeitos envolvidos na interação podem estar utilizando tanto uma língua oral/auditiva quanto uma língua visual-espacial, como é o caso das LSs.

A partir do exposto até agora e de forma a complementar os estudos evidenciados, esta pesquisa vem mostrar como surdos em interação sinalizada, em um ambiente institucional televisivo, lançam mão de artifícios para resolver problemas que atrapalham o entendimento entre os participantes. Ou seja, como agem conjuntamente para promover a compreensão mútua no ato de solucionar problemas interacionais da conversa, conforme os mencionados nos estudos de Schegloff, Jefferson e Sacks [(1977) 2003], os quais, a partir da observação desses elementos constitutivos da fala-em-interação, identificaram nos turnos de fala a organização do Reparo. Além desses estudos pioneiros, a presente pesquisa também se referênciava em outros que os sucederam e que se debruçaram sobre a interação e sobre o fenômeno do Reparo, que ocorre com vistas a resolver problemas que venham a dificultar o andamento da interação e se dá no decorrer dos turnos da conversa.

1.4 Sociolinguística no Brasil: o marco inicial

No Brasil, na década de 1985, aconteceu o 1º encontro da Anpoll¹⁶, com a elaboração e apresentação de um Grupo de Trabalho – GT de Sociolinguística, na ocasião, dividindo espaço com as discussões sobre bilinguismo. De acordo com Savedra (2010), como resultado dos levantamentos iniciais da época, é percebida a necessidade de mais discussões da Sociolinguística envolvendo também temas como estudos em Bilinguismo, Dialetoologia, Variação e Mudança Linguística. Desse modo, surgiu o GT para o II Encontro da Anpoll, realizado em 1987, sob o tema *Rumos da Sociolinguística no Brasil*. Nesse período teve início um levantamento de pesquisadores, projetos e produção acadêmica da área.

1.4.1. Sociolinguística interacional: um novo olhar sobre a interação

Para a Sociolinguística com viés interacional (GUMPERZ, 1998; LADEIRA, 2007), o ser humano é usuário de diversas línguas, pois, mesmo ao utilizar-se de sua língua nativa, esta se apresenta com várias facetas a depender do contexto. Isso implica que no contexto doméstico usamos o idioma familiar, na escola modificamos o modo de usar a língua e interagimos de acordo com as pessoas que compõem aquele ambiente. Logo, podemos dizer que usamos a língua de diferentes modos.

O olhar desse novo campo de estudos é interdisciplinar, contando com colaborações advindas da Sociologia e da Antropologia. Essa junção tem contribuído para compreensão de fenômenos linguísticos advindos da comunicação, em especial pelos estudos microsociológicos da análise da conversa. Destacam-se como elementos comuns nas interações em línguas orais: a sequencialidade, que parte da ideia de que, na conversa, uma coisa leva à outra, e a produção da elocução, que está relacionada à elocução que foi produzida anteriormente por outro interlocutor; a adjacência, na qual existem elocuições organizadas sequencialmente aos pares formando uma unidade, o que se nota em situações de pergunta/resposta, convite/aceitação/rejeição, entre outros; e a preferência, que ocorre quando há mais de uma alternativa para a segunda parte do par adjacente (LODER *et al.*, 2008).

Os elementos constitutivos da conversa, conforme os estudos da ACE embasados na Sociolinguística Interacional - SI, manifestam-se nas interações em Libras, todavia, com uma maior incidência de sobreposições de fala e repetição de parte ou por completo do turno

¹⁶Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll).

anterior para dar ênfase à fala ou demonstrar confirmação de entendimento. Os dados ainda revelam posições em relação ao uso/não-uso da língua de sinais e/ou língua oral e posições políticas e ideológicas em relação a tais línguas.

1.4.2 Sociolinguística Interacional, ACE e suas contribuições para os estudos da interação em Libras

No Brasil, temos estudos como o de Abreu (2003), que discorre sobre a organização do Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana e na sala de aula tradicional em que a língua de instrução é português brasileiro, ou seja, uma língua oral. A autora ressalta que os estudos em ACE foram amplamente difundidos nos Estados Unidos e que grande parte destes teve participantes anglo-americanos. Desse modo a autora, a partir de seus resultados de interações entre estudantes brasileiros, ressalta que a organização da conversa também se dá por meio de alocação de turnos de fala, aponta o aspecto da sequencialidade e ainda ressaltada que fenômeno Reparo naquele contexto não apresentou nenhum padrão diferente do que já fora anteriormente descrito pelos estudos em ACE.

Abreu (2003) apresenta o fenômeno do Reparo em sala de aula, o qual pode ser considerado muito semelhante à prática de correção, embora a própria considere tal aproximação um tanto quanto controversa. A autora também parte dos estudos pioneiros da ACE, já mencionados nesta pesquisa, e endossa que a ação é co-construída sequencialmente e que cabe ao analista aproximar-se da perspectiva êmica, a partir do que é demonstradamente relevante para os participantes no momento da interação. Com o propósito de verificar se existe ou não uma diferença estrutural entre o português brasileiro e o que já foi descrito em ACE para dados de fala-em-interação em inglês norte-americano, a autora foca especificamente no Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro por considerar tais trajetórias muito próximas a ação de correção, o que é muito recorrente em salas de aula.

Sobre a trajetória de Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro participante da interação, Abreu (2003) a aponta a como a mais despreferida entre as demais, (Autorreparo ou Reparo iniciado pelo falante da fonte de problema e levado a cabo pelo outro, Reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte de problema). Conforme a autora, o ambiente de sala de aula é composto basicamente por uma sequência conhecida como IRA (Iniciação-Resposta-Avaliação), onde o professor, geralmente, faz uma pergunta de resposta conhecida.

A pesquisa de Leite (2008) sobre a segmentação da Língua Brasileira de Sinais aponta que tanto interlocutores ouvintes quanto os surdos se orientam dessa forma na conversa cotidiana. Para Leite (2008, p. 203) “tal orientação se revela no contínuo trabalho colaborativo que os participantes realizam a fim de solucionar as situações em que sobreposições de fala problemáticas emergem”. O autor valeu-se de gravação de conversas com dados naturais e ao mesmo tempo manipulados, na perspectiva deste, que ocorreu a pesquisa um caráter semi-espontâneo. Após convidar três surdos para vir ao estúdio de gravação, o autor deixava-os por volta de 20 minutos conversando sobre uma temática não determinada previamente. Estes participantes sabiam apenas que ao pesquisador interessava analisar o uso espontâneo da língua de sinais brasileira. Leite (2008) conclui que a interação em Libras, assim como nas LOs, envolve um grande evento colaborativo por parte dos participantes e que o princípio de que uma fala de cada vez se faz presente também em interações entre surdos.

No mesmo intuito de compreender como se dá a conversa sinalizada, Medeiros e Ferreira (2010) fazem uma análise da conversação de dois alunos surdos aprendendo inglês com vistas a perceber como se dá a organização do Reparo. O estudo mencionado mostra que os alunos surdos, ao buscarem uma melhor compreensão da língua inglesa, valem-se do Reparo ao questionarem, solicitarem repetições, confirmações e ao serem corrigidos quando produzem um sinal equivocado. Logo, naquele contexto, o Reparo serve para reformular e organizar o processo comunicativo com vistas ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do inglês por alunos surdos. Medeiros e Ferreira (2010) analisam dados da fala em interação na sala de aula de língua estrangeira (LE), onde há uma intérprete e dois alunos surdos que discutem o texto “*Have you been taking care of your planet?*” (Você tem cuidado do seu planeta?). Conforme a autora,

Aqui, no Brasil, na sala de aula de inglês, a língua de sinais usada é a Libras (Língua Brasileira de Sinais). E, para se referirem às palavras em inglês durante a discussão do texto, fez-se o apontamento e sua respectiva tradução em Libras ou datilologia. (MEDEIROS; FERREIRA, 2010, p. 37)

Sendo assim, as autoras salientam a importância de compreender e desvelar os processos de busca de compreensão e de construção da intersubjetividade que se desenrola neste cenário, uma vez que na interação é recorrente a necessidade de reelaborar e reformular algo que fora dito, e é graças à organização do Reparo é que isso pode ser feito.

Em um recente ensaio, Caetano e Ladeira (2016) se propõem a trazer um olhar sobre a Interação em Língua Brasileira de Sinais – Libras à luz da Análise da Conversa Etnometodológica com vistas a perceberem a ocorrência do Reparo na conversa sinalizada por meio de uma pesquisa virtual a partir da análise de vídeo do *site YouTube*, cujos excertos apresentaram significativa incidência de Reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte do problema. Embora os teóricos apontem que na conversa cotidiana haja uma despreferência pelo Reparo iniciado pelo outro, o Reparo apenas iniciado pelo outro não é tão despreferido quanto o Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro, já que este pode, a depender da situação, trazer um aspecto de correção, trazendo constrangimento se realizado a face¹⁷ do outro.

Ainda nessa perspectiva da ACE e sob as contribuições teóricas da Sociolinguística Interacional, temos a recente pesquisa de Souza (2017), que investiga a estrutura de Participação da fala-em-interação em uma aula de química para surdos. A autora aponta em seu trabalho que as expressões corporais e faciais assumem função interacional em uma conversa sinalizada e que alguns movimentos corporais, como balançar a mão, por exemplo, podem indicar interesse em tomar o turno na conversa. Segundo Souza:

O movimento de balançar as mãos frequentemente pode significar que um ator está reivindicando o piso conversacional para si, e ele só o consegue quando os demais atores, ou aquele a quem a conversa está sendo endereçada, direciona o olhar para a pessoa que reivindicou o turno de fala (SOUZA, 2017, p. 111)

Sobre a estrutura de participação em si, a autora ressalta que uma sala de aula com participantes surdos e ouvintes, cuja interação era mediada pela Libras, configura-se como um espaço de construção conjunta de conhecimento, visto que foi recorrente a mudança de enquadre, uma vez que aquele ambiente ora mostrava-se como um sala de aula de ensino de química e, por vezes, como um local de ensino de Libras.

Finalizando, por hora, os tópicos deste referencial teórico, podemos dizer que tanto a Antropologia Linguística quanto a Sociolinguística Interacional atentam-se ao papel da interação social e dos processos semióticos. Todavia, esses campos de estudo se apropriam da interação de formas distintas. A AL atenta-se mais especificamente ao contexto, descrevendo-

¹⁷ “... cada participante em uma situação de interação está preocupado em salvar a própria face e a face dos outros, embora por razões diferentes, produzir-se-á naturalmente uma cooperação tácita, de tal forma que os participantes, conjunto, possam atingir seus objetivos comuns, apesar de diferentemente motivados” (GOFFMAN, 1980, p. 94)

o como elemento que influencia diretamente as ações das pessoas, e, nesse âmbito, é que encontramos os estudos relacionados às ideologias linguísticas. Já a SI atenta-se ao *aqui e agora* da interação, descrevendo-a turno a turno tal como se percebe nos estudos desenvolvidos em ACE, cujo foco é demonstrar a ação construída conjuntamente pelos indivíduos por meio de análise dos turnos conversacionais.

No decorrer das interações, algumas posturas podem remeter a categorias de identidades, ontologias populares, noções de verdade, espaço, tempo, ordem cosmológica e moralidade. Tais pressupostos estão invariavelmente ligados à linguagem e suas ideologias, ou seja, concepções culturalmente específicas sobre a língua e seu papel na vida social, a saber, na agentividade que o uso da língua desempenha (KROSKRITY, 2004). Doravante, a Sociolinguística propõe-se a compreender e sistematizar o universo, aparentemente caótico da fala, seja qual for sua modalidade (LODER; JUNG, 2008). São concebidos como sociolinguistas aqueles que entendem por língua um sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os seres humanos que não se limita a sequências de frases, mas, muito além disso, a um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo dos pressupostos já mencionados no capítulo anterior, este estudo visa identificar traços de Ideologias Linguísticas durante um programa televisivo de entrevista que envolve locutores e interlocutores surdos que se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais - Libras e, ainda, apresentar a ocorrência do fenômeno do Reparo, a partir dos estudos em Análise da Conversa Etnometodológica - ACE.

Para tanto, optou-se por acessar o *site* de uma TV *online* (*web TV*) e acessível em Libras, localizar um programa de entrevistas, selecionar as exibições realizadas com a interação em Libras e sem mediação, ou seja, sem atuação de Tradutor e Intérprete de Libras. Após essa pré-seleção foram separados os vídeos com apresentador e convidados surdos. Vale destacar que os convidados foram identificados como sendo surdos pelo próprio apresentador do programa na costumeira apresentação inicial que faz do convidado do dia.

Dessa forma, foram selecionadas 15 entrevistas inicialmente, referentes ao *corpus* de 27 entrevistas disponibilizadas em língua de sinais, no *site* do programa pesquisado. Dessas 15, descartamos inicialmente uma por ter sido feita com uma convidada ouvinte, porém, usuária da Libras. A partir das 14 entrevistas restantes, selecionamos uma amostra de duas para dar seguimento à pesquisa, são elas: a entrevista feita com uma fotógrafa e vídeo-editora surda e a entrevista realizada com um chefe de cozinha surdo. As referidas entrevistas foram eleitas por terem um conteúdo rico em informações acerca da trajetória de vida dos entrevistados e por terem o foco das câmeras sobre os dois participantes da interação com mais frequência, favorecendo a apreciação da ação construída conjuntamente.

Na sequência, após um sistemático processo de observação dos vídeos, extraímos excertos que apresentavam situações de Reparo e Ideologias Linguísticas. Salientamos, ainda, que, devido ao fato de a Análise da Conversa Etnometodológica priorizar a ação conjuntamente construída pelos participantes da interação, este estudo priorizou, para fins de análise etnometodológica, os momentos em que as câmeras focaram no apresentador e convidado ao mesmo tempo. Todavia, em conformidade também com os estudos mencionados no capítulo anterior, foi considerada toda a interação durante as entrevistas para fins de contextualizar o contexto da ação ali co-construída entre os participantes.

Segundo Heritage e Clayman (2010 b), a entrevista televisiva se distingue de outros gêneros interativos televisivos pelo fato de ser constituída por um grupo de participantes, assunto subjetivo e forma específica de interação. Geralmente, as entrevistas são conduzidas

por profissionais da área, e não por celebridades ou militantes políticos, de acordo com os autores. No caso deste estudo, o apresentador do programa não é, até então, um profissional do jornalismo, mas um representante da comunidade surda, o qual a TV entendeu ser o mais indicado para conduzir tal programa. Normalmente, as entrevistas tratam de eventos específicos, têm caráter relativamente formal e se desenvolvem basicamente em meio a perguntas e respostas. Para Heritage e Clayman (2010 b), “... as regras e as práticas das entrevistas são sensíveis às diversas demandas institucionais que são constituídas pelas organizações midiáticas de radiodifusão¹⁸”.

Segundo Heritage e Clayman (2010 b), duas demandas são particularmente importantes. A primeira demanda decorre da presença dos telespectadores, pois a interação deve ser gerenciada de tal modo que estes não sintam que estão ouvindo uma conversa particular, mas, ao contrário, se sintam como participantes da conversa, que está sendo conduzida para atender suas expectativas. A segunda demanda decorre do *status* do entrevistador como jornalista profissional, haja vista que é importante que este tenha postura formalmente neutra, não devendo expressar seus próprios pontos de vista ou as opiniões da emissora de TV. Desse modo, entende-se que, embora uma entrevista seja um evento onde posições ou opiniões serão expostas pelo convidado, falar por si mesmo ou “levantar uma bandeira” não são práticas bem vistas para um entrevistador profissional.

2.1 Descrição do *corpus*

A TV investigada é o primeiro canal e *web TV* em Língua Brasileira de Sinais (Libras) com legendas e locução. Trata-se de um canal que prioriza a Libras e conta com legendas e com locução em todos os produtos. Isso a torna única e pioneira no Brasil na proposta de integrar os públicos surdo e ouvinte em uma grade de programação bilíngue. Em funcionamento desde março de 2013, essa TV é considerada uma plataforma nacional de vídeos voltados para surdos e ainda acessível a públicos ouvintes e públicos cegos por meio da audiodescrição¹⁹.

¹⁸ No original: “...the rules and practices of news interview turn taking are responsive to various institutional demands that are made of broadcasters and their employing organizations” (HERITAGE; CLAYMAN, 2010, p. 216). Tradução nossa.

¹⁹ Audiodescrição: é a uma faixa narrativa adicional para os cegos e deficientes visuais consumidores de meios de comunicação visual, na qual se incluem a televisão e o cinema, a dança, a ópera e as artes visuais. Consiste em um narrador que fala durante a apresentação, descrevendo o que está a acontecer no ecrã durante as pausas naturais do áudio e por vezes durante diálogos, quando considerado necessário. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Audiodescri%C3%A7%C3%A3o>.

O programa que constitui o objeto deste estudo teve início em março de 2014. Atualmente conta com 27 entrevistas disponibilizadas. A partir das entrevistas eleitas para compor o escopo deste estudo, foram coletados os excertos que são analisados e discutidos neste trabalho. Salientamos que as entrevistas não foram transcritas integralmente, visto que estão disponíveis *on-line* para acesso de interessados e pelo fato de que no capítulo 3 fazemos uma contextualização do contexto que situa o leitor acerca do que se passa em cada uma das entrevistas.

A TV pesquisada foi ao ar pela primeira vez no ano de 2013, apresentando diferentes programas em Libras com legendas e com a locução em Português para a abrangência da audiência surda, foco da TV, mas também atendendo aos espectadores ouvintes. Essa *web TV*, como se chama, foi construída por uma iniciativa conjunta de uma Instituição educacional apoiada pelo Governo Federal através do Ministério da Educação e da organização social conhecida como Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP).

Em geral, a *web TV* tem um foco educacional, abrangendo eventos atuais, cultura, entretenimento, esportes, tecnologia, desenhos animados e outras atrações. Possui também um repertório que inclui *shows* regulares, aulas Libras, entrevistas, filmes com legendas descritivas e um programa de entrevistas Libras. Esse tipo particular de TV é caracterizado pela acessibilidade do idioma, representado, nesse caso, pela língua de sinais. De acordo com a pesquisa da ACERP, cerca de 9,7 milhões de pessoas assistem à TV regularmente em todo o país, o que traz visibilidade para a TV na *web* e apresenta informações aos consumidores públicos, como Heritage e Clayman (2010) descreveram a expansão da mídia eletrônica.

2.1.1 O programa de entrevistas

Trata-se de um programa apresentado por um professor e pesquisador, (N)²⁰, que convida personalidades interessantes para um bate-papo regado a café, humor, conteúdo e temas relevantes. Acerca do apresentador, podemos dizer que se trata do primeiro ator surdo a se profissionalizar no Brasil²¹. (N) estudou no *National Theatre of the Deaf* – NTD, em Nova Iorque, e, no Brasil já atuou como instrutor de Libras e de teatro, também fez parte da equipe profissional de instituições renomadas voltadas para a educação de surdos. Dentre os

²⁰ Resguardamos o nome real do apresentador em observância às questões éticas da pesquisa.

²¹ Relato de (N) sobre a condição de ser surdo. Disponível em <[http://interpretesdelibras.blogspot.com.br/2012/11/relato-de-\(N\)-pimenta-sobre-condicao.html](http://interpretesdelibras.blogspot.com.br/2012/11/relato-de-(N)-pimenta-sobre-condicao.html)>.

convidados, podemos encontrar personalidades da mídia brasileira, ouvintes ligados à comunidade surda, como uma ex-diretora do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Em grande parte, os participantes são surdos com diferentes níveis de envolvimento com a comunidade surda do Brasil e do exterior.

A partir da observação e transcrição dos vídeos, percebi que o programa recebe tanto convidados surdos quanto ouvintes. Conta com um cenário aconchegante, com poltronas que fazem lembrar uma sala de visita, no qual ainda pode-se visualizar ao centro e ao lado dos convidados uma mesinha com um café servido. Durante as entrevistas, o apresentador e o convidado estão sentados de forma diagonal, de modo que estabelecem contato visual entre si e entre a equipe de produção, que se encontra atrás das câmeras.

As entrevistas normalmente são iniciadas com uma abertura onde se fala o nome do programa e apresenta-se o convidado do dia dando-lhe boas-vindas. Logo nos primeiros minutos, o apresentador expõe um breve currículo do convidado, mostra algumas fotos ou trabalhos feitos por este e inicia-se, de fato, a entrevista. No decorrer da entrevista com convidados surdos é de praxe o apresentador direcionar ao convidado perguntas sobre sua infância e escolarização, como aprendeu Libras, dificuldades vivenciadas, relacionamento com a comunidade surda e atividade profissional. Em algumas entrevistas podem-se encontrar questões acerca de desafios enfrentados pela comunidade surda e suas perspectivas, ou, ainda, em relação ao tradutor e intérprete de língua de sinais. Para finalizar, o apresentador costuma pedir que o convidado traga e mostre um objeto que lhe seja considerável e, ainda, que diga ou sinalize uma palavra ou sinal que também lhe seja significativo. Atualmente, o programa é exibido por meio de reprises, visto que o último programa inédito data de março de 2016.

2.1.2 O perfil dos convidados

O perfil dos convidados pode ser traçado da seguinte forma: surdos sinalizantes representantes da comunidade surda; surdos oralizados participantes da comunidade surda; surdos oralizados não participantes da comunidade surda; surdos com experiência na oralização com opção pela língua de sinais; surdos estrangeiros; ouvintes usuários da língua de sinais e ligados à comunidade surda; ouvintes pertencentes à mídia brasileira, que, não necessariamente, tem uma relação com a comunidade surda, mas que tenha alguma história de vida marcante para contar. Vale destacar que principalmente entre os convidados surdos há aqueles que se enquadram em mais de um dos perfis citados.

Percebe-se que entre grande parte dos convidados há pessoas bem sucedidas socialmente e/ou participantes da mídia e meio artístico. Alguns convidados, mesmo tendo tido uma infância e escolarização precária ou enfrentado sérias dificuldades no âmbito social ou familiar e que, de algum modo, construíram uma história de superação.

2.1.3 O *corpus* delimitado

O *corpus* deste estudo é composto por excertos de duas entrevistas exibidas em um programa da web TV em Libras. Tais entrevistas estão disponibilizadas na página²² da emissora.

O programa de entrevistas em Libras que é utilizado como a principal ferramenta deste estudo é um programa que tem a frente um representante conceituado pela comunidade surda brasileira, que recebe em seu programa diversos participantes, dentre eles os surdos, os quais são questionados acerca de suas carreiras de sucesso, histórias pessoais e/ou pontos controversos que devem ser esclarecidos durante o programa. De acordo com Heritage e Clayman (2010), a entrevista é considerada um instrumento jornalístico básico, que se desenvolveu rapidamente em mídias eletrônicas e ganhou espaço significativo para divulgar informações aos consumidores de forma rápida e assertiva. Nesse caso, os entrevistados, em sua maioria, são pessoas surdas e ouvintes envolvidos com a temática da surdez ou da Língua de Sinais de diferentes áreas do conhecimento (artistas, *chefs*, professores, políticos, entre outros), advindos de diversos estados brasileiros e de distintos países (Brasil, Estados Unidos, Inglaterra).

Para um recorte da pesquisa, escolhemos um escopo envolvendo alguns vídeos e sujeitos que participam do programa. Sendo assim, os sujeitos analisados neste estudo serão o próprio apresentador e também dois convidados de diferentes entrevistas, sendo eles:

- 1) Uma editora de videografismo e fotógrafa, surda de nascença, que traz no currículo novelas e programas de entretenimento para a TV, além de um famoso filme brasileiro.
- 2) Um jovem *chef* de cozinha, surdo de nascença, com experiências no comando de restaurantes no Rio, São Paulo e no Uruguai, além de atuações profissionais nos Estados Unidos e Inglaterra;

²² Disponível em: <<http://www.tvines.gov.br>>. Acesso em: 31 maio 2017.

A delimitação dessas entrevistas ocorreu pelo fato de trazerem representantes da comunidade surda que, embora usuários da Libras, tiveram em seu desenvolvimento uma relação com a oralização²³ que, de certo modo, influenciou os seus perfis e comportamento e, portanto, levou a situações possíveis de refletir acerca das Ideologias Linguísticas por parte do apresentador e, ainda, dificuldades de entendimento que desencadearam sequências de Reparo.

Na interação durante as entrevistas, o entrevistador faz perguntas e o entrevistado as responde. Segundo Clayman e Heritage (2004, p. 13), “esta é também uma característica particular das entrevistas institucionais, nas quais os participantes contribuem com a conversa em turno “turn-to-turn”, sendo realizada uma sequência de perguntas e respostas”. O programa de entrevista investigado tem procedimentos semelhantes construídos com a mesma base *turn-to-turn*; para o qual as transcrições ajudam a especificar a análise e nos apóia para identificar os múltiplos aspectos recorrentes durante a interação.

O programa de entrevistas pesquisado recebe convidados variados, entre surdos e ouvintes, e as temáticas das entrevistas constituem-se basicamente de relatos de experiência de vida pessoal, escolar e profissional envolvendo a língua de sinais, histórias de superação, desafios e dificuldades de ser surdo e dificuldades enfrentadas pela comunidade surda em geral, tais como: acessibilidade, formação de intérpretes, educação, dentre outros.

2.2 As questões éticas da pesquisa e o uso de imagens

Paiva (2005) ressalta que devido a imprevisibilidade das consequências de uma investigação faz-se necessário que a ética esteja presente, principalmente quando se lida com seres humanos. Segundo a autora, por muito tempo, os trabalhos que diziam tratar da ética na pesquisa, na verdade, acabavam apenas trazendo estratégias para conseguir a colaboração dos pesquisados. Desse modo, preocupavam-se apenas em orientar o leitor a ter sucesso em sua pesquisa. Diante desse cenário, a autora traz alguns questionamentos a serem refletidos pelo pesquisador, dentre eles o questionamento se a pesquisa altera o ritmo da instituição ou ainda se os dados transcritos trarão algum prejuízo aos participantes. Assim sendo, a autora considera importante questionarmos sempre a nossa metodologia e as questões que nos propomos a investigar, pois,

²³A oralização é marca de uma filosofia educacional que prioriza o aprendizado da fala, da leitura e da escrita, em detrimento da língua de sinais. Ver: Capovilla (2000).

(...) se o sentimento de responsabilidade e de solidariedade guiarem nossas ações, poderemos ser aceitos em comunidades discursivas diversas sem constrangê-las, assegurando-lhes privacidade, segurança e tratamento equânimes (PAIVA, 2005, p.13).

Logo, através da reflexão da autora, percebemos que nossas ações precisam ser guiadas pelo senso de responsabilidade e pelo compromisso de não constranger as comunidades nas quais pesquisamos. Assim sendo, optamos por preservar a identidade dos envolvidos, substituindo nomes reais por fictícios. Todavia, e se o *corpus* da pesquisa se materializa de forma virtual onde imagens são captadas a partir de um programa de TV *on-line*, tal como na presente pesquisa? Sabemos que a internet, muito mais do que uma tecnologia, tem se tornado um dinamizador de mudanças sociais e comportamentais e, nessa leva, tem modificado também a atividade de pesquisa, haja vista que o meio virtual tem se tornado cada vez mais um espaço de relações sociais.

A respeito disso, Francisco e Silva Neto (2017) dizem que a pesquisa *on-line* se destaca pela possibilidade de o pesquisador contar com recursos que extrapolam os disponíveis nas pesquisas convencionais, como, por exemplo, recursos visuais e sonoros, maior liberdade na elaboração dos dados, sem contar a facilidade nas relações espaciais e temporais. Conforme os autores,

Os espaços virtuais oferecem inúmeras vantagens à prática do pesquisador, nos quais podem acessar ferramentas online. Em muitos desses espaços existe, por exemplo, um registro que permanece no tempo e que permite seu acesso à hora que lhe convém. (FRANCISCO; SILVA NETO, 2017, p. 138).

Isso significa que a pesquisa *on-line* pode permitir ao pesquisador revisitar os dados, caso o julgue necessário. Não obstante, mais adiante, o autor afirma que a dinamicidade da internet pode levar o pesquisador a ter dificuldade na percepção das amostras.

Quando o assunto é ética em pesquisa *on-line*, Francisco e Silva Neto (2017) destacam que o uso da internet tem se tornado pauta jurídica. No Brasil, por exemplo, foi sancionada a Lei nº 12.965/2014, que estabelece princípios, garantia, direitos e deveres para o uso da internet no país, tendo como fundamento a liberdade de expressão e princípios como a proteção de dados pessoais, dentre outros. Além disso, um dos objetivos relacionados à disciplina no uso da internet tem a ver com a promoção do “... acesso à informação, ao conhecimento e à participação na vida cultural e na condução dos assuntos públicos” (BRASIL, 2014).

Francisco e Silva Neto (2017) também ressaltam a importância de se preservar os padrões éticos que garantam a integridade dos participantes. Desse modo, em pesquisas

desenvolvidas a partir de um contexto de fala livre, como em bate papos, por exemplo, “é preciso considerar ainda o fato de que os dados pessoais produzidos na pesquisa não devem ser publicizados sem o consentimento livre e esclarecido do participante” (FRANCISCO; SILVA NETO, 2017, p. 146). Assim, percebe-se a preocupação dos autores com o respeito aos participantes da pesquisa quando os dados advêm das redes sociais de relacionamento, como são as salas de bate papos. Isso é perfeitamente compreensível, pois, nessas redes de relacionamento, as pessoas normalmente se sentem mais à vontade em opinar, questionar e declarar coisas que, às vezes, não fariam em uma interação face a face. Desse modo, suas vidas acabam ficando mais expostas do que estariam em um bate papo comum, no banco da praça, por exemplo, haja vista que nas redes sociais é mais difícil dimensionar até quem e onde chegam as falas do internauta.

2.1. Mas, e quando a pesquisa *online* não se desenvolve a partir de redes sociais?

Ao lançar mão do *Google Acadêmico*²⁴, colocando a seguinte referência para pesquisar, "a pesquisa a partir de vídeos da internet", a mensagem recebida em resposta aponta que, até o presente momento, nenhum artigo correspondente foi encontrado. Isso reflete que as discussões acerca da pesquisa a partir de vídeos disponibilizados na internet ainda é incipiente. Todavia, retirando-se as “aspas”, encontramos indícios de que essa temática vem ganhando espaço com artigos que, por exemplo, tratam o *YouTube* como uma opção para uso do vídeo na educação a distância (EaD), como apontam Caetano e Falkembach (2007) e, ainda, Lacalle (2010), que discute sobre as novas narrativas da ficção televisiva e a Internet. Entretanto, a maioria dos artigos encontrados, ao menos no Brasil, debruça-se sobre internet ou, especificamente, o *YouTube* como ferramenta de ensino, principalmente em educação a distância, e não especificamente como ferramenta de pesquisa, como ocorre neste trabalho.

O presente estudo não tem por objetivo analisar contextos de fala livre, do tipo bate papos, mas, diferentemente, um contexto televisivo *on-line*. Assim como vídeos disponibilizados via *YouTube*, a TV *on-line* mantém acessível ao público os conteúdos de seus programas exibidos. Dentre estes, o programa de entrevistas sobre o qual este estudo se debruça.

²⁴ Trata-se de um recurso disponibilizado pelo Google que possibilita aos pesquisadores ferramentas específicas para buscar e encontrar literatura acadêmica, como artigos científicos, teses de mestrado ou doutorado, livros, resumos, bibliotecas de pré-publicações e material produzido por organizações profissionais e acadêmicas.

Nesta pesquisa, optamos por não utilizar as imagens das entrevistas selecionadas, além de elencar nomes fictícios para os participantes, com vistas a evitar quaisquer constrangimentos²⁵, ainda que os vídeos estejam disponibilizados publicamente²⁶.

Por se tratar de uma pesquisa *on-line*, o presente estudo não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que não há uma relação direta com os participantes ou instituição, embora se tratem de seres humanos. Os vídeos são de acesso público gratuito e estão disponíveis no *site* da *web TV*, podendo ser assistidos por quaisquer interessados, via internet. Desse modo, não coube, aqui, autorização prévia dos participantes. Todavia, mantém-se, neste estudo, o senso de responsabilidade e solidariedade enfatizados, por Paiva (2005), como preceitos éticos da pesquisa. Logo, não é intenção do presente estudo trazer prejuízos de qualquer natureza aos produtores e participantes do programa. Ao contrário, espera-se evidenciar a Libras enquanto língua por meio da qual seus usuários podem interagir em diferentes espaços sociais, e, dessas interações, diferentes aspectos podem ser observados, assim como ocorre nas línguas orais.

2.3. A natureza da pesquisa e seu percurso de desenvolvimento

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, pois se propõe à observação e à análise dos fenômenos ocorridos no campo de pesquisa, nesse caso, um campo virtual, captando-os em sua extensão (OLIVEIRA, 2010). Parte-se do pressuposto de que pesquisa qualitativa não se define apenas por diferir de uma pesquisa quantitativa, mas também envolve uma investigação aquém de contextos especializados ou laboratórios, focando-se no entendimento e na descrição dos fenômenos sociais de diversos modos, dentre eles, o exame das interações e comunicações que estejam se desenvolvendo em um dado espaço e a análise de experiências de indivíduos ou grupos. Dessa forma, é possível lançar mão da observação e registro de práticas de interação e comunicação, como pontua Flick (2009), bem como realizar a análise deste material.

2.4. O caminho teórico-metodológico trilhado no presente estudo

Neste estudo, buscou-se identificar nas interações entre interlocutores surdos em um programa de entrevista a ação construída conjuntamente pelos participantes, localizando nessa

²⁵ Embora tal prática venha sendo adotada em pesquisas já realizadas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. Cf.: Assis (2017); Lelis (2016); Silva (2015); Gomes (2013).

²⁶ Todavia, sem especificação de finalidade, quer midiática, quer científica.

interação o fenômeno do Reparo e Ideologias Linguísticas. Para cumprir tal intento, assistimos e analisamos as entrevistas de um programa de TV *on-line*. Tais entrevistas estão disponibilizadas na página²⁷ da TV investigada. Desse modo, em consonância com o objetivo geral da pesquisa, neste estudo foi descrito o contexto de interação midiático, situando o apresentador do programa e sua relação com a Libras. Ainda, foi traçado o perfil dos convidados, sempre atentando-se para os indícios de Ideologias Linguísticas em torno da Libras e, em algumas situações, sobre sua relação com a língua oral e, por fim, observando a recorrência do Reparo na interação turno a turno.

Inicialmente nos atentamos a aspectos como: 1) Perfil dos convidados, 2) Temáticas recorrentes nas entrevistas; 3) Relação do convidado com a Língua de Sinais; 4) Relação do convidado com a Língua Portuguesa. Essa classificação dos dados facilita o desenvolvimento da análise, observando o que esses mesmos dados demonstram a partir de uma observação detalhada. Vale lembrar que o programa recebe tanto convidados surdos quanto ouvintes. Todavia, neste estudo, priorizou-se somente as interações entre o apresentador do programa e os convidados surdos usuários da Libras.

Tozoni-Reis (2010) detalha o processo de pesquisa conforme suas grandes etapas: revisão bibliográfica; coleta de dados; análise dos dados; redação final do estudo. A autora não concebe metodologia de pesquisa como “receituário”, mas, ao contrário, como uma abertura acerca das orientações e direções da prática da pesquisa em si. Assim sendo, e conforme os pressupostos já descritos, este estudo iniciou-se a partir dos estudos voltados para a interação em sala de aula em uma disciplina oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV e teve sequência por meio da leitura de trabalhos desenvolvidos no contexto da Sociolinguística Interacional, uma área de estudos basicamente interdisciplinar (LADEIRA, 2007), bem como pelas discussões realizadas em outra disciplina do Programa de Pós Graduação em Letras cujo foco eram as práticas sociais e linguísticas envolvendo Línguas de Sinais a partir de estudos em Antropologia Linguística (DURANTI, 1997) e Ideologias Linguísticas (KUSTERS, 2014).

²⁷ Disponível em: <<http://www.tvines.gov.br>>. Acesso em: 31 maio 2017.

2.4.1 A busca pelos pressupostos teóricos na fase da revisão bibliográfica

Analisando cada uma das etapas da pesquisa científica, Tozoni-Reis ressalta que a etapa de revisão bibliográfica é uma fase em que se descobre o “estado da arte” da temática em questão, mostrando como esta vem sendo tratada até então. Segundo a autora,

Revisão Bibliográfica é, portanto, um aprofundamento do estudo sobre o assunto e, em particular, sobre o tema. Trata-se de buscar nos autores e obras, que tratam do mesmo tema ou de temas próximos ao estudado, suas contribuições no sentido de proporcionar ao pesquisador oportunidades de empreender de forma mais sistematizada suas reflexões sobre o tema em estudo (TOZONI-REIS, 2010, p. 02).

A revisão bibliográfica é, na verdade, uma pesquisa em si. Embora seja uma parte da pesquisa, ela se configura como pesquisa por constituir-se pela busca a autores e obras que possam contribuir com o estudo a ser realizado. Desse modo, constrói-se bibliografia básica sobre o tema para futura leitura, análise e interpretação dos dados.

O presente estudo, embora não se proponha a um tratamento exaustivo das teorias que abordam contexto e interação, tais como a Antropologia Linguística - AL, com as pesquisas relacionadas a Ideologias Linguísticas, e a Sociolinguística Interacional - SI, com os estudos em Análise da Conversa Etnometodológica - ACE, do onde provêm investigações sobre o Reparo, procurou abordar alguns estudos voltados para compreensão do contexto interacional e, ainda, outros que se debruçam sobre Língua de Sinais e interação. Para tanto, buscou-se apresentar alguns estudos que tratam do uso da língua relacionando-a ao contexto, à cultura e à sociedade.

Em um segundo momento, buscamos traçar um histórico da Sociolinguística no Brasil e abordamos o viés interacional que a complementa, dando origem a Sociolinguística Interacional - SI. Preocupamo-nos, ainda, em trazer a discussão acerca do que vem a ser Ideologia, para, logo adiante, inserir a temática das Ideologias Linguísticas, que constitui um dos focos de análise deste estudo.

Fechando a discussão teórica, trouxemos a ACE apresentando o desenvolvimento desse campo de pesquisa e suas contribuições para o entendimento de como as pessoas agem conjuntamente na interação social e institucional. A partir dessa reflexão, passamos a discutir

o fenômeno do Reparo, que, juntamente às Ideologias Linguísticas, constitui o interesse do presente estudo.

Finalizando, ainda que parcialmente, a etapa de revisão bibliográfica, direcionamo-nos à coleta de dados no intuito de conhecer a realidade acerca do fenômeno investigado, que, no caso deste estudo, são as Ideologias Linguísticas e o fenômeno do Reparo em interações que se dão a partir de entrevistas entre surdos, em uma TV *on-line*, acessível em Libras.

2.4.2 A obtenção dos dados

A coleta de dados é uma etapa empírica da pesquisa através da qual se tem a interpretação da realidade investigada como sua mais clara expressão. A coleta dos dados deste estudo se deu de modo virtual. Conforme Mendes (2009), a informação pela internet atinge muitas pessoas, em um tempo mais reduzido, podendo ter custos reduzidos por se tratar não mais de um suporte físico, mas virtual. Pela impossibilidade de baixar os vídeos do Programa, a pesquisa de campo deu-se totalmente *on-line*, por meio do *site* da *web TV*. Posterior à coleta dos dados, deu-se a organização destes, sistematizando os fenômenos investigados de modo a facilitar a análise. Os vídeos das entrevistas selecionadas foram manipulados via internet com auxílio de recurso do tipo *Slow motion* para desenvolver o vídeo mais lentamente, favorecendo-nos captar os detalhes das interações.

Leite (2008) destaca a possibilidade de manipulação e transcrição de dados por meio do programa ELAN²⁸, o qual, além de ser gratuito e viabilizar uma transcrição mais eficiente das Línguas de Sinais, permite que se criem quantas trilhas forem necessárias para anotações dos aspectos observados. Contudo, por razões de ordem técnica, a manipulação e transcrição dos vídeos neste estudo se deram de forma manual, sem, portanto, utilizar qualquer programa destinado à transcrição, como é o caso do ELAN.

Para obtenção dos dados, assistiu-se ao programa disponibilizado *on-line* pela TV investigada, sem baixá-los, por motivo de bloqueio do próprio *site*. Por isso, tornou-se inviável o uso do programa ELAN, utilizado por Leite (2008), haja vista que os vídeos precisam ser baixados para, a partir de então, serem carregados junto ao programa, de modo a serem feitas as transcrições e criadas as trilhas a partir dos aspectos observados. Posteriormente, foi utilizado o processo de transcrição de excertos selecionados das

²⁸A ELAN é uma ferramenta profissional para a criação de anotações complexas em recursos de vídeo e áudio. <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>> Acesso em: 29 dez. 2017.

entrevistas em glosas²⁹, com o uso de palavras do português e, na sequência, a tradução de tais excertos para um melhor entendimento e análise da interação em questão.

A transcrição é uma etapa muito significativa no tratamento dos dados em ACE. Ela faz parte dos primeiros passos para a análise da interação registrada, além de permitir focalizar fenômenos que podem compor a explicação analítica. Assim sendo, a transcrição é um processo seletivo que varia conforme os objetivos de investigação, não sendo capaz de reproduzir na íntegra a interação, sendo, ainda, passível de diferentes versões (DURANTI, 1997).

Durante a coleta e análise dos dados, o presente estudo embasou-se nos preceitos da AL, que traz importantes contribuições acerca das Ideologias Linguísticas, e, ainda, nos estudos desenvolvidos na SI, de onde provém o campo teórico e metodológico da ACE.

Para favorecer o entendimento do registro das interações, algumas cenas capturadas, que foram relevantes aos objetivos propostos, serão utilizadas para a análise. Considerando o processo de transcrição como uma etapa também interpretativa (GIBBS, 2009), cujo detalhamento dos estudos torna-se fundamental em análises de conversa e/ou conversação, serão feitos recortes de situações relevantes das gravações, registro por meio de glosas, tradução e registros ilustrativos para análise dos mesmos.

2.4.3. O desenvolvimento da transcrição

A transcrição dos dados é uma etapa muito significativa da pesquisa. Por meio dela, o pesquisador traz o registro real do informante. Todavia, essa etapa de modo algum é uma preparação do material a ser analisado. Nessa etapa há “... uma série de procedimentos interpretativos e seletivos” (GAGO, 2002, p. 91) que incorre em uma atividade analítica plena envolvendo análise e representação. No entanto, o pesquisador-analista “não pode escapar da natureza interpretativa do processo de transcrição” (LEITE, 2010, p. 268).

Leite (2010) ressalta que a transcrição em LOs é facilitada pelo sistema alfabético, todavia, em LSs, até então, não há consenso sobre uma escrita de sinais, o que ele percebe haver vantagens e desvantagens, visto que assim se preserva a corporalidade essencialmente presente nas LSs, mas, ao mesmo tempo, dificulta a criação de um sistema de transcrição.

²⁹ Glosa: Representação textual de um ou mais sinais da Libras, ou seja, palavras de uma dada língua oral são usadas para representar um sinal aproximadamente. Cf.: Paiva *et al.* (2016)

No que diz respeito às línguas orais-auditivas, Gago (2002) diz que o ouvido humano é falho e que a cada novo contato com o material os analistas poderão ter uma nova representação dos fenômenos. Por conseguinte, pode-se inferir que o mesmo se aplica às Línguas de Sinais, visto que a cada nova visualização dos dados registrados estes também podem trazer novas representações ao próprio pesquisador-analista e a outros que o sucederem. Desse modo, os dados ora apresentados nesta pesquisa representam as percepções acerca dos mesmos neste momento, podendo em outras ocasiões trazerem novas representações.

Gago (2002) apresenta uma proposta desenvolvida por Gail Jefferson na década de 70. Os símbolos desse modelo são consubstanciados em Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), doravante SSJ. Tal modelo é considerado pelo autor como capaz de tratar com vários aspectos da transcrição, porém, com lacunas no que diz respeito a itens não lexicais, como *ãhã*, *hhn* ou *xiii*, por exemplo, ou, ainda, as dificuldades tocantes aos fenômenos de variação linguística.

Partindo da premissa de que os turnos de fala se desenvolvem sequencialmente, Gago (2002) recorda o argumento criado por SSJ de que os turnos de fala são compostos normalmente por três partes,

[...] uma parte do turno corrente que faz ligação com o turno anterior; uma outra que desenvolve a ação principal do turno, e uma terceira que relaciona o turno corrente com o turno seguinte (GAGO, 2002, p. 94).

Essas partes não compõem obrigatoriamente todos os turnos, porém, quando ocorrem, são geralmente nessa ordem, como se vê no exemplo a seguir trazido por Caetano e Ladeira (2016) a partir da análise de uma entrevista com depoimentos de surdos sobre seu processo educacional³⁰.

Excerto 1: Entrevista com alunos surdos

| | |
|------------------|---|
| 01 Entrevistador | <PERGUNTAR>mc JÁ EXPERIÊNCIA SALA OUVINTE ESCOLA, |
| 02 | SALA SURDO SEPARADO. <VOCÊ JÁ EXPERIÊNCIA ESTUDAR>qu – sn |
| 03 Jonatas | <EU SURDO, SALA OUVINTE SEPARADO>, |
| 04 | <MAS PROFESSOR FRACO COMUNICAÇÃO> |
| 05 | < EU LIBRAS EXPLICAÇÃO NÃO-ENTENDER> |
| 06 | <FALTAR COMUNICAÇÃO> |
| 07 | <FRACO, NÃO ENTENDER><DE-NOVO, DE NOVO> |
| 08 | <NÃO ADIANTAR><NÃO> |
| 09 Entrevistador | <NÃO>qu t |
| 10 Jonatas | <NÃO>. |

Fonte: Caetano e Ladeira (2016).

³⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3FdiI2RXp9w>> Acesso em: 10 jan. 2018.

No excerto anterior, vemos uma sequência discursiva entre as linhas 1 e 9 na qual a ação principal é a informação sobre a experiência de um dos participantes em escolas de ouvinte. Essa ação se desenvolve por meio de uma *pré-sequência* no início da Linha 1, que, na verdade, é uma ação preliminar cujo objetivo é “checar a disponibilidade do recipiente para a execução da ação que será pedida na sequência principal ...” (GAGO, 2002, p. 95). No caso da interação acima, essa checagem se configura na construção do foco da linha 1 “perguntar”. A ação principal é a pergunta em si, nas linhas 1 e 2, nas quais também se percebe um Autorreparo. Na linha 3, percebemos uma ação decorrente dos turnos na linha 2, formando a segunda parte de um par adjacente (pergunta-resposta), que, por sua vez, se relaciona com o turno seguinte, da linha 4, no qual, apesar de haver uma sala separada para os surdos (Linha 3), o professor não sabia Libras o suficiente.

Neste estudo, como já mencionado, optou-se pela transcrição manual por meio de glosas, visto que estas, apesar de se constituírem por palavras da Língua Oral, quando formatadas em caixa alta, são uma forma de representar/transcrever os termos realizados na Língua de Sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Os excertos selecionados também foram transcritos de forma traduzida para o português padrão, utilizando-se a tradução disponibilizada na legenda do programa investigado. Contudo, a análise se debruçou sobre a transcrição em glosas por representar os sinais realizados. Dessa forma, seguiu-se uma padronização, valendo-se dos seguintes marcadores:

- Início e fim das sentenças: <>
- Datilologia: letra por letra separada por hífen
- Sobreposição de fala; sinais realizados ao mesmo tempo: []
- Marca interrogativa (<>qu)
- Fonte de problema: fp
- Início de reparo: ir
- Reparo levado a cabo: rlc
- Expressão de espanto: !!!
- Palavra oralizada: (())
- Expressão de espanto: !!!
- Comentários da pesquisadora: ()
- Transcrição duvidosa: Sublinhado

- Sinal representado em mais de uma forma: palavra¹

2.4.4 Análise dos dados e discussões elencadas a partir de seus resultados

Passando a etapa de análise dos dados ou discussão e interpretação destes, Tozoni-Reis (2010) nos diz que é necessário, nessa altura da pesquisa, usar as contribuições dos autores lidos na pesquisa bibliográfica ou ainda de outros que escrevem sobre questões relacionadas ao tema.

É preciso buscar compreender os resultados obtidos no processo de coleta de dados, depois organizá-los em categorias, com o apoio dos autores, de suas interpretações sobre os assuntos relacionados às categorias. Assim, para cada conjunto de dados apresentados, faz-se necessário refletir sobre o que disseram os autores, visando analisar os dados (TOZONI-REIS, 2010, p. 06-07).

Percebe-se, a partir das colocações da autora, que a organização e categorização dos dados, a partir do que trouxeram os autores, favorecem a compreensão destes. Assim sendo, é necessário refletir sobre o que os pressupostos teóricos apontam e, a partir de então, analisar os dados.

Desse modo, os dados deste estudo foram organizados primeiramente conforme os pressupostos da Antropologia Linguística, no Capítulo 3, no qual contextualizaremos a investigação a partir de um panorama das duas entrevistas selecionadas e focamos nos indícios de Ideologias Linguísticas a partir da interação desenvolvida entre os participantes. Posteriormente, no Capítulo 4, construiremos uma reflexão acerca dos dados a partir de excertos nos quais a interação foi observada e analisada turno a turno por meio da Análise da Conversa Etnometodológica, subsidiada pelos estudos em Sociolinguística Interacional. Nesse excerto, atentamo-nos às ocorrências de Reparo que, tal como já fora explicado no Capítulo 1, acontece com vistas a sanar problemas que atrapalhem o entendimento entre os participantes da interação.

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo trazemos uma contextualização do programa investigado através de um detalhado panorama das entrevistas selecionadas, onde nos atentamos aos indícios ideológicos acerca da relação entre Línguas Orais - LOs, Línguas de Sinais - LSs, Libras e Línguas de Sinais Estrangeiras – LSEs, de modo a percebermos a língua evidenciada nas entrevistas.

3.1. Contextualizando a investigação

O programa escolhido aqui para a investigação e análise é exibido diariamente com várias reprises ao longo da programação da *web TV* em Libras. Todavia, o último programa inédito data de março de 2016. Ter uma TV totalmente acessível em Libras é um reflexo de que os surdos brasileiros têm conquistado muitos espaços, quer no âmbito acadêmico, quer no contexto social, quer no ambiente midiático. Essa conquista é fruto de décadas de militância da comunidade surda e foi alavancada pela lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação oficial no Brasil, a Lei nº 10436 / 2002, que deu visibilidade à língua usada pelos surdos brasileiros.

Contudo, essa visibilidade torna-se ainda maior com iniciativas como a desta TV em Libras, visto que além de tornar visível essa modalidade linguística ainda cede espaço para que surdos manifestem sua identidade, sua cultura e sua posição diante da sociedade. Nos últimos anos, a comunidade surda brasileira tem crescido significativamente, conquistando espaços sociais até então constituídos, em sua maioria, por ouvintes. Nestes espaços vêm desenvolvendo uma cultura surda que se fundamenta na liberdade da comunicação visual-espacial, que independe da língua oral. Em diversas esferas sociais, encontramos surdos mostrando sua “voz” por meio da Língua de Sinais e, de certo modo, influenciando a realidade surda por meio dessa prática linguística no contexto social.

Nonaka (2009), ao desenvolver uma análise das práticas linguísticas em relação às mudanças sociais, utiliza-se de um preceito clássico da Antropologia, que é o foco no contexto, ou seja, preconiza-se o “aqui e o agora” da interação com a adição de como esta se dá dentro de determinado espaço social. A autora realiza um estudo de caso no qual examina uma língua de sinais da aldeia tailandesa e demonstra como os métodos antropológicos tradicionais de mapeamento, análise de nomes, diagramação de parentesco, *pedigrees* genéticos médicos e análise de rede social foram efetivamente combinados para construir uma descrição básica do tamanho, do escopo e associação da comunidade de fala/sinalização de

Ban Khor. Segundo a autora, esse trabalho pode ser replicado, podendo ajudar outros pesquisadores na descrição de outras línguas de sinais.

Nonaka (2009) observa os sinais utilizados na comunidade, realiza a análise estrutural de como ocorriam as relações dentro da comunidade para entender como eles se relacionam por meio da língua e suas variações, como, por exemplo, as hierarquias, as individualidades no uso dos sinais, a coletividade no uso destes, o que se pode comunicar ou não por meio dos sinais. A autora observa ainda como as pessoas daquela comunidade percebiam as próprias habilidades linguísticas e quais eram as informações centrais na vida da aldeia, que mobilizam conhecimentos produzidos por e para aquele grupo.

Partindo da mesma ideia de Nonaka (2009) é que procuramos, após assistir várias vezes aos vídeos das entrevistas, contextualizar o programa “Café com Pimenta” e as entrevistas selecionadas com vistas a entendermos como se dão as entrevistas e o que informações e a formatação destas nos trazem no que diz respeito às ideologias relacionadas à Libras e à língua oral, no nosso caso, Língua Portuguesa.

Após uma abertura na qual o apresentador (N) desce a famosa e colorida escadaria da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, e caminha em direção a um “café”, sob um fundo musical instrumental, com o surgimento de palavras indicativas do que se pode encontrar nesse programa, tais como: educação, diversão, Libras, comunicação, acessibilidade e cultura, dentre outras, (N) abre seu programa saudando o público assistente.

Ao fundo, há um cenário contendo a logomarca do programa, bem ao centro, onde (N) se posiciona, vestindo, geralmente, uma roupa de característica “esporte fino”, que dá ao anfitrião uma elegância associada a uma leveza, que, provavelmente, contribui para que o convidado se sinta mais à vontade, como se, de fato, estivesse em uma cafeteria entre amigos. É neste contexto que (N) diz, na maioria das vezes, uma frase identitária de seu Programa: *“Olá, bem-vindos ao Café com Pimenta. Um programa que tem sempre uma bela história de vida para contar”*. Tal frase já situa o telespectador de que relatos bem-sucedidos de superação serão compartilhados ali, principalmente no caso de convidados surdos, a partir do instante em que este aproxima-se da comunidade surda e/ou emerge-se no universo da Língua de Sinais.

O apresentador ainda é autor/co-autor de 15 livros em Libras, área na qual tem vasta experiência e atua como professor titular do Departamento de Educação Básica de uma reconhecida escola bilíngue. Trata-se, então, de um considerável representante da comunidade surda por toda a trajetória exposta e, ainda, conseqüentemente, por ter introduzido muitos

surdos e ouvintes no universo da Língua de Sinais mediante seus diversos trabalhos desenvolvidos, quer como ator, quer como professor.

As entrevistas normalmente são iniciadas com uma abertura de fundo musical, na qual, geralmente, após dar as boas-vindas ao público telespectador, dizendo o nome do programa, (N) apresenta o convidado do dia saudando-o simpaticamente. Logo nos primeiros minutos, o apresentador expõe um breve currículo do convidado, mostra algumas fotos ou trabalhos feitos por este e inicia-se, de fato, a entrevista.

No decorrer da entrevista é de praxe o apresentador direcionar ao convidado perguntas sobre sua infância e escolarização, como aprendeu Libras, dificuldades vivenciadas, relacionamento com a comunidade surda e atividade profissional. Em algumas entrevistas podem-se encontrar questões acerca dos desafios enfrentados pela comunidade surda e suas perspectivas ou, ainda, em relação ao tradutor e intérprete de Língua de Sinais. Para finalizar, o apresentador costuma pedir que o convidado traga e mostre um objeto que lhe seja significativo e, ainda, que diga ou sinalize uma palavra ou sinal que também lhe seja importante.

Conforme já foi apontado, o programa propõe-se a ser acessível em Libras. Todavia, nos atentamos aos convidados surdos, vimos trajetórias de vida diferentes e o envolvimento com a Língua de Sinais em níveis variados. Há aqueles que, antes de se tornarem usuários da Língua de Sinais, passaram por experiências de oralização. Tais experiências, em alguns surdos, parecem gerar uma resistência a quaisquer influências da língua oral na sinalização, ao mesmo tempo em que em outros surdos com vivências semelhantes, não refletem tal posicionamento. Desse modo, podemos perceber, na convivência com a comunidade surda, que quando um sinal representa explicitamente um termo da língua oral, ele tende a ser evitado ou até mesmo substituído pela comunidade surda por construções que lhes sejam mais significativas.

As entrevistas selecionadas para este estudo trazem surdos que atualmente são bem sucedidos profissionalmente e que vivenciaram a experiência da oralização, sendo que um deles é detentor de uma história de infância e escolarização marcada pelo *Bullying* e optante pelo implante coclear. Todavia, ambos os surdos atualmente são sinalizantes, ainda que mantenham trejeitos de surdo oralizado, quer pela sinalização acompanhada de articulação dos lábios ou tentativas de pronunciar certas palavras em momentos sociais específicos. Nos tópicos a seguir é possível visualizar um panorama das entrevistas, juntamente aos indícios de ideologias linguísticas percebidas nas interações.

3.2. Um panorama do bate papo com "Fabíola" e "Geraldo": Indícios ideológicos acerca da relação entre Línguas Orais, Línguas de Sinais, Libras e Línguas de Sinais Estrangeiras

Nesta seção, apresentamos um panorama geral das entrevistas selecionadas nas quais se podem perceber o contexto das mesmas e os principais tópicos abordados. Além disso, procuramos apontar situações nas quais visualizamos indícios de Ideologias Linguísticas em relação à relação entre LOs-LSs e Libras-LSEs.

3.2.1. O bate-papo com "Fabíola"

O apresentador, como de praxe, inicia o programa fazendo uma breve fala de abertura carregada de expressão facial afirmativa em relação à convidada e apontamentos à mesma. (N) a apresenta brevemente ressaltando seus aspectos profissionais (positivos) e confirmando-os com a convidada por meio de aceno de cabeça. Esta, por sua vez, confirma o entendimento e a veracidade do que é dito pelo apresentador também por aceno de cabeça. É de praxe que os convidados surdos sejam protagonistas de histórias de sucesso e/ou superação. O que pode ser uma estratégia para levar os surdos telespectadores a sonhar com um futuro melhor. Nessa entrevista, por exemplo, trata-se de uma convidada que, além de ter uma profissão de *status*, é funcionária de uma rede televisiva famosa e fez parte da equipe técnica produção de um filme nacional lançado há poucos anos. Logo, toda montagem do programa segue um mandato institucional onde o enquadre e os objetivos estão para promoção das pessoas surdas por meio de Ideologias Linguísticas que ensinam a sonhar, embora todos tenham dificuldades.

Após os comentários introdutórios, o programa exhibe fotos e imagens pessoais e profissionais da convidada e, somente depois disso, inicia a conversa com "Fabíola". Conforme já discutido nos capítulos anteriores, as entrevistas normalmente seguem uma linearidade ao mesmo tempo (HERITAGE; CLAYMAN, 2010), que destoa de outros gêneros interativos televisivos, sendo, ainda, sensível às demandas institucionais, tais como: a presença dos telespectadores como se estivessem participando da conversa e, ainda, o *status* do entrevistador como jornalista profissional, que busca a neutralidade.

É possível perceber, nesta entrevista, que há uma preocupação em trazer ao telespectador a sensação de estar participando da interação apenas na abertura da entrevista. Em alguns momentos da entrevista, como na fala de abertura, (N) olha para a câmera como se estivesse interagindo com o público. Porém, ao desferir as perguntas à convidada, o foco de

atenção se torna o contato visual com ela. Tratando-se de uma língua espaço-visual, era de se imaginar uma situação assim, haja vista que, na interação em Língua de Sinais, o olhar é primordial, uma vez que estas são produzidas pelas mãos e expressões corporais e captadas pela visão, diferentemente das línguas orais, que são produzidas pelo aparelho fonarticulatório, independem de expressões corporais e são captadas pela audição. Logo, são raros os momentos que o apresentador levanta uma questão sem olhar para a convidada. O mesmo acontece na entrevista com "Geraldo" Morales, que será discutida na próxima sessão.

Em relação à neutralidade, o entrevistador parece desviar-se dela quando, no início da apresentação da convidada, elege a palavra perseverança como sendo a palavra que "Fabíola" gosta de verdade. Além disso, um pouco mais adiante, logo após dar boas-vindas à convidada, este pede-lhe que o explique como superou as dificuldades da vida. Tal pedido dá a sensação de que (N) está afirmando que "Fabíola" teve dificuldades em sua vida antes mesmo de perguntar-lhe se as teve ou não.

A entrevista com "Fabíola", editora de videografismo e fotógrafa, data do ano de 2014 e foi publicada no *site* da TV INES em 07 de novembro do mesmo ano. O apresentador inicia soletrando o nome da convidada através do alfabeto manual usado na Língua Brasileira de Sinais. Desse modo, o apresentador inicia com uma prática comum em todas as entrevistas do programa, com a apresentação do nome do convidado primeiro por meio do alfabeto datilológico e, logo em seguida, por meio do sinal utilizado pelo convidado na comunidade surda. Assim que (N) faz o sinal da convidada, ele confirma-o com "Fabíola" direcionando o olhar para a mesma. Sabe-se que, normalmente, que as entrevistas focam em determinados eventos, apresentam caráter relativamente formal e se desenvolvem basicamente através de perguntas e respostas. A interação entre (N) e "Fabíola" não distou dessa padronização.

O evento foco são as experiências de vida da convidada, o cenário, as vestes dos participantes, e o posicionamento destes trazem um ar de formalidade de uma entrevista televisiva, porém, diferentemente de entrevistas jornalísticas, políticas ou do tipo *De frente com...*, haja vista que a proposta do programa parece ser trazer o convidado para um ambiente descontraído onde este possa se sentir à vontade para falar de suas experiências. O desenrolar da conversa segue a partir de perguntas feitas pelo apresentador e respostas emitidas pela convidada.

Percebe-se nas duas imagens referências da língua oral. Primeiro pela soletração do nome da convidada por meio de letras do alfabeto manual, que fazem referência ao alfabeto da língua oral, e, na Imagem 3, vemos o sinal da convidada ser realizado tendo a letra inicial do seu nome "F" como referência. Souza e Gediél (2017) apontam que o processo de

nomeação reflete um aspecto cultural das Línguas de Sinais. Nomear em sinais é algo comum na maioria das línguas sinalizadas, todavia, possui conotações conforme a cultura onde esta língua se desenvolve, podendo, estes sinais, serem perceptíveis não apenas no significado imputado pela comunidade, mas também no aspecto que tomam.

Em minha vivência junto à comunidade surda, tenho percebido que sinal próprio partindo da letra inicial do nome foi utilizado significativamente pela comunidade surda. Todavia, surdos engajados na construção de uma identidade surda têm evitado o “batismo” com o sinal próprio utilizando-se as iniciais do nome por considerarem que tal feito reflete uma influência da Língua oral, a qual querem evitar.

Podemos relacionar essa representação dos sinais como nomes próprios às discussões em torno das Ideologias Linguísticas, levando em consideração alguns aspectos que são apontados politicamente pelas pessoas surdas, referentes à Libras. Tendo em vista a perspectiva de uma TV idealizada para o público surdo sinalizante, politicamente participativo e organizado, um sinal derivado de um empréstimo linguístico baseado na língua oral pode demonstrar diferentes Ideologias Linguísticas daquelas que demonstram a Libras como uma língua completamente diferente de qualquer língua oral, que não deriva e tampouco depende desta.

Essas ideologias não são específicas do apresentador do programa, porém, ele representa um grupo de pessoas que é constituído por Ideologias Linguísticas de uma padronização da Língua de Sinais dentro da perspectiva de que a Libras é uma língua espaço-visual originada a partir das inter-relações do povo surdo brasileiro. Tal perspectiva está dentro de um alinhamento bilíngue, dentro de um alinhamento da cultura surda enquanto minoria linguística e que possui uma língua de sinais própria e específica e, ainda, dentro de um alinhamento da identidade surda. Logo, o foco de se convidar surdos para o programa é trazer pessoas que estejam alinhadas com a legitimação da Língua Brasileira de Sinais e que trarão características que enriqueçam a cultura surda conforme aquilo que se acredita.

Assim, são convidadas pessoas que apresentam crenças, valores, ideologias que gerem um conjunto de normas que vão corroborar para a defesa da Libras como língua legítima e oficial das escolas bilíngues, da Libras como disciplina obrigatória em cursos de licenciatura e fonoaudiologia, formação e contratação de intérpretes de Libras, constituindo uma gama de nichos que giram em torno desta língua.

Conforme discutido no referencial teórico deste estudo, a Libras é uma língua de característica espaço-visual, portanto, os surdos, evidenciando a cultura surda, principalmente aqueles envolvidos com a militância afirmativa dessa língua, prezam pelo sinal próprio a

partir de características marcantes da pessoa, sejam elas observáveis de imediato ou não. É válido lembrar que, assim como a convidada "Fabíola" e também o convidado "Geraldo", do qual falarei mais adiante, muitos surdos mantêm seu sinal próprio original, ainda que este parta de sua letra inicial, como, por exemplo, esta pesquisadora, que mantém relação com a comunidade surda e cujo sinal mescla uma característica visível (pele negra) com a letra inicial do nome ("C" de Carla). Isso pode ser observado nas imagens a seguir:



Figura 1 - Primeira parte do sinal da pesquisadora deste estudo - Letra "C".



Figura 2 - Segunda parte do sinal da pesquisadora deste estudo - Sinal de pessoa negra.

Todavia, há diversos surdos, e até ouvintes, intérpretes, por exemplo, que trocaram o sinal próprio feito a partir das iniciais do nome e que remetia à Língua Portuguesa com vistas a reafirmar a cultura surda, a identidade surda e a Língua de Sinais. Exemplos como esses últimos mostram o quanto as Ideologias linguísticas são apresentadas em minúcias.

Nessa entrevista, podemos captar vários aspectos interacionais presentes nas formas de dizer, de olhar e expressar dos envolvidos. Aliás, sobre o olhar, sabemos que, conforme de McIlvenny (1995), citado por Leite (2008), na conversa sinalizada, o acesso perceptual por meio do olhar é fundamental para a manutenção do turno durante a interação sinalizada devido à própria natureza das LSs. Conversando com "Fabíola", o apresentador abre espaço para algumas colocações sobre momentos familiares desta, como casamento, nascimento do filho e a relação deste com a comunidade surda e ouvinte, além de seu contato com a Libras. Isso dá impressão de que o apresentador considera todas essas relações e contextos sociais como constituintes daquilo que "Fabíola" é.

Na sequência, (N) pede que "Fabíola" dê um recado aos surdos, e ela diz que o surdo é capaz de aprender e, se ele tem um sonho, precisa ir à luta, estudar e fazer muitos cursos, inclusive com apoio da internet. O pedido feito à convidada nos leva a crer que (N) sabe que a mensagem de "Fabíola" naquele contexto pode levar surdos de várias partes do país a buscar algo melhor em suas vidas, bem como superarem suas dificuldades, haja vista que "Fabíola" representa ali o potencial de sucesso e superação da pessoa surda. Nesse instante "Fabíola" diz: *“Olha, o surdo é capaz de aprender. Se é seu sonho, vá à luta, persiga o seu sonho, estude. Tem que estudar muito. Faça cursos. Se der, faça cursos. Aprenda pela internet. A internet nos ajuda a aprender, tem um bom visual. Estude lendo livros, muitos livros. Vá atrás do seu sonho. Você é capaz de evoluir, de trabalhar pelo seu sonho”*. Este recado reforça Ideologias Linguísticas representativas que levam o surdo a vislumbrar um caminho de sucesso, por meio da mensagem de que aquele que deseja precisa perseguir seu objetivo valendo-se das possibilidades advindas de tecnologias de comunicação que tem feito significativa diferença no acesso à comunicação e informação tanto para surdos, quanto para ouvintes.

Percebe-se na fala da convidada a ênfase na capacidade do surdo e, ao mesmo tempo, sua marca de visualidade quando orienta que o sujeito vá buscar pela internet por esta ter um bom visual. Além disso, quando endossa que o surdo é capaz de evoluir, a convidada corrobora com ideologia representada pelo programa, de modo geral, de que o surdo não tem mais que permanecer como criança ao lado da família, dependente. Ao contrário, o surdo pode e deve evoluir, buscando sua independência e se afirmando através da Língua de Sinais.

Historicamente, os surdos vivenciaram desde a segregação, que os privou da interação nos espaços sociais, até a integração, que os trouxe para espaços institucionalizados, como a escola e o ambiente de trabalho, porém, sempre de modo inferior aos ouvintes ou mesmo dependentes da solidariedade destes. No caso do ambiente de trabalho, por exemplo, muitos surdos vivenciam um prejuízo significativo. Por vários anos tiveram, e ainda continuam a ter, acesso apenas a categorias de salários mais baixas, salário mínimo ou benefícios sociais.

O prejuízo acima descrito talvez se dê em função da resistência histórica da língua natural dos surdos enquanto recurso para acesso e atuação nos espaços sociais. Tal como vimos no congresso de Milão em 1880 (HONORA; FRIZANCO, 2009) e no Código Civil Brasileiro no início do século XX (BRASIL, 2003), no qual o surdo para ser considerado apto deveria obedecer a um padrão da sociedade ouvinte, que, na maioria das vezes, não considerava a Língua de sinais como forma legítima de comunicação. No caso do Brasil, este reconhecimento somente se deu de modo oficial no ano de 2002, através Lei nº 10.436. Até

que se chegasse a essa conquista, as discussões se desenvolveram embasados nas perspectivas da filosofia oralista e da Comunicação total (CAPOVILLA, 2000), que consideravam os surdos não pela diferença linguística, mas pela deficiência. Portanto, eram vistas como pessoas que precisavam ser reabilitadas.

Finalizando esta entrevista, o apresentador, como de praxe, pede que a convidada apresente um objeto trazido por ela e, por fim, diga uma palavra ou sinal que lhe seja importante. O objeto trazido foi uma câmera fotográfica, com a qual "Fabíola" tem grande afinidade, o que não causou tamanha surpresa diante da palavra apresentada, "OI". De imediato, o apresentador questiona a razão de tal sinal "OI" e prontamente a convidada diz que este foi primeiro sinal aprendido junto à comunidade surda quando completara 18 anos e que tal sinal brilhou diante de seus olhos.

As nossas práticas linguísticas estão relacionadas ao contexto no qual nos constituímos, enquanto pessoa, e no qual convivemos. "Fabíola" teve uma formação, pelo menos até seus 18 anos, baseada na oralização. Desse modo, não é de se estranhar que ela se sinta à vontade em usar sinais como o "OI", advindos de empréstimo linguístico do Português por meio da datilologia. Todavia, empréstimos como este podem envolver algumas ideologias por parte das pessoas surdas, tais como: *Não é bem visto; É coisa de ouvinte; Quem usa não tem identidade surda de verdade* etc. Isso pelo fato de que o movimento³¹ surdo no Brasil tem sido marcado pela luta pela afirmação da cultura surda, e, nesse contexto, a Língua de Sinais é parte do repertório, quer pela sua disseminação, quer pela construção de uma comunidade surda falante desta.

Diante da surpresa do apresentador, a convidada tece sua justificativa positivamente dizendo "... eu estava louca para aprender Libras, e um surdo chegou pra mim e disse "OI". E esse "OI" simples brilhou pra mim...". É bem provável que a reação de (N) seja pelo fato de que um sinal como o "OI" seja derivado de um empréstimo linguístico da Língua Portuguesa, fugindo das ideologias as quais o programa e a emissora querem apresentar, visto que, por detrás do apresentador, existe um olhar daquelas pessoas que compõem a TV, acerca da importância da divulgação da Língua de Sinais em um determinado padrão. Tanto é assim que na maioria das histórias de vida apresentadas no programa existem casos de sucesso após a experiência com a Língua de Sinais. Logo, as ideologias por trás desses sucessos são de que o surdo, através da Língua de Sinais, ganha um empoderamento que o levará a sair do fracasso e chegar ao sucesso.

³¹ Sobre movimentos surdos. Ver: BARROS (2014).

Após a explicação de "Fabíola", o apresentador agradece a presença da convidada, que diz ter adorado o convite e o cenário, e finaliza o programa. Vemos, nesse rápido fechamento, que o uso da datilologia gerou certo incômodo, haja vista que o “O” e o “I” fazem alusão direta às letras do alfabeto de uma Língua Oral. Logo, percebe-se a ideologia de que a Libras “perfeita” não pode ter nenhuma influência de Língua Oral, ou, ainda, de que o surdo de verdade não aceita sinais com representações da Língua Oral. Na verdade, este “OI” se junta a uma série de sinais que, a partir da datilologia, ganharam um ritmo, tornando-se o que hoje se conhece por soletração rítmica. Essa forma de produzir o sinal é aceita pela comunidade surda, todavia, em incoerência com algumas posições avessas a qualquer influência da LOs sobre as LSs.

3.2.2 Conversando com o *chef* "Geraldo"

O bate papo com "Geraldo" se inicia com uma vigorosa apresentação deste por parte de entrevistador. Essa entrevista foi ao ar em outubro de 2015. Na ocasião da abertura do programa são ressaltadas as habilidades profissionais do convidado na área de gastronomia e sua atuação no Brasil e exterior. Na sequência, são apresentadas algumas fotos das viagens e trabalhos de "Geraldo". O apresentador soletra o nome do convidado e, em seguida, pergunta-lhe seu sinal. "Geraldo" responde fazendo a letra “G”, e o sinal parecido com implante e, ao mesmo tempo, cultura, a saber, “uma configuração em 5 na frente”.

Como é possível perceber, o sinal do convidado "Geraldo" também é formado a partir da primeira letra de seu nome, porém, mesclado com aspectos físicos, a saber, o uso do implante coclear. Nota-se, pelos meus anos de convivência com a comunidade surda, que o sinal do convidado é composto de dois tabus para muitos surdos, que são o fato de o sinal advir da letra inicial do nome e estar em evidência o implante coclear, um procedimento que ainda divide opiniões entre os participantes da comunidade surda..

Na sequência da interação observa-se o instante em que (N) pergunta: “*Ah, assim?*” “*E por que este sinal?*”. Embora o programa receba surdos com diferentes relações com a Libras, dentre os quais podemos citar duas convidadas surdas, cuja entrevistas não foram objeto desta pesquisa, que se comunicam somente por oralização e leitura labial, ainda assim, e a contar pelo perfil de superação bem sucedida da maioria dos convidados surdos, percebe-se que o programa pretende colaborar para a construção de uma cultura e identidade surda na qual a Libras, enquanto língua visual-espacial, seja a maior marca de referência. Após ser questionado sobre a razão de seu sinal, "Geraldo" explica prontamente dizendo que o seu sinal

é dessa forma por ser ele implantado, ou seja, um surdo com implante coclear. A partir daí, o apresentador segue perguntando sobre como "Geraldo" adentrou na sua área de atuação, como são criados os pratos, os restaurantes em que atuou, entre outros questionamentos.

Um pouco mais adiante na entrevista, o apresentador o questiona sobre seu implante coclear, ao que o convidado responde ter sido incentivado por sua Fonoaudióloga e que no início não foi fácil se acostumar, mas que agora o acha muito bom e que o implante também o auxilia na oralização, ou seja, ele utiliza-o como apoio à leitura labial. Além disso, ele também o usa para ouvir apitos de conclusão de cozimento ou garçons o chamando. (N) ainda pergunta se "Geraldo" tem planos de ensinar culinária para surdos, ao que ele responde que seria legal, mas que ainda não tem nada planejado. Então, o *chef* complementa que tem o sonho de ensinar Libras para os garçons ouvintes. Nesse momento, o apresentador transparece certo desapontamento por ele não ter planos exclusivos à comunidade surda. "Geraldo" se justifica, e os dois seguem a conversa tratando dos pratos que o convidado mais aprecia e ainda exibem vídeos de receitas feitas por "Geraldo".

Na entrevista, "Geraldo" relata como adentrou a área de gastronomia e, nesse instante, o apresentador lhe questiona sobre as dificuldades desse processo. O convidado não aponta nenhuma dificuldade e ainda diz que há muitos restaurantes e que dá pra trabalhar bastante na área. Ao que o apresentador concorda, visto que "*todos têm fome*", e, ainda, lembra que "Geraldo" foi o responsável pela cozinha em seu aniversário.

O apresentador segue a conversa com "Geraldo" perguntando sobre diferentes chefes de cozinha e tipos pratos e retoma o questionamento sobre as dificuldades encontradas no trabalho do convidado. Agora, todavia, sobre como se dá a comunicação do "Geraldo" com os demais que atuam na cozinha nos diferentes países que ele já atuou, o convidado diz que há dificuldades e que o trabalho em equipe é muito importante para superá-las. Segundo ele, no começo, a comunicação sobre os pedidos de pratos se dava pela escrita, porém, para dinamizar mais o trabalho, ele criou sinais, que eram usados somente entre ele e a equipe de trabalho para os pratos. Ele então demonstrou alguns para (N) e seguiu falando de suas experiências nos locais que já trabalhou no Brasil, nos EUA e Uruguai.

É possível notar que o contexto de interação envolvendo "Geraldo" e seus colegas ouvintes influenciou a relação destes com a língua, quer oral, quer de sinais. "Geraldo", vendo que a escrita, embora uma alternativa, tornava o processo mais lento, criou sinais de "emergência", feitos para aquela situação, e estes foram incorporados na rotina dos ouvintes envolvidos. Isso reflete como nossa relação com a língua está atrelada também ao contexto de interação.

Finalizando o programa, (N), como de costume, pede que o convidado mostre um objeto que trouxe. "Geraldo" lhe mostra um *kit* de cozinha com variados objetos e fala sobre eles. Ainda finalizando, o apresentador, como de costume, pede que o convidado lhe diga uma palavra ou sinal que lhe seja significativo. "Geraldo" diz o sinal poesia e diz que até então só conhecia poesias em textos escritos em português, mas que conheceu a poesia em Libras através de sua namorada, que é poetisa em Língua de Sinais. Ele diz que se surpreendeu muito com essa modalidade de poesia e passou a gostar. (N) endossa o que "Geraldo" diz sobre a poesia em sinais, o agradece por vir ao programa e finaliza agradecendo ao público que o assistiu.

3.3. A língua evidenciada nas entrevistas

Na entrevista feita à convidada "Fabíola", o apresentador, no início do programa, elege a palavra perseverança para caracterizar a convidada do dia devido à trajetória de vida da mesma. No vídeo da entrevista, notamos que (N) produz os sinais de “Perseverança” e “Palavra” praticamente ao mesmo tempo, marcando com a mão dianteira o sinal de palavra e, imediatamente atrás, o sinal perseverança. Nesse instante, podemos perceber o *layout* que focaliza o apresentador separadamente para que os sinais sejam nitidamente percebidos, embora feitos no mesmo tempo e espaço. Na outra metade da tela, visualizamos ambos, apresentador e convidada, onde se percebe o mesmo momento interacional, porém de outro ângulo. Se transcrevermos em glosas os sinais pronunciados, podemos pensar, à primeira vista, que a palavra “Perseverança” não é eleita como aquela que a convidada mais gosta, conforme a legenda com a tradução. Todavia, a divisão da tela com um dos lados focalizando o sinal “Palavra” e Perseverança” ao mesmo tempo indica que aquela é a palavra que define a convidada. Segue adiante as referidas glosas, para conferência:

PERSEVERANÇA PALAVRA EL@ BOM.

PALAVRA EST@ (apontando para o sinal de palavra) GOSTAR.

PERSEVERANÇA SEMPRE GOSTAR, VERDADE!

CERTO! EL@! (estendendo as duas mão em direção à convidada)

Por meio das glosas, percebemos que “Perseverança” é algo que "Fabíola" aprecia, pelo fato de as três palavras, “Perseverança”, “Palavra” e “Gostar”, se repetirem na mesma proporção. Na primeira frase, “Perseverança” é algo bom; na segunda frase, temo-la indicada

pelo pronome “ela”, como algo de que se gosta; na terceira frase, vemo-la como uma coisa da qual se gosta sempre e, por fim, na última frase, é confirmado que quem gosta é "Fabíola", já que a sentença é concluída com o apresentador apontando para ela.

Dando sequência, o apresentador traz como questão introdutória a pergunta sobre como a convidada conseguiu superar as dificuldades da vida e como se descobriu em sua área de atuação. A convidada relata sua relação com as câmeras a partir da profissão do pai, explica sobre a dificuldade em adentrar no mercado de trabalho quando as empresas ficavam sabendo de sua surdez e relata como superou tal situação.

A convidada ainda explica sobre o trabalho que desenvolve atualmente em programas televisivos, novelas, seriados e filmes, além do trabalho com fotografia. Em meados da entrevista, o apresentador recorda o fato de que há um tempo a convidada não usava Libras, e somente oralizava. Ele comenta e ao mesmo tempo confirma que foi após os 18 anos que "Fabíola" começou usar a Libras. A convidada confirma a informação e diz que até então via surdos sinalizando e achava que aquilo era apenas mímica. Porém, em contato com surdos em seu aniversário, começou a curiosidade sobre essa forma de se comunicar. Ali, ela perguntou como se dizia “OI” e outros sinais, tendo, assim, início seu aprendizado. A partir de então o apresentador enfatiza positivamente o fato de a convidada ter aprendido uma nova língua e logo pergunta sobre o antes e depois desse aprendizado. Em relação a isso, a convidada relata que segue até hoje utilizando as duas línguas, ou seja, LO e LS, mas que sente a diferença em relação à conversa com surdos ou ouvintes no tocante às expressões faciais e corporais.

O relato sobre a forma como "Fabíola" se envolveu com a Libras está em consonância com o que interessa à AL, uma vez que reflete uma prática linguística enquanto ação culturalmente significativa e constituinte da vida social (GAL, 2006). Nesse caso, a convidada teve seu aprendizado da Libras agenciado pelo contato com outros surdos e, naquele contexto, passou a acreditar que aquelas “mímicas” se tratavam, na verdade, de uma língua. Logo, esse “jogo” social construído naqueles contextos de relacionamento com outros surdos desenvolveu em "Fabíola" uma relevante mudança de concepção.

Quando "Fabíola" afirma já ter acreditado que a Libras não passava de mímica, esta traz à tona ideologias da comunidade ouvinte acerca da Língua de Sinais de um modo geral como algo pejorativo e que, portanto, representa a realidade por meio de mímicas e pantomimas, como ressalta Gesser (2009). A crença acima é desmistificada pela autora supracitada pela assertiva de que Libras é língua por possuir os parâmetros linguísticos para tal.

No final, como é de praxe, (N) pede que "Fabiola" diga uma palavra/sinal que lhe seja significativa. Quando a convidada responde "OI", percebe-se certo estranhamento momentâneo por parte do apresentador, que pergunta: "oi? por quê?". Conforme a resposta da convidada, o sinal "OI", empréstimo linguístico da Língua Portuguesa, é muito significativo para a mesma, visto que foi exatamente o que a aproximou a "Fabiola" da comunidade surda. Esse foi o primeiro sinal que a convidada aprendeu e foi tão significativo que "brilhou" diante dos seus olhos. Assim, apesar da surpresa de (N), "Fabiola" mantém a afirmação explicando o contexto em que este sinal começou a fazer parte de sua convivência com a comunidade surda.

Na entrevista com "Geraldo", este, ao responder um questionamento acerca de como foi sua vida, infância e na escola, diz que não teve contato com surdos na infância e que vivia sofrendo *Bullying*. Nesse momento, o convidado produz um sinal, com aparente dúvida, soletra a palavra, faz outro sinal que parece ter o mesmo sentido, mas com uma expressão que demonstra um pedido de ajuda para formulação correta. Nesse instante, o apresentador traz um terceiro sinal dizendo que o que fora feito por "Geraldo" é da Língua Americana de Sinais - ASL, e que no INES alguns surdos usam de uma determinada forma, a qual este demonstra ao convidado.

Na sequência do vídeo nota-se o desenrolar de um processo de formulação e reformulação na qual o convidado faz um sinal para *bullying*, talvez pense não ter sido claro, soletra e reformula apresentando um segundo sinal para a palavra com vistas a garantir o entendimento do apresentador. Todavia, o que se segue a essa sequência é a oferta de um terceiro sinal por parte do apresentador.

A partir sequência exposta acima, percebemos que o convidado traz o sinal que conhece de *bullying*, fica na dúvida quanto ao entendimento de seu interlocutor e, por isso, soletra, faz outro sinal que conhece e, a partir daí, é alertado pelo apresentador de que aquele sinal não é da Libras, e sim de outra LS. Desse modo, (N) fornece a "Geraldo" o sinal usado por alguns surdos da instituição educacional aliada ao programa, e este prontamente, por respeito, o acata. Nota-se pela sequência a tendência de legitimação da Libras pelo não-uso de sinais advindos de outras LSs. É provável ainda que o apresentador, enquanto representante da TV em seu programa, tenha buscado destacar o papel educacional na legitimação da Libras no Brasil. Além disso, a instituição educacional fez parte desta construção social e política da Libras nesse país e hoje, juntamente a tantos outros movimentos surdos, ainda desenvolve este papel. Além disso, percebe-se, nesse instante da interação, o que a ACE denomina

fenômeno do Reparo, que, nesse caso, seguiu duas trajetórias que serão retomadas mais adiante no Capítulo 4 deste estudo.

Conforme mencionado no Capítulo 1, Kusters (2014), na comunidade Adamorobe, ao sul de Gana, verificou como essa comunidade utilizava a Língua de Sinais desenvolvida entre eles e compartilhada entre os ouvintes, a Adamorobe Sign Language - AdaSL. Tal feito se deu por meio de uma pesquisa etnográfica, todavia, as pessoas que se dirigiram às escolas ganesas também tiveram contato com a Língua Ganesa de Sinais – GSL e ainda com a língua Akan, falada entre os ouvintes. Nessa comunidade, às vezes, até pessoas que eram muito fluentes AdaSL ainda misturavam sua sinalização com o Akan falado. Além disso, pessoas surdas descrevem Akan, AdaSL e GSL/ASL como três línguas diferentes, mas idiomas equivalentes. Percebe-se que a mistura entre os idiomas não causa problemas na comunicação dessa comunidade e, naquele contexto, o que vale ou é reconhecido pelos surdos não é necessariamente a língua oficial.

Trazendo o exemplo anterior para o presente estudo, podemos dizer que "Geraldo", por seu histórico profissional em diversos países, acaba construindo uma diversificação de sinais estrangeiros, possivelmente pelo contexto em que vive e que faz com que este, no uso da língua, misture os sinais. Todavia, isso é corrigido por (N), talvez pela sua tendência de valorizar a Libras, bem como sua importância e complexidade, visto que além de apresentador televisivo, ele é uma pessoa influente na comunidade surda brasileira, o que faz com que ele, enquanto apresentador do programa, desempenhe esse papel de legitimador da Libras por meio de um padrão aceitável tanto para ele, como para a *web TV*, entidade maior da qual (N) é um representante.

No trecho destacado, podemos observar, como já mencionado, a tendência de padronização, ou seja, “*aqui usamos Libras, e não ASL*”. Tal situação remete a uma insistência da comunidade surda em resistir aos empréstimos de outras línguas e priorizar os sinais já criados na Libras. Adiante, conforme observado, o convidado demonstra aceitação do “novo” sinal, utilizando-o por volta de 10:39” em outra frase. Percebo, nesse recorte, o quão influente o apresentador se torna na escolha lexical dos convidados por ser um representante de destaque na comunidade surda. Desse modo, percebe-se na cena uma inclinação à padronização da Libras enquanto língua dos surdos do Brasil e que não deseja ou necessita de empréstimos de outras língua por ser suficiente em seu próprio vocabulário. Há no momento destacado uma ideologia implícita na ideia de legitimação da Libras, visto que as ideologias normalmente destacam o *status* que as línguas têm na sociedade, (RIVAS; DIEZ, 2014). Kroskrity (2004; 2008), a partir da concepção de ideologias como instrumento de afirmação

que se manifesta na agência social, apontam-na como ocupante de espaço privilegiado na dinâmica social. Logo, para o autor, Ideologias têm a ver com percepções desenvolvidas e orquestradas na práxis social, que permeiam nossas ações e ao mesmo tempo fabricam nosso imaginário da realidade, alavancando posicionamentos diferenciados conforme concepção na qual nos referenciamos.

Kusters (2014) diz que as ideologias surgem quando as pessoas refletem suas visões de uma língua e seu uso e que isso se percebe pela observação da prática dessa língua, como o vemos no programa pesquisado. Segundo a autora, Ideologias Linguísticas podem ser ditas diretamente ou estar implícitas nas práticas linguísticas, e, talvez, no caso citado, podem estar implícitas no referido momento da interação, já que, no Brasil, só vale usar uma Libras “pura”, sem qualquer influência de outra língua. Todavia, essa mistura pode ser vista até mesmo entre os falantes do português brasileiro, que utilizam no dia a dia diversos empréstimos linguísticos como “*mouse*”, “*Deoparfum*”, “*site*”, dentre outros.

CAPÍTULO 4 - UM OLHAR SOBRE OS DADOS PELA ÓTICA DA ANÁLISE DA CONVERSA ETNOMETODOLÓGICA: A OCORRÊNCIA DO REPARO

A partir da observação dos elementos presentes na interação face a face, os estudos em ACE identificaram, ainda, dois fenômenos recorrentes na fala cotidiana e institucional. Um diz respeito à organização da tomada de turnos, que tem a ver com as oportunidades de fala no decorrer da conversa e que ocorrem alternadamente durante a interação. E o outro fenômeno, que também constitui o interesse desta pesquisa, é denominado *Organização do Reparo*. Este ocorre com vistas a resolver problemas que venham a dificultar o andamento da interação e se dá no decorrer dos turnos da conversa. No entanto, a tomada de turnos e a elaboração do Reparo estão estreitamente ligados, uma vez que, na tomada de turnos, há uma movimentação no sentido de resolver os problemas ali existentes por meio de diversos dispositivos. Neste capítulo, atentamo-nos às entrevistas feitas com "Fabiola" e "Geraldo", a partir da apresentação das sequências de fala (sinalização), na qual o Reparo se manifesta e, ainda, as trajetórias em que estas se desenrolam.

No artigo seminal de 1974, SSSJ já haviam percebido que na fala-em-interação se faziam presentes mecanismos para lidar com erros, violações ou quaisquer outros problemas que comprometessem o entendimento dentro dos turnos de fala. Todavia, foi em 1977 que esses autores se debruçaram especificamente sobre esses mecanismos, denominando-os organização do Reparo. Desse modo, Schegloff *et al.* (1977) apontaram o Reparo como algo que ocorre para que os participantes da interação possam resolver os problemas que se sobreponham à continuidade da conversa. Assim, ele, ao mesmo tempo, é um recurso a favor da convergência entre os realizadores de uma ação. Logo, para esses autores, o Reparo é basicamente composto por duas partes: Iniciação, onde o problema é apontado, e resultado, onde o problema é resolvido com sucesso ou abandonado.

De acordo com Passuello e Ostermann (2007), em uma entrevista é possível perceber os papéis ali desempenhados pelo próprio contexto de interação. Embora o estudo das autoras tenha se debruçado sobre entrevistas de seleção, o que difere da presente pesquisa, elas abordam algo inerente a entrevistas em geral, ou seja, a sua composição a partir de sequências de turnos de fala, basicamente constituídos por perguntas e respostas. Nesse cenário, segundo as autoras, o papel dos entrevistadores vai muito além de condutores de perguntas e respostas, visto que estes, de certo modo, estão envolvidos na produção das respostas do participante. Portanto, "... o entrevistador possui um papel de co-produtor das respostas do entrevistado" (PASSUELLO; OSTERMANN, 2007, p. 244). Logo, a partir de uma perspectiva sócio-

interacional, tal como encontramos na ACE, o agir do entrevistador influencia tanto na entrevista quanto nas respostas dadas pelo outro participante.

Nas entrevistas selecionadas, a asserção das autoras também se evidencia, haja vista que há uma postura do apresentador frente ao programa e seu *status* de participação. Ele é representante de uma TV que se autodenomina como acessível em Libras e que é pioneira com tal proposta no Brasil. Ainda, aquele espaço representa um local onde a Libras e a cultura surda deverão estar sempre em evidência. Logo, boa parte dos convidados, dentre eles, a entrevistada "Fabíola", selecionada para este estudo, conduz suas histórias de vida destacando sucesso a partir da imersão na cultura surda e a partir do aprendizado e uso da língua de sinais. Algumas exceções, porém, se manifestam entre os convidados surdos oralizados, dentre estes, o convidado "Geraldo", cuja entrevista também é analisada neste estudo. "Geraldo" é usuário da Libras, porém, realizou implante coclear já adulto e demonstra na entrevista se sentir muito à vontade com a oralização.

Ao tratar especificamente do Reparo, devemos considerar que é comum o surgimento de empasses ao longo da interação que podem estar ligados a problemas de escuta (ou percepção visual no caso de sujeitos surdos), produção ou entendimento, conforme os estudos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1977). Os autores explicam que, a partir da observação detalhada de certo volume de interações, identificaram a ocorrência sistemática de mecanismos para resolução de problemas que comprometem o entendimento no contexto das interações observadas e na perspectiva dos participantes do momento interacional, a já mencionada *Organização do Reparo*.

Os mesmos autores aqui referidos esclarecem ainda a distinção terminológica entre Reparo e Correção. Enquanto esta está relacionada ao erro; aquele está relacionado a problemas na escuta, produção ou entendimento que nem sempre remetem a algum erro cometido, embora a correção possa ser uma forma de Reparo. Além do mais, o problema ou a fonte do problema assim o é para os próprios participantes daquela interação, mesmo que aos olhos do analista não o seja, não sendo possível dizer, *a priori*, que tipo de elocução será ou não uma fonte de problema.

Embora o Reparo esteja presente nas interações de modo geral, ele não se apresenta da mesma forma em todos os momentos. Assim, o Reparo pode acontecer por meio de várias trajetórias, sendo iniciado tanto pelo falante da fonte de problema quanto pelo outro participante, conforme já discutimos no Capítulo 1 deste estudo. Além disso, o Reparo pode não resultar em uma solução bem sucedida quando surgirem as oportunidades e estas não forem tomadas para produzi-lo (SCHEGLOFF *et al.*, 1977).

Pela ótica da ACE, a partir dos estudos em línguas orais, sabemos que as ações humanas são construídas no decorrer da interação e que, no momento interacional, a fala se desenvolve por turnos de fala, sendo constituída por elementos como sequencialidade, adjacência e preferência. Neste capítulo, nos excertos apresentados, os quais advêm de interação em língua de sinais e entre surdos em um programa televisivo, podemos perceber que é notável a alocação de turnos, a sequencialidade, a adjacência (LEITE, 2008; MEDEIROS; FERREIRA, 2010; SOUZA, 2017), e, nesse contexto, a organização do Reparo, tal como em interações em LOS.

4.1 Discussão dos aspectos emergidos na entrevista com "Fabíola" (Duração total: 21':47")

Nesta entrevista, o apresentador do programa recebe "Fabíola" e, logo no início, após a apresentação da mesma, expõe diversas fotos pessoais e profissionais da convidada. Nessa entrevista são discutidas questões sobre dificuldades enfrentadas por "Fabíola" para ingresso na carreira de vídeo-editora e fotógrafa, como se deu seu contato com a LS, bem como sua relação com a língua oral. Ao final, "Fabíola" surpreende o apresentador dizendo que “OI” é uma palavra muito significativa para ela, visto que foi o primeiro sinal que a mesma aprendeu com membros da comunidade surda.

Excerto (1): (03:18” – 03:35”)

01 F: <PORQUE EMPRESA LIGAR MINHA CASA>

02 F: <DIZER “EU QUERER FALAR "Fabíola"” MARCAR ENTREVISTA>.

03 F: <MINHA EMPREGADA PASSADO DIZER “DESCULPA ELA SURDA!”>

04 F: <COMO!>qu

05 F: <DESISTIR DESISTIR ... EMPRESA DESISTIR, DESISTIR DESISTIR>fp

06 N: <[POR CAUSA SURDEZ]>qu - ir

07 F: <[POR CAUSA SURDEZ] DIFÍCIL!>rlc

Tradução:

B: Porque o pessoal das empresas ligava pra minha casa e me procurava. Era pra marcar entrevista de emprego. Aí, a minha empregada, na época, falava: “desculpe, mas a "Fabíola" é surda”. E as empresas desistiram.

A: Só porque você é surda?

B: Só porque eu sou surda. Foi difícil.

4.1.1 Excerto 1 - Discussão dos aspectos emergidos

Neste excerto, "Fabíola" fala de sua dificuldade em conseguir trabalho, e (N) pede a ela para explicar o motivo. Assim, "Fabíola" explica que as empresas até ligavam para sua casa, mas, quando a funcionária dizia que ela era surda, estas logo desistiam de marcar entrevista de emprego e de contratá-la. Tal situação, apresentada no excerto 1, leva a uma fonte de problema na linha 5, dando início a um Reparo na linha 6, que é levado a cabo pelo falante da fonte do problema na linha 7.

Percebe-se que, apesar da sobreposição de fala, que a sequencialidade se faz presente nos turnos apresentados no excerto 2, conforme visualizamos nas linhas 5, 6 e 7. Na linha 6, temos a elocução “Por causa surdez?” relacionada à elocução “Empresa desistir, desistir, desistir” presente na linha 5; e, seguindo para as linhas 6 e 7, temos a presença do par adjacente Pergunta-Resposta. Na linha 6, o apresentador pergunta se as empresas desistem por causa da surdez e, na sequência, a convidada responde afirmando que sim. Nessas mesmas linhas, percebemos a sobreposição de fala, ou seja, duas pessoas ocupando o mesmo espaço no turno de fala. Tal fenômeno é comum nas línguas orais. Todavia, momentos de fala simultânea (sobreposta) são frequentes, porém breves. Além disso, transições de turno sem intervalo também são comuns (FREITAS; MACHADO, 2008). Talvez, a sinalização sobreposta ocorra com mais frequência na língua de sinais pelo fato de elas terem uma característica mais simultânea do que sequencial. Não que toda conversa seja marcada por sobreposições, porém, pela natureza viso-espacial, muitas vezes, um sinalizante já está encaminhando seu turno enquanto o outro ainda está finalizando o turno corrente.

Ainda no excerto 1, podemos dizer que entre as linhas anteriormente destacadas há o que a ACE denomina de fenômeno do Reparo. Esse é um fenômeno recorrente na conversa cotidiana e emerge para garantir o entendimento entre os interlocutores no decorrer da conversa (SCHEGLOFF *et al.*, 1977). As palavras “desistir, desistir, desistir” na linha 5 parecem detonar o questionamento presente na linha 6, visto que podem naquele instante pairar dúvidas sobre quem desistia: a convidada ou as empresas? Desse modo, temos aí uma fonte de problema que dá início a um Reparo iniciado pelo apresentador e que é levado a cabo pelo falante da fonte do problema na linha 7.

Sabemos que o Reparo não se apresenta de uma única forma (SCHEGLOFF *et al.*, 1977), logo, nesse contexto institucional de entrevista televisiva, no qual as ações são moldadas e ajustadas pela circunstância (HERITAGE; CLAYMAN, 2010), é de se esperar que o apresentador, enquanto pessoa que faz as perguntas e quer obter informações de seu convidado, inicie boa parte dos Reparos com vistas a proporcionar um melhor entendimento para si e para o público telespectador.

Excerto (2): (19:29” - 20:06)

- 01 N: <VOCÊ, TER VONTADE UMA LIBRAS PALAVRA>fp
 02 N: <PALAVRA QUALQUER, VOCÊ GOSTAR>ir
 03 N: <PALAVRA QUAL VOCÊ>qu - rlc
 04 F: <[OI]>fp(*sinal soletrado*)
 05 N: <[OI]>qu - ir (*sem foco da câmera com expressão de surpresa*)
 06 F: <SIM!>rlc - fp (*aceno de cabeça positivo*)
 07 N:< POR QUE>qu - ir (*sem foco da câmera*)
 08 F: <PORQUE PASSADO FALAR, CONHECER LIBRAS NADA!>
 09 F: <VIA SURDO CONVERSAR LIBRAS>.
 10 F: <EU (*gesticulação tipo: tocar nas costas para chamar*) QUERER APRENDER LIBRAS>
 11 F: <LOUCA APRENDER LIBRAS! QUERER!>
 12 F: <SURDO, OI..OI PRA MIM>(voltado para a convidada)
 13 F: <SÓ OI BRILHAR PRA MIM>(Expressão de surpresa)
 14 F: <PRIMEIRA VEZ LIBRAS MINHA LIBRAS, OI, OI>rlc(Expressão de surpresa)

Tradução:

N: Agora para encerrar, que palavra em Língua de Sinais você mais gosta?

F: Oi.

N: Oi? Por quê?

F: Porque antes, quando eu falei que não sabia nada de Libras e via outros surdos conversando e eu achava que era mímica, eu disse que queria aprender Libras. Eu estava louca para aprender Libras, e um surdo chegou pra mim e disse: “oi”. E esse “oi” simples brilhou pra mim. Foi a minha primeira sinalização: “oi”. Então, eu digo: “oi”!

4.1.2 Excerto 2 - Discussão dos aspectos emergidos

Nesse instante da entrevista, temos o costumeiro momento em que o apresentador (N) pede que o convidado diga uma palavra ou sinal que lhe seja significativo. A convidada "Fabíola" traz o sinal soletrado "OI", que causa surpresa no apresentador, que logo questiona a razão de tal palavra. Neste instante, (N) inicia um Reparo repetindo o sinal com expressão de dúvida. Sem titubear, "Fabíola" diz que esse foi o primeiro sinal que ela aprendeu ao se aproximar da comunidade surda. Temos, então, uma fonte na linha 1, que dá início a um Autorreparo na linha 2, que é levado a cabo pelo falante da fonte de problema na linha 3. Na sequência, vemos novamente uma fonte de problema na linha 4, que leva ao início de um Reparo na linha 5, que é levado a cabo pelo falante da fonte de problema na linha 6. Todavia, essa mesma linha 6 torna-se uma fonte de problema que dará início a outro Reparo na linha 7.

No excerto 2, vemos que o apresentador se autorrepara logo no início quando solicita que a convidada diga uma palavra ou sinal que lhe seja relevante. Na linha 2, o apresentador parece perceber que sua solicitação feita na linha 1 pode causar dúvidas e inicia um Autorreparo, que é levado a cabo na linha 3. Loder (2008) aponta que o Reparo está vinculado à organização sequencial da fala-em-interação e, portanto, não ocorre aleatoriamente, mas conforme uma sequência de oportunidades, normalmente próximas à fonte de problema. No excerto acima, vemos que o Reparo, iniciado na linha 2, também ocorreu próximo à fonte de problema, visto que este se dá imediatamente antes na linha 1. No trecho em questão, vemos que se trata de um Autorreparo, haja vista que foi iniciado e levado a cabo pelo falante da fonte de problema, o que é uma preferência, conforme Loder (2008).

Ainda nesse excerto, podemos observar o Reparo no trecho da interação, já discutido no capítulo anterior, quando tratamos das Ideologias Linguísticas. Agora, porém, quando nos atentamos ao fenômeno do Reparo, vemos que quando o apresentador pede à convidada para dizer uma palavra ou sinal que lhe fosse relevante, "Fabíola" diz "OI", um sinal soletrado a partir de letras do alfabeto da Língua Portuguesa. Esse sinal parece ter causado certo estranhamento no apresentador, tornando-se, então, uma fonte de problema, que deu início a um Reparo na linha 5. Nos mesmos moldes já comentados, (N) inicia um Reparo marcando sua identidade de entrevistador que quer trazer informações claras aos seus telespectadores, ao mesmo tempo em que se posiciona como alguém que se surpreende ao ver um surdo trazer um empréstimo linguístico da LP como palavra, de tamanha simplicidade, porém importante em sua vida. Na linha 6 percebe-se uma tentativa de resolver o problema por meio de um aceno de cabeça dizendo sim. Todavia, dificuldades em uma interação podem se dar por

problemas de escuta, ou visualização, tratando-se de língua de sinais, problemas de produção, quando se diz algo com equívoco, ou, ainda, problemas de entendimento. Entre as linhas 4, 5, 6 e 7 o que parece haver é uma dificuldade no entendimento de algo como o sinal “OI”, que foge do ideal representado tanto pela *web TV*, quanto pelo programa pesquisado, da cultura surda e de uma Libras sem qualquer influência da língua oral. Todavia, quando a convidada, na linha 6, confirma o questionamento da linha 5 por meio do “SIM” em aceno de cabeça, essa confirmação se torna uma fonte de problema que dá início a uma nova sequência de Reparo na linha 7. Essa nova sequência culmina em um Reparo levado a cabo pelo falante da fonte de problema por meio da explicação que se desenrola entre as linhas 8 e 14 do excerto 2. Esse tipo de Reparo é uma preferência entre as demais trajetórias (SCHEGLOFF *et al.*, 1977), haja vista que a organização sequencial das oportunidades para o Reparo contribui para que o falante da fonte de problema o leve a cabo, principalmente quando há a autoiniciação. Logo, o Reparo levado a cabo pelo outro é uma prática menos preferida e, quando acontece, é normalmente acompanhado de atrasos e índices de incerteza do tipo “eu penso ou acho” ou, ainda, em formato de pergunta do tipo: “você quis dizer?”.

4.2 Discussão dos aspectos emergidos na entrevista com "Geraldo" (Duração total 25':59")

Nessa entrevista, o apresentador, seguindo o roteiro recorrente no programa, permite que o convidado fale sobre suas experiências profissionais, realiza questionamentos acerca de dificuldades educacionais vivenciadas pelo convidado, sobre sentir ou não falta da Libras, e se espanta quando este diz que pretende ensinar Libras para garçons ouvintes. Podemos também observar situações que caracterizam o fenômeno do Reparo quando o convidado utiliza um sinal, (*BULLYING*) de outra língua, a Língua Americana de Sinais – ASL, e quando este discorre acerca de seu implante coclear e sua relação com a oralização. "Geraldo" diz ao apresentador do programa como foi sua infância e juventude, relatando ter experienciado o “*Bullying*” no contexto escolar. Todavia, "Geraldo" produz inicialmente um sinal para “*Bullying*” e soletra essa palavra pela metade para possivelmente levar o apresentador ou até mesmo o público a compreender o que dissera. Imediatamente depois, "Geraldo" produz um segundo sinal para o referente “*Bullying*” e, nessa hora, recebe do apresentador o sinal comumente utilizado pelos surdos que participam de um Instituto que tem sido referência em educação de surdos no Brasil deste século XIX.

Excerto 3: (09':31" - 10':05")

- 01 N: <CURIOSIDADE VOCÊ DESENVOLVIMENTO VIDA SUA>fp
 02 N: <JUVENTUDE PASSADO INFÂNCIA COMO ESTUDAR>qu - ir
 03 N:< VIDA DESENVOLVIMENTO EXPLICAR PARA MIM>qu - fp
 04 G: <VIDA [EXPLICAR COMO] >qu - ir
 05 N: <[SIM VIDA SUA ESTUDO] DIVERSAS COISAS>rlc - fp
 06 G: <EU COMEÇAR INFÂNCIA>qu - ir
 07 G: <ESTUDAR SURDEZ [DESENVOLVIMENTO]>qu
 08 N: <[DESENVOLVIMENTO]>rlc
 09 G: < CONTATO SURDO NÃO, NÃO>
 10 G: <EU CRESCER VIVER BULLYING¹, B-U-L-L-Y, AHM>fp(Expressão de dúvida)
 11 G: <SINAL BULLYING²>fp
 12 N: < BULLYING² ESTADOS UNIDOS, ASL BULLYING²> ir
 13 N: <INES TER ALGUNS [BULLYING³]> rlc
 14 G: < [BULLYING³]>
 15 N: <MAS DEPENDER!>
 16 N: <VOCÊ>qu
 17 G: <VIDA SOFRER BULLYING³>

Tradução do excerto 3:

N: Você poderia contar como foi sua juventude, sua infância, sua vida na escola?

Poderia explicar?

G: Falar da minha vida?

N: Como foi seu desenvolvimento, sua época de escola. Conte um pouco o desenvolvimento.

G: Quando eu era pequeno não tinha contato com surdos.

G: Fui crescendo e eu vivia sofrendo *bullying*. *Bullying* (soletrado), sinal *bullying*.

N: Ah, *bullying*. Isso é *bullying* em Língua de Sinais Americana. No INES, alguns fazem assim.

N: Mas, *ok*. Você?

G: Então, sofri muito *bullying* (repetindo o sinal feito pelo apresentador)

4.2.1 Excerto 3 - Discussão dos aspectos emergidos

Após um extenso relato de experiências, (N) pede que o convidado fale sobre sua infância e juventude e como foi seu processo de escolarização. "Geraldo" aparenta não entender a questão proposta, e (N) explica novamente. A partir de então, "Geraldo" explica que quando criança não teve contato com surdos e que cresceu sofrendo *bullying*. Nesse instante, ele faz um sinal de uma dada forma, soletra a palavra referente ao sinal e dá outro sinal para tal palavra. Nesse momento, o apresentador diz que esse sinal pertence à outra língua de sinais, a Língua de Sinais Americana - ASL. (N) relata que no Instituto educacional usam outro sinal, e o apresenta ao convidado, que o recebe tranquilamente e o incorpora à sua sentença. O convidado segue dizendo sobre sua infância solitária, sua inserção na escola especial, sua ida para escola de ouvintes, onde sofreu muitos traumas, mas, aos poucos, se acostumou e teve ajuda de colegas e professores. Além disso, o convidado também enfatiza positivamente a oralização a qual foi submetido na escola. O apresentador pergunta a "Geraldo" se ele sentia falta da Libras, e ele prontamente usa o sinal "nada", dando a entender que não, e logo complementa com o sinal de "oralização", levando à interpretação de que não sentia falta da Libras por ser oralizado, tendo aprendido a sinalizar com uma namorada.

Observamos que nesse excerto se repete uma sequência de Autorreparo parecida com a do anterior. Entre as linhas 1 e 3, visualizamos uma sequência de Autorreparo quando o apresentador deseja saber sobre a escolarização e desenvolvimento do convidado e parece encontrar problemas na tentativa feita na linha 1, inicia o Reparo reformulando na linha 2 e o leva a cabo na linha 3, quando, enfim, diz que quer que o convidado lhe conte sobre sua vida e desenvolvimento. Contudo, a última frase dessa sequência, na linha 3, parece tornar-se uma fonte de problema, que dá início a um Reparo iniciado pelo outro (linha 4) e levado a cabo pelo falante da fonte de problema (5). O resultado desse Reparo, (linha 5), no entanto, torna-se uma fonte de problema que desencadeia uma outra sequência de Reparo, (linhas 6 e 7), na qual "Geraldo" pergunta se deve falar desde a infância, seus estudos, a surdez e seu desenvolvimento. Essa sequência será levada a cabo na linha 8, por meio da confirmação através da palavra "desenvolvimento", que soa como algo do tipo: "é isso mesmo, quero saber sobre seu desenvolvimento".

Em consequência da solicitação de falar de seu desenvolvimento, na linha 3, o convidado começa a relatar como foi sua vida e escolarização na linha 9. Nesse instante, "Geraldo" relata não ter tido contato com surdos na infância e ter vivenciado o *bullying* na escola de ouvintes. Então, ele produz um sinal para esse termo na linha 10, que é

imediatamente seguido de um Autorreparo, na mesma linha, por meio da soletração dessa palavra, em uma tentativa que não se completa. Na linha 11, "Geraldo" reformula fazendo um segundo sinal para *bullying*. Todavia, essa reformulação se torna uma fonte de problema no ponto de vista do apresentador (N), que o leva iniciar um Reparo com correção a partir da linha 12.

Salimen e Conceição (2009), ao tratarem sobre Reparo, Correção e Avaliação em sala de aula, a qual também é um ambiente institucional, apontam a Correção como algo que muitas vezes se presta, de certo modo, a desqualificar o que foi dito ou feito anteriormente pelo outro participante. Embora estejamos tratando de um ambiente institucional televisivo, pode-se dizer que na situação acima houve algo semelhante. Os sinais trazidos pelo convidado "Geraldo" foram compreendidos pelo apresentador (N), porém, desqualificados por este quando diz na linha 12 que aqueles são sinais usados na ASL. Nessa sequência de iniciado e levado a cabo pelo outro, vemos na linha 17 que o convidado abandona os sinais feitos anteriormente e passa a adotar o sinal para *bullying* trazido pelo apresentador.

Excerto 4: (12':43" - 13':04")

- 01 G: <APRENDER MUITO ORALIZAÇÃO>
 02 G: <MAS TELEFONAR NÃO. TELEFONAR NADA>fp
 03 N: <[NÃO] - qu TELEFONAR NADA>ir
 04 G: <[NÃO]>rlc
 05 G: <VOZ (Tapando a boca) NÃO>
 06 G: <SÓ LEITURA LABIAL, SURDO, NÃO USAR SURDO!>n
 07 N: < !!! >
 08 G: <COZINHAR MEXER PANELA F-O-R-N-O ATRÁS APITARfp
 09 N: <SÓ!>qu - ir
 10 G: <GARÇOM CHAMAR, ("Geraldo"), ME ENTREGAR PEDIDO COZINHAR>
 11 N: <SÓ!>qu
 12 G: <SIM>(Aceno de cabeça positivo)

Tradução do excerto 4:

G: Eu aprendi bastante com a ajuda da oralização, mas não falo no telefone.

N: Nada?

G: Não. Uso o implante sempre como apoio de leitura labial. Uso mais por causa da cozinha.

G: É forno que apita.

N: Só?

G: O garçom chamando.

N: Só?

G: Por isso eu uso o implante.

4.2.2 Excerto 4: discussão dos aspectos emergidos

No excerto 4, podemos visualizar um trecho de uma conversa anteriormente iniciada acerca do processo de oralização do convidado "Geraldo". No recorte a seguir, "Geraldo" diz ter aprendido muito com a oralização e se mostra satisfeito com tal processo. Todavia, diz que não é capaz de telefonar, o que se torna uma fonte de problema na linha 1, desencadeando o fenômeno do Reparo. Esse fenômeno ainda se repete, discretamente, mais adiante, quando "Geraldo" relata como a oralização e, possivelmente, o implante o auxiliam na relação com seus colegas de trabalho em um restaurante.

Nesse trecho da interação, vemos que o convidado inicia o turno falando positivamente de seu aprendizado no que diz respeito à oralização. Alguns instantes antes, o assunto se desenrolava tratando do implante coclear feito pelo convidado e se seu processo de oralização. No entanto, quando na linha 2 "Geraldo" diz não ser capaz de telefonar, isso se torna uma fonte de problema que desencadeará o início de um Reparo na linha 3, onde o apresentador questiona surpreso, "Não? telefonar nada!", e que é levado a cabo logo a seguir nas linhas 4, 5 e 6 e 8, nas quais "Geraldo" dá a entender que o implante o auxilia na leitura labial e nas atividades do seu trabalho no restaurante, como, por exemplo, quando diz: "*Cozinhar, mexer panela f-o-r-n-o atrás apitar*". Nessa sequência fica evidente o Reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte de problema que também converge com o formato preferencial apresentado por Schegloff *et al.* (1977) e discutido anteriormente.

A sequência comentada no parágrafo anterior gera uma nova fonte de problema na linha 8. "Geraldo", ao dizer do auxílio do implante em escutar o forno apitar, leva o apresentador a questionar: "Só?", como se esperasse algo mais da capacidade do implante para que o mesmo valesse à pena. O convidado começa a levar a cabo o Reparo na linha 10, mas parece não atender a expectativa do entrevistador, que questiona novamente: "Só?". Ao

que "Geraldo" finaliza a sequência levando a cabo o Reparo na linha 12 ao acenar que sim com a cabeça.

Percebe-se nas duas sequências de Reparo desse excerto uma quebra de expectativa em relação ao implante. Embora não seja objetivo da ACE as explicações de caráter psicológico ou análise de intenções, visto que, para este campo teórico e metodológico, as asserções são feitas sobre o que é exposto pelos participantes e o que estes consideram demonstradamente relevante (GARCEZ, 2008), podemos inferir que, de certo modo, houve uma crítica com base no que se esperava do implante, haja vista que se trata de um procedimento cirúrgico que divide opiniões na comunidade surda e entre muitos surdos e seus familiares existe a crença de que o implante tornará o surdo um ouvinte totalmente oralizado. Logo, é provável que o apresentador tenha tentado dizer algo do tipo: *“Você fez um procedimento tão caro e de risco só para ter um apoio na leitura labial e escutar apitos de fornos e panelas?”*. Desse modo, estaria sendo desferida uma crítica e, ao mesmo tempo, um dizer tal como *“Eu prefiro ficar como estou, surdo mesmo, com minha identidade e cultura”*. Essa é uma representação que faz parte Mandato Institucional³² do programa e, portanto, algo a que se propõe tanto a TV quanto o programa, haja vista que a maioria das histórias de vida de surdos, ali apresentadas, tem a cultura, a identidade e a língua de sinais como marcas de sucesso, visto que boa parte dos convidados, ao contrário de "Geraldo", relata histórias de dificuldade com a oralização imposta pela cultura ouvinte e, em contrapartida, sucesso ao adentrar ao universo da cultura surda e da língua de sinais.

No contexto das entrevistas, a escolha lexical contempla palavras ou frases como: *qual seu sinal?*, *curiosidade*, *dificuldades vivenciadas*, *trajetória de escolarização*, dentre outras. Além disso, na construção dos turnos é fácil perceber que alguns desempenham a ação de pergunta e outros de resposta e que a organização das sequências se baseia nessa mesma lógica. Também é possível verificar que há uma ordem pré-estabelecida de atividade, bem como se percebe que há construção de outras relações sociais durante este encontro institucional quando o apresentador relembra que o convidado "Geraldo" cozinhou em seu aniversário e que a comida estava deliciosa.

Apesar de a conversa institucional não ser definida especificamente pelo contexto em que acontece, nas entrevistas apresentadas neste capítulo foi possível notar as características da fala-em-interação institucional conforme os estudos de Drew & Heritage (1992), que são

³² Mandato Institucional: Conforme Drew & Heritage (1992), trata-se de uma das três características principais da fala institucional e diz respeito à finalidade da interação, onde os participantes têm objetivos a cumprir, ainda que haja alternância de estilos a que manter as identidades institucionais que os participantes tornam relevantes ao construir esta interação.

endossadas por Del Corona (2009). Partindo do princípio de que “as interações institucionais orientam-se e são organizadas para o cumprimento de uma tarefa pertinente à instituição em questão.” (DEL CORONA, 2009, p. 17). Temos a presença de uma orientação para o cumprimento do mandato institucional quando vemos um empenho do programa em trazer histórias de vida marcadas pela superação das dificuldades enfrentadas por pessoas surdas e, ainda, por histórias de ressignificação por meio do conhecimento e aprendizado da Língua de Sinais. Desse modo, podemos inferir o objetivo de ensinar a sonhar por meio da divulgação de relatos de superação e ainda por meio de escolhas lexicais, como, por exemplo, a palavra *perseverança*.

No que diz respeito às restrições às contribuições aceitas para ações dos participantes, na entrevista com "Fabíola", a conversa se manteve basicamente entre perguntas e respostas voltadas para exposição da trajetória de vida desta convidada. Todavia, com o convidado "Geraldo", temos em momentos não recortados nos excertos, porém descritos na contextualização feita no capítulo 3 deste estudo, situações de ensino de receitas por parte do convidado, apresentador vestindo o uniforme de *chef* de cozinha do convidado, dentre outros.

No que diz respeito à inferência de enquadres e procedimento, percebemos como procedimentos que são peculiares ao contexto institucional específico de entrevista a recorrência de sequências de perguntas por parte de apresentador e respostas por parte dos convidados. Acerca das perguntas selecionadas, notamos que estas foram selecionadas de modo a ressaltar a trajetória educacional dos convidados, as dificuldades por estes vivenciadas e, ainda, o aprendizado e uso da Língua Brasileira de Sinais e consequente desenvolvimento de uma identidade e cultura surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com o desenvolvimento deste estudo apresentar indícios de Ideologias Linguísticas na interação que se desenrola durante o programa, cujos participantes se comunicam pela Libras, e apresentar as trajetórias de Reparo conforme os estudos e ACE. Para tanto, procuramos descrever de modo contextualizado o espaço de interação, identificando os indícios de ideologias relacionadas a Libras e seu uso em um contexto institucional de entrevista televisiva. Também descrevemos e analisamos nos turnos de falas as trajetórias de Reparo em um espaço onde a ação social é construída conjuntamente entre participantes surdos, porém, os turnos são, geralmente, iniciados pelo entrevistador mediante as perguntas feitas aos convidados, conforme já apontavam Heritage e Clayman (2010).

No tocante às Ideologias Linguísticas, percebemos que estas se manifestam, no contexto investigado, entre os turnos de fala por meio enquadres e alinhamentos que colocam em evidência a Libras e a cultura surda, visto que o apresentador conduz a conversa de modo que o convidado apresente suas dificuldades antes de imergir na cultura surda por meio da língua de sinais, e o conseqüente sucesso após tal imersão. Esta prática reflete a concepção de Ideologias Linguísticas enquanto construto social que reflete posicionamentos distintos conforme o ponto de vista a partir do qual nos referenciamos (KROSKRITY, 2004; 2008). Além disso, vimos que este contexto reflete ideologias que ensinam os surdos a sonhar e acreditar em um desenvolvimento por meio de sua própria língua. Sendo assim, as entrevistas do programa investigado corroboram com Passuello e Ostermann (2007) acerca do fato de que entrevistadores desempenham um papel que não se resume ao de condutores de perguntas e respostas, pelo fato de estarem eles, em certa medida, envolvidos na produção das respostas do participante, sendo, portanto, co-produtores destas.

Sabemos que todo processo linguístico está atrelado a construções ideológicas (RIVAS; DIEZ, 2014) e percebemos, neste estudo, que Ideologias Linguísticas permeiam as entrevistas analisadas, visto que estas são constituídas por atores sociais em ação conjunta. Assim como os surdos de Admorobe, ao sul de Gana, pesquisados por Kusters (2014), apreciam a língua AdaSL desenvolvida entre os surdos da própria comunidade e a veem como mais expressiva do que a língua GSL ensinada oficialmente nas escolas urbanas, o apresentador do programa, enquanto representante de uma entidade maior, evidenciou a Libras enquanto língua do povo surdo brasileiro, que difere da Língua Portuguesa, enquanto língua oral, e das Língua de Sinais de outros países. Neste último caso, percebeu-se tal

distinção quando o apresentador apontou os sinais trazidos por “Geraldo” para *bullying* como estrangeiros e como os surdos brasileiros representavam este vocábulo. Logo, as ideologias são representadas em minúcias, tanto por questionamentos como os que foram feitos ao “Geraldo”, em um dos excertos, acerca do seu sinal feito a partir da letra inicial de seu nome combinado a uma configuração do alfabeto e localização alusivas ao implante coclear e que remetem à cultura ouvinte e a Língua Portuguesa, quanto por correções como a que se deu quando foi trazido um sinal estrangeiro para *bullying*, haja vista que tais situações fogem das ideologias que o programa quer apresentar, visto que por trás de seu apresentador existe toda organização da *web TV*, que quer apresentar a Libras em um determinado padrão, como marca de sucesso e de identidade surda. Logo, o alinhamento do apresentador pode ser entendido como uma postura de valorização da Libras, que, embora não desqualifique os sinais estrangeiros, ressalta a Libras e seu desenvolvimento histórico a partir de um importante instituto de educação de surdos no Brasil, o INES. Esta instituição é uma referência centenária para os surdos brasileiros e, apesar dos anos em que esteve sob a filosofia oralista, manteve-se como parâmetro em língua de sinais devido às suas atividades voltadas para uso e difusão da Libras³³.

Com relação às trajetórias de Reparo na interação sinalizada, tendo como referência os estudos em línguas orais, tais como Schegloff, Jefferson e Sacks (1977), Abreu (2003), Ladeira (2007) e Loder e Jung (2008) e as poucas referências de estudos com foco em interações em Libras, como Leite (2008), Medeiros e Ferreira (2010) e Souza (2017), percebemos a presença da sequencialidade da fala-em-interação entre os turnos das sinalizações, com algumas sobreposições que, assim como acontece na conversa em línguas orais, foram rapidamente desfeitas. Também percebemos situações de Reformulação construídas para reparar Formulações (PENNA, 2016), ou seja, ações realizadas pelos participantes que constituíram alguma fonte de problema, gerando uma sequência de Reparo.

O Reparo, em todos os excertos se fez presente próximo à fonte de problema, conforme aponta Loder (2008), e ainda percebemos uma quantidade relevante de Autorreparo, ou seja, o Reparo iniciado e levado a cabo pelo falante da fonte de problema, geralmente por parte do apresentador do programa. Entendemos, conforme Heritage e Clayman (2010), que a tarefa institucional do apresentador, no contexto analisado, é exatamente gerir suas escolhas e ações, se autorreparando quando for o caso, visando garantir o entendimento da pergunta pelo

³³ Para mais informações consultar: <<http://www.ines.gov.br/>> Acesso em: 28 jun. 2018.

outro participante para que sua resposta atenda àquilo que o programa espera informar aos telespectadores.

Apesar de o Autorreparo ocorrer em uma proporção significativa, este não superou as ocorrências de Reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte de problema, evidenciando-se mais de uma vez na maior parte dos excertos. Acreditamos que o contexto institucional de entrevista televisiva corroborou para a maior incidência do Reparo iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte de problema, onde este outro, na maior parte das vezes, foi o entrevistador pelo fato de este iniciar boa parte dos turnos ao fazer as perguntas ao convidado. Embora Schegloff *et al.* (1977) salientem que na conversa cotidiana normalmente há uma preferência pelo Reparo ser levado a cabo pelo falante da fonte de problema, visto que a organização sequencial das oportunidades para o Reparo geralmente corrobora para que o problema seja resolvido pelo próprio falante. Todavia, conforme Heritage e Clayman (2010), definir uma fronteira entre conversa cotidiana e institucional pode não ser simples, visto que, embora distintos, em contextos institucionais como salas de aula, audiência e também entrevistas, é possível haver indícios de conversa cotidiana.

Uma trajetória de Reparo que também nos instigou foi a de Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro, na sequência do excerto 3, onde o entrevistador traz um terceiro sinal para *bullying* com ares de correção acerca dos sinais produzidos anteriormente pelo convidado. Como vimos a partir das colocações de Passuello e Ostermann (2007), em uma entrevista é possível perceber os papéis ali desempenhados pelo próprio contexto de interação. No entanto, essa sequência aproximou-se de uma situação comum em salas de aula tal como o que fora discutido por Abreu (2003) ao tratar da organização do Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na sala de aula tradicional, e ainda remeteu ao Reparo associado à correção em sala de aula, discutido por Salimem e Conceição em Loder e Jung (2009).

Este estudo não pretendeu estabelecer qualquer verdade e está aberto a complementações futuras por parte de outros estudiosos, visto que a partir dele podem ser desencadeadas investigações acerca de Ideologias Linguísticas a partir de outros contextos em que a comunidade surda se faz presente, como movimentos políticos e salas de aula, ou, ainda, estudos acerca de técnicas de iniciação de Reparo a partir de interações em Libras. Podem, ainda, a partir das questões e desafios metodológicos, por meio de estudos acerca de metodologias de transcrição de interações sinalizadas por meio de glosas ou ainda a partir de outros formatos, valendo-se de ferramentas como o ELAN ou outros recursos tecnológicos, além de descrições de interações por meio de imagens.

Esperamos, a partir das discussões aqui levantadas, ter somado às pesquisas voltadas para interação em Língua de Sinais por meio da descrição contextualizada do espaço de interação constituído a partir de entrevistas televisivas em Língua de Sinais. Expusemos neste estudo as Ideologias Linguísticas representadas por meio de um programa de entrevistas em uma TV pensada para o público surdo e, ainda, descrevemos e analisamos, neste contexto, as trajetórias de Reparo entre os turnos constituídos por perguntas e respostas feitas por participantes surdos, em Libras.

Esperamos que a apresentação aqui realizada possa estimular novas pesquisas com foco na interação em Libras, com vistas à compreensão de como tem se dado o uso colaborativo da segunda língua, reconhecida legislativamente no Brasil, nos diversos espaços sociais deste país. Ainda há muito que descobrir sobre a interação sinalizada que se desenvolve, quer na conversa cotidiana, quer nos contextos institucionais.

A partir das discussões aqui realizadas, outros estudos podem ser alavancados com olhar sobre os iniciadores ou técnicas de iniciação de Reparo na interação sinalizada, tais como apontam os estudos de Schegloff, Jefferson e Sacks (1977), feitos sobre interações em língua oral. Visto que o Reparo não é algo pontual, mas um processo iniciado a partir de uma fonte de problema, porém, com variados iniciadores, aos quais não foi possível dar atenção neste momento. Podem, ainda, a partir das discussões deste estudo, ser levantadas investigações que tragam à tona as histórias que constroem a identidade e a cultura surda assim como as apresentadas nas entrevistas analisadas, porém, em outros contextos, como o escolar, as redes sociais, as associações de surdos, dentre outros temas importantes para a visibilidade e aprofundamento dos estudos envolvendo a Libras e os aspectos culturais das pessoas surdas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caroline Soares de. **A organização do reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana e na sala de aula tradicional em português brasileiro.** Dissertação de Mestrado. Instituição, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2003.

AMARAL, Daniella do. **Ideologias linguísticas em contexto de migração qualificada no Brasil: o caso do programa Mais Médicos.** Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e linguística. Goiânia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7210/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Daniella%20do%20Amaral%20-%202016.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2018.

ASSIS, Denise de Souza. **Igrejas de frente com Gabi:** uma análise do discurso religioso midiático. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Viçosa, 2017.

ATKINSON J. M.; HERITAGE J. (orgs), **Structures of social action:** studies in conversation analysis. Cambridge: Cambridge University Press and Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

AUSTIN, John. **How to do things with words.** Cambridge: Harvard University Press, 1962

BAALBAKI, Angela. CALDAS, Beatriz. **Impacto do congresso de Milão sobre a língua dos sinais.** Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1885 Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/156.pdf> Acesso em: 14 jun. 2018.

BAKER. Regulators and turn taking in American Sign Language. In: LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da Língua Brasileira de Sinais (Libras):** Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008; Tese (Doutorado).

BARROS, Eudenia Magalhães. Mobilizações políticas e o movimento surdo: Sobre os (novos) arranjos das ações coletivas contemporâneas. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. **Anais...** Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402002726_ARQUIVO_EUDENIAMAGALHAES-ArtigoCompleto.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.

BOAS, Franz. **Race, Language, end culture.** Reprint. Originally published: New York: Maacmillan, 1940.

BRASIL. **Código Civil. Código civil quadro comparativo 1916 / 2002.** Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70309/704509.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2018.

_____. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Seção 1, p.3.

_____. Lei nº 12.965 de 23 de abril de /2014. Brasília - DF, 2014;

CÁCERES, Glenda Heller. **Políticas linguísticas em uma escola pública de ensino médio e tecnológico**: a oferta de línguas estrangeiras. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(53.1): 103-129, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132014000100006&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 14 jun. 2018.

CAETANO, Carla Rejane de Paula Barros; LADEIRA, Wânia Terezinha. Um olhar sobre a Interação em Língua Brasileira de Sinais – Libras à luz da Análise da Conversa Etnometodológica: a ocorrência do reparo na conversa sinalizada. *ABRALIN em cena Libras. Cadernos de resumo*, ISBN: 978-85-5913-026-3, p.39. 2016.

CAETANO, Saulo Vicente Nunes; FALKEMBACH, Gilse A. Morgental. YOUTUBE: uma opção para uso do vídeo na EAD. *CINTED-UFRGS. Novas Tecnologias na Educação*, v. 5 nº 1, julho 2007;

CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 6, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista6numero1pdf/r6_art06.pdf> Acesso em: 15 jun. 2018.

CARMO, Michel Soares do. **Mapeamento dos estudos sobre ideologia linguística no Brasil**. InternationalCongressofCriticalAppliedLinguistics Brasília, Brasil – 19-21 Outubro 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/projetos/iccal/pages/arquivos/ANAIS/LINGUAGEM%20EPIST.%20ONTOLOGIA/MAPEAMENTO%20DOS%20ESTUDOS%20SOBRE%20IDEOLOGIA%20LINGUISTICA%20NO%20BRASIL.pdf>> Acesso em: 19 jun. 2018.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of theory of syntax**. Cambridge MA: MIT, 1965

COOPER, Audrey C.; NGUYÊN, Trần Thúy Tiên. Signed Language Community- Researcher Collaboration in Viêt Nam: Challenging Language Ideologies, Creating Social Change. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 25, Issue 2, 2015. pp. 105–128

CRUZ-NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2002.

DREW, Paul.; HERITAGE, John. Analyzing Talk at Work: An introduction. In: DREW, P.; HERITAGE, J. (Orgs.). **Talk at Work**: interaction in Institutional Settings. Cambridge University Press. 1992

DEL CORONA, Marcia. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de audiências criminais. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (org.) **Análises da Fala-em-interação institucional**: a perspectiva da análise da conversa etnometodológica. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. New York: Cambridge University Press, 1997.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology: a reader**. Ed. Blackwell, 2001

FELIPE, T. A. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos Sinais da LSCB. **Revista Espaço: INES**, ano 1 , nº 1. Rio de Janeiro. 1990: 20-43

_____. **Integração Social & Educação de Surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993;

FERREIRA, Carolina Magalhães de Pinho. **Contagem e recontagem do conto chapeuzinho vermelho: Co-construção da narrativa por crianças surdas em segunda língua através da mediação em terapia fonoaudiológica**. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. PUC-Rio, 2008

FLICK, Uwe. **Coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre. Artmed, 2009.

FRANCISCO, Deise Juliana; SILVA NETO, Luiz Wilson Machado da Costa. Questões sobre integração das tecnologias digitais da informação e comunicação e a ética em pesquisas. **Laplage em Revista** (Sorocaba), v. 3, n. 2, mai.-ago. 2017, p.136-149. ISSN:2446-6220;

FREITAS, Ana Luiza Pires de; MACHADO, Zenir Flores. Noções fundamentais: A organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, LETÍCIA LUDWIG. JUNG, NEIVA MARIA (Orgs). **Fala-em-interação social: Introdução à análise da conversa etnometodológica**. Mercado de Letras. Campinas, SP, 2008;

GAGO, Paulo C. Questões de transcrição. **Revista Veredas**, v. 6, n. 2, Dez/2002

GAL, Susan. Linguistic Anthropology. In: SILVERSTEIN, M (org). **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2nd ed., Elsevier Publishers: Oxford, 2006;

_____. **Multiplicity and contention among ideologies: a commentary**. *Pragmatics*, 2 (3): 445-449, 1992;

GARCEZ, P. M. A Perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs). **Fala-em-interação social: Introdução à análise da conversa etnometodológica**. Mercado de Letras. Campinas, SP, 2008.

GEDIEL, Ana Luisa Borba. **Falar com as mãos e ouvir com os olhos?: A corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos de Porto Alegre**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2010;

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre. Artmed, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. Harper & Row, New York, 1974.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da face. In: FIGUEIRA, S. A. (org). **A psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs) **Sociolingüística Interaccional: Antropología, lingüística, sociología em análise do discurso**. Porto Alegre: Age, 1998.

GOMES, Renan Araújo. **“Ai, como eu sou bandida”**: A Análise Discursiva Crítica sobre a construção identitária da personagem transexual Valéria Vasques, no programa de televisão Zorra Total, da Rede Globo. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Viçosa, 2013.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: Deslandes, Suely Ferreira *et al.* **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GÓMEZ, G. R.; FLORES, J. G.; JIMÉNEZ, E. G. Metodología de La investigación cualitativa. In: TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa científica em andamento**. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2010.

GUMPERZ. John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs) **Sociolingüística Interaccional: Antropologia, lingüística, sociología em análise do discurso**. Porto Alegre: Age, 1998.

GUMPERZ. John J. HYMES, Dell. (Eds). **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Basil Blackwell, 1986. [First published in The United States of America 1972].

HERITAGE, John; CLAYMAN, Steven. Conversation Analysis and Social Institutions. In: HERITAGE, John; CLAYMAN, Steven. **Talk in Action: Interactions, Identities and Institutions**. Wiley-Blackwell. USA, 2010 (Parte 1) (a).

_____. News interview turn taking. In: HERITAGE, John; CLAYMAN, Steven. **Talk in Action: Interactions, Identities and Institutions**. Wiley-Blackwell. USA, 2010. (Parte 5) (b)

HOFFMANN-DILLOWAY, Erika. **Writing the smile: Language ideologies in, and through, sing languages scripts**. Oberlin College, department of Anthropology, United States, June 2011.

HONORA, Márcia; Frizanco, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

KAPLAN, R. B; BALDAUF JR., R. B. (1997). **Language Planning: from practice to theory**. Bristol, USA: MultilingualMatters.

- KLIMA, E.; BELLUGI, U. The Signs of Language. Cambridge: Harvard University Press, 1979. In: CAPOVILLA, Fernando C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, 2000. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista6numero1pdf/r6_art06.pdf> Acesso em: 15 jun. 2018.
- KROSKRITY, P. V. Language Ideologies. In: DURANTI, A. (Ed.). **A Companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 496-517.
- _____. Regimenting Languages: Language Ideological Perspectives. In: KROSKRITY, P. V. (ed.). **Regimes of language: ideologies, politics, and identities**. Santa Fe: School of American Research Press, 2008. p. 1-34.
- KUSTERS, Annelies. **Language ideologies in the shared signing community of Adamorobe. Language in Society**, vol. 43, Cambridge University Press, 2014. p. 139- 158.
- LACALLE, Charo. **As novas narrativas da ficção televisiva e a Internet**. **Matrizes**, ano 3 – nº 2, jan./jul. 2010;
- LADEIRA, Wânia Terezinha. Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em Sociolinguística Interacional. **Revista de Ciências Humanas / UFV**, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. v. 7, nº I – Jan./Jun. 2007 (ISSN 1519-194)
- LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da Língua Brasileira de Sinais (Libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008; Tese (Doutorado).
- LELIS, Marina Camila Santana. **Cicatrização e representação de mulheres com câncer de mama: análise discurso-crítica do livro The scar Project: breastcancerisnot a Pink ribbon**. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Viçosa, 2016.
- LOBO, Alex Sander Miranda; MAIA, Luiz Cláudio Gomes. O uso das TICs como ferramenta de ensino-aprendizagem no Ensino Superior. **Caderno de Geografia**, v. 25, n. 44, 2015.
- LODER, Letícia Ludwig. Noções fundamentais: A organização do reparo. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (Orgs). **Fala-em-interação social: Introdução à análise da conversa etnometodológica**. Mercado de Letras. Campinas, SP, 2008.
- LODER, Letícia Ludwig; SALIMEN, Paola Guimaraens; MULLER, Marden. Noções fundamentais: seqüencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (Orgs). **Fala-em-interação social: Introdução à análise da conversa etnometodológica**. Mercado de Letras. Campinas, SP, 2008.
- LOPES, L. P. D. M. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. **D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 2008. v. 24, n. 2, p. 309-340.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Conceitos abstratos: escolhas interpretativas de português para libras**. Editora Prismas, Curitiba, 2017.

MARCUSCHI. L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática; 1986.

MCILVENNY, Paul. Seeing Conversations: Analyzing Sign Language Talk. In: HAVE, Paul; PSTHAS, George. (Orgs). **Situated order: studies in social organization of talk and embodied activities**. Boston, US: University Press of America, 1995.

MARCANO, Mery Carolina A. **Sobre Letramentos, ensino de idiomas e uso das TIC: Um Estado da Arte**. Universidade Federal de Mato Grosso. SIED - EnPED. Set. 2016.

MCCLEARY, L. e VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas**, 15(1), 289-304, 2011;

MEDEIROS, TànithaGlória de; FERREIRA, Maria Cristina Faria Dalacorte. Análise da conversação de dois alunos surdos aprendendo inglês: a organização do reparo. **Entretextos**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 34-54, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/5486/504>> Acesso em: 19-12-2017

MEDINA FILHO, A. L. (2013). Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, 25(2), 263-271.

MENDES, Conrado Moreira. A pesquisa *On-line*: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Hipertextus**, n. 2, jan. 2009

NONAKA, Angela M. Estimating size, scope, and membership of the speech/sign communities of undocumented indigenous/village sign languages: The Ban Khor case study. **Language & Communication**, v. 29, 2009. pp. 210- 229.

NORA, Andréia. Um histórico das políticas linguísticas para surdos sinalizantes: da lei de Libras ao movimento em prol da escola bilíngue. **INTERLETRAS**, ISSN nº 1807-1597. v. 6, Edição número 25, Abril/Setembro 2017.

OLIVEIRA, Nádia de Fátima. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Know How, 2010.

PAIVA, Francisco Aluisio dos Santos *et al.* Um sistema de transcrição para Língua de Sinais Brasileira: o caso de um avatar. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 12-48, 2016;

PAIVA, Vera L. M. de Oliveira. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, 2005;

PASSUELLO, Caroline Benevenuti; OSTERMANN, Ana Cristina. Aplicação da análise da conversa etnometodológica em entrevista de seleção: considerações sobre o gerenciamento de impressões. **Estudos de Psicologia**, 2007, 12(3), 243-251

PENNA, Aida Silva. **(Re)formulação e construção de conhecimento em sala de aula**. Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-Graduação em Letras. 2016.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez – um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Muller de. **Língua Brasileira de Sinais V**. CCE/UFSC, Florianópolis, 2009

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artes médicas. 2004.

RIVAS, Claudia Cecilia Martínez; DIEZ, Xoán Carlos Lagares. Ideologias linguísticas e políticas de línguas indígenas no Brasil e no México. **Anais do V SAPPIL – Estudos de Linguagem**, UFF, no 1, 2014.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. **A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation**. *Language*, v. 50, n.º 4, Part 1 (Dec., 1974), pp. 696-735. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/412243?seq=1#page_scan_tab_contents Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. Tradução: **Veredas - Rev. Ling.** Juiz de Fora, v.7, n. 1 e n. 2, p. 9-73, jan./dez. 2003

SALIMEN, Paola Guimaraens; CONCEIÇÃO, Luciana Etchebest. Reparo, correção e avaliação na fala-em-interação em sala de aula. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs). **Fala-em-interação institucional: a perspectiva da análise da conversa etnometodológica**. Mercado de Letras. Campinas, SP, 2009.

SAVEDRA, Mônica Guimarães. Estudos e pesquisas em sociolinguística no contexto plurilíngue no Brasil. **Revista Anpoll 29**. 22/06/2010 (edição anual).

SCHEGLOFF, Emanuel. "When Others Initiate Repair", **Applied Linguistics**, vol. 21, no. 2, 2000, pp. 205–243.

SCHEGLOFF, E. JEFFERSON, G. SACKS, H. The preference for self-correction in the organization of the repair in conversation. **Language**, Baltimore, vol. 53, n.º 2, p. 361-382, 1977.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. In: TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa científica em andamento**. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2010.

SILVA, Lucimar Aparecida. **Representações do corpo feminino na moda *plus size* no Brasil: um olhar multimodal em capas de revistas na versão online**. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Viçosa, 2015.

SOUSA, Aline Nunes. QUADROS, Ronice Muller. Uma análise do fenômeno “alternância de Línguas” na fala de bilíngües intermodais (Libras e Português). **Rev. Virtual Estud Ling.** 2012; 10(19): 329–346.

SOUZA, Isabelle de Araújo Lima. **Estrutura de Participação da fala-em-interação em uma aula de química para surdos.** Universidade Federal de Viçosa, abril de 2017.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trab. Ling. Aplic.** Campinas, n(56.1): 163-185, jan./abr. 2017

SOUZA, Regina Maria de. Sujeito surdo e profissionais ouvintes: repensando esta relação. **Estilos clin.** vol. 3 n.º. 4 São Paulo, 1998, Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281998000100018> Acesso em: 17 fev. 2018.

STOKOE, W. C. Sign Language Structure: AnNa outline of the visual communication system for the american deaf. In: GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola, 2009.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ|, P. M. (orgs). **Sociolinguística interacional: Antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso.** Porto Alegre: Age, 1998.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa científica em andamento.** Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2010.

VALADÃO, Michelle Nave *et al.* Os desafios do ensino e aprendizagem da Libras para crianças ouvintes e suas relações com a educação inclusiva de alunos surdos. **Revista (Con) Textos Lingüísticos**, v. 10, n. 15 (2016)

WILCOX, S. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed language. **Cognitive Linguistics**, 15(2), 119-147, doi: 10.1515\ cogl.2004.005, 2004;

WOOLARD, Kathryn A.; SCHIEFFELIN, Bambi B. Language Ideology. **Annual Review of Anthropology**, California, USA, 1994 23:1, 55-82

Biografia de (N) Pimenta. Disponível em:

<[https://www.escavador.com/sobre/3368981/\(N\)-pimenta-de-castro](https://www.escavador.com/sobre/3368981/(N)-pimenta-de-castro)> Acesso em: 10 set. 2017.

Relato de (N) Pimenta sobre a condição de ser surdo. Disponível em: <[http://interpretesdelibras.blogspot.com.br/2012/11/relato-de-\(N\)-pimenta-sobre-condicao.html](http://interpretesdelibras.blogspot.com.br/2012/11/relato-de-(N)-pimenta-sobre-condicao.html)>